

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

OS CAMINHOS DE ANTÉDIPO NAS ORGANIZAÇÕES LIMITE
E SUA TRADUÇÃO NO RORSCHACH

Filipa Falcão Rosado

Dissertação orientada por Prof. Dra. Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de mestrado realizada sob a orientação da Prof. Dra. Maria Emília Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES nº 19673/ 2006, publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro de 2006.

AGRADECIMENTOS

À Professora Maria Emília Marques, pelo incentivo à descoberta e à autonomia, pela disponibilidade e apoio que sempre demonstrou, pelo saber, experiência e sensibilidade que partilha de uma forma tão serena e ordenada, como calorosa e inspiradora.

Aos membros do júri, que aceitaram fazer parte do último momento deste trabalho, contribuindo com o seu conhecimento e experiência para a finalização deste percurso.

Aos colegas do seminário de mestrado, que fizeram desses encontros momentos de enriquecimento, de reflexão criativa, de interrogações partilhadas; sobretudo ao Pedro e ao Virgílio, com quem a partilha de dúvidas, inquietações e reflexões sobre a teoria e a clínica psicanalítica em geral, e sobre este trabalho em particular, foi intensa e sempre encorajadora.

À minha analista, que entre muitas e importantes partilhas, me apresentou a obra de Racamier, que motivou esta tese.

Aos meus pais, que por serem *suficientemente bons* se esforçaram por me ensinar a olhar o mundo na sua riqueza e complexidade, de forma apaixonada, criativa e questionadora.

Ao António e às minhas filhas, Beatriz e Margarida, que tiveram muita paciência nestes anos do curso, e com quem todos os dias aprendo sobre a vida e o amor, sobre a descoberta e a co-criação vitalizante que deve ser uma família.

RESUMO

Descreve-se o antédipo enquanto organizador psíquico fundamental, e os seus dois destinos paradigmáticos a partir da sedução narcísica: em direcção à diferenciação, ao crescimento e à criatividade através do luto originário, ou em direcção à estagnação e à onnipotência auto-engendradora através do domínio incestual. Sumarizam-se as características estruturais das organizações limite da personalidade – a fragilidade das suas fronteiras, o défice narcísico comprometedor da interioridade, a ausência de intricação pulsional, as angústias de intrusão-separação face ao objecto, e a utilização de mecanismos defensivos primitivos baseados na clivagem e na expulsão psíquica – e relacionam-se as mesmas com o desenvolvimento psíquico antedipiano: teoriza-se que uma falha na sedução narcísica original compromete a possibilidade de um luto organizador, impedindo a constituição de uma Ideia do Eu mediadora e securizante, fragilizando assim o Eu que procura movimentos incestuais como forma de controlar o objecto perigoso mas narcisicamente indispensável. Traduzem-se os principais organizadores antedipianos para a técnica Rorschach, constituindo uma grelha de análise interpretativa da narrativa Rorschach a partir de três dimensões: a geografia psíquica antedipiana, a fantasmática primitiva e seus instrumentos interaccionais, e as dinâmicas psíquicas antedipianas. Aplica-se esta construção técnica a uma narrativa Rorschach de um paciente limite, e discutem-se os resultados pela observação da configuração dos organizadores antedipianos nesse caso particular, reforçando a teoria proposta. Conclui-se pelo desejo de cruzar este alargamento técnico com outras teorias e organizações/ patologias psíquicas.

antédipo – Racamier – organizações limite – Rorschach

ABSTRACT

A description is made of the antœdip, as a fundamental psychic organizer, and its two paradigmatic destinies from narcissistic seduction: towards differentiation, growth and creativity through the original mourning, or toward stagnation and auto-engenderative omnipotence through the incestual domain. Structural borderline personality characteristics are summarized - the frailty of their borders, the narcissistic deficit compromising the interiority, the absence of pulsional fusion, the anxiety of intrusion-separation regarding the object, and the use of primitive defense mechanisms based on splitting and psychic expelling - and are connected with the antœdipian psychic development: a theory is presented that a flaw in the original narcissistic seduction will compromise the possibility of an organizing mourning, preventing the constitution of a mediating and securizing Idea of the I, that will weaken the I, which will look for incestual movements as a way to control the dangerous object though narcissically essential. The main antœdipian organizers are translated into the Rorschach technique, by creating a grid for interpreting the Rorschach narrative, from three dimensions: antœdipian psychic geography, the primal phantasies and their interactive instruments, and the antœdipian psychic dynamics. This technical construction is applied to a Rorschach narrative of a borderline patient, and the results are discussed through the observation of the configuration of the antœdipian organizers in that particular case, strengthening the proposed theory. The will to cross this technical widening with other theories and organizations / psychic pathologies concludes this work.

antœdip - Racamier – borderline organizations - Rorschach

Outrora não havia existência nem não-existência; não havia a dimensão do espaço nem o céu que está para além. O que despertou?

Onde? Em protecção de quem? Haveria água, profundamente sem fundo?

Não havia morte nem imortalidade. Não havia traço distintivo da noite ou do dia. Aquele respirou, sem ar, por seu próprio impulso. Para além disso não havia nada além.

A escuridão era escondida pela escuridão no início; sem qualquer traço distintivo, tudo isto era água. A força vital que foi coberta pelo vazio, essa ergueu-se pelo poder do calor.

O Desejo desceu sobre aquela no início; foi a primeira semente da mente. Poetas procurando no seu coração com sabedoria encontraram a reclusão da existência na não existência.

Nasadaya, Hino da Criação; Rig Veda

ÍNDICE

Introdução	1
sobre os encontros que inspiraram a viagem	1
sobre o percurso realizado	5
1. À descoberta de antédipo	7
antédipo: primeiros esboços	7
narcisismo a dois	9
um caminho de lutos e encontros	11
do outro lado do espelho	15
édipo e antédipo	20
2. As organizações limite	23
sobre os limites	23
o negativo e a constituição da interioridade	24
a violência primitiva	26
o objecto limite	27
a clivagem, a expulsão psíquica e a psicose branca	28
à porta do édipo	29
sobre o percurso trilhado com as organizações limite	30
3. O antédipo no limite	33
narcisismo e objectalidade em confronto precoce	33
um luto sem princípio nem fim	35
à procura do tempo perdido	37
sínteses, convergências, conclusões	38
4. Percursos e propósitos	41
5. Sobre os modelos que sustentam o estudo	44
6. O Rorschach	46
introdução	46
o material	47
sobre a aplicação: a situação Rorschach e os procedimentos de recolha	48
a codificação Rorschach	49
o psicograma e a interpretação qualitativa	51

as particularidades do Rorschach nos estados-limite	53
7. O antédipo no Rorschach: procedimentos para análise	54
.As solicitações antedipianas da situação e do material Rorschach	54
a instrução	54
o material	55
.Constelações antedipianas no Rorschach	57
o antédipo vitalizante no Rorschach	57
o antédipo furioso no Rorschach	63
o antédipo esvaziado no Rorschach	68
.Grelha de análise	73
8. Daniel	78
análise antedipiana do Rorschach de Daniel	78
9. Discussão	90
.Sobre o protocolo de Daniel	90
a geografia antedipiana	90
a fantasmática antedipiana e seus instrumentos	93
as dinâmicas psíquicas antedipianas	95
. Sobre o percurso realizado	98
10. Conclusões	101
Referências	105
Anexos	107
Anexo 1: Cartões Rorschach	118
Anexo 2: Protocolo de Rorschach de Daniel	109

INTRODUÇÃO

A Psicologia Clínica, como a compreendemos e vivemos, procura aproximar-se o mais fielmente possível da realidade psíquica do sujeito que conosco se encontra, em contexto terapêutico, de avaliação ou de investigação. Para isso, dispõe de instrumentos diversos que, do nosso ponto de vista, são válidos enquanto mediadores da relação que é necessário estabelecer para que um trabalho compreensivo e reflexivo, sempre intersubjectivo, se possa realizar. Esses instrumentos, sejam eles as técnicas de entrevista ou as provas psicológicas, só possibilitam o encontro compreensivo e transformador que a clínica exige quando são sustentados, de forma coerente e precisa, por modelos teóricos, que se por um lado organizam a nossa compreensão da psique humana e das suas vicissitudes, por outro permitem a abertura, a escuta, a atenção ao que de singular se produz no encontro das duas subjectividades em jogo. Foi com esta dupla ideia em mente, de convergência e coerência entre os modelos e os instrumentos, e da importância da expressão e compreensão da singularidade (Marques, 2001), que nos lançámos na investigação sobre as possibilidades de tradução da teoria racamierniana sobre o antédipo, aplicada às organizações limite, para a técnica Rorschach.

sobre os encontros que inspiraram a viagem

1. Racamier e o antédipo

O modelo de construção precoce da individualidade e da objectalidade, ante ou anti edipiana, proposto por Racamier (1980, 1992, 2003), atraiu-nos desde o primeiro momento pelo interessante uso que faz da metapsicologia freudiana clássica, orientada pela teoria pulsional, mas dentro de um quadro relacional, intersubjectivo. Nisso destaca-se quer dos modelos freudianos clássicos, que pensam a estruturação psíquica como um processo estritamente interno, governado pelas sucessivas organizações da dinâmica pulsional, quer dos modelos pós-kleinianos, que se focam nos processos de interiorização das dinâmicas relacionais, deixando de parte a reflexão sobre as pressões pulsionais. Muito da sua obra se deve, é certo, à atenção convergente sobre estas duas correntes, mas cremos que o que de

mais original propõe está relacionado com a sua capacidade de se aproximar desses pacientes radicalmente retirados do encontro humano que são os esquizofrênicos, de os compreender e de os pensar, com eles e por eles. Efectivamente, o que despertou a nossa atenção e interesse foi exactamente a proposta de uma imago primitiva, a que chamou Ideia do Eu, responsável pela mediação entre o Eu e o objecto. É esta imago mediadora que torna o mundo humano familiar e seguro, quando presente nos substratos mais arcaicos do psiquismo, e ao contrário, assustador e perigoso, quando pervertida pelo regime incestual assente na recusa da origem sexual, amorosa, relacional; essa origem que possibilita o nascimento de um novo ser, diferente mas semelhantes aos demais, porque feito da mesma substância humana dos seus progenitores.

Através desta imago, cada um de nós sabe que faz parte de uma linhagem (...), a Ideia do Eu permite aproximarmo-nos do estranho sem medo, e sejam quais forem os combates com o objecto, de nos sentir com ele numa relação de familiaridade (...). Através dela podemos pré-julgar ou pressentir que qualquer pessoa, antes de ser conhecida, antes de ser amada ou detestada, é (...) desse barro comum de que se diz que o homem é feito. (Racamier, 1980, pp. 115 e 116)

Descobrimos depois o papel do luto na organização deste elemento mediador, fascinámo-nos com a descrição desse processo “doloroso e maravilhoso” (Racamier, 1992, p. 32) que permite descobrir o que se aceitou perder, e que funda as capacidades transformadoras essenciais a uma circulação psíquica que promove o crescimento, o amor e o desamor, a solidão e o encontro, a vida na sua plenitude. Comovemo-nos com as descrições dos movimentos relacionais de desqualificação psíquica que visam impedir a emergência deste luto primeiro e vital, como nos comovemos com as exposições de casos em que a recusa da realidade externa, bem como da interna, se torna a única e derradeira forma de sobreviver a um universo pervertido pelo paradoxo que, à semelhança do olhar da Medusa, petrifica a existência psíquica.

Enfim, foi o interesse dos conceitos propostos, a organização complexa e sempre estimulante do seu pensamento, o toque literário que povoa os seus escritos, a paixão clínica que transparece na articulação entre a teoria e os casos expostos e, finalmente, a ternura escrita nas entrelinhas do esforço verdadeiramente sobre-humano que fez para se aproximar

desses pacientes radicalmente afastados, os esquizofrênicos, que nos levou a desejar aprofundar o seu pensamento num trabalho como este.

2. O Rorschach

O desejo de aplicar a teoria racamierniana ao Rorschach deveu-se ao fascínio que, desde os primeiros encontros, sentimos por este instrumento. A descoberta de Hermann Rorschach (1921) sobre as possibilidades psicodiagnósticas decorrentes de uma instrução, tão simples quanto provocatória, “o que é que isto poderia ser?” acoplada a dez manchas de tinta, foi em si mesma genial. Mas o enriquecimento produzido pela aplicação da metapsicologia freudiana a este instrumento (Anzieu, 1967; De Traubenberg, 1970, 1983a, 1983b, 1996; Chabert, 1997/2003, 1998/2000), estudando como as configurações perceptivas das manchas produzem solicitações latentes a organizadores psíquicos determinados – a imagem de si, a representação de relações, a bissexualidade psíquica, a função materna/feminina, a função paterna/masculina, a integração pulsional, a gestão afectiva –, destacando a forma como modos de apreensão, determinantes e conteúdos são utilizados ao serviço de dinâmicas psíquicas variadas – numa lógica de diagnóstico estrutural diferencial entre neuroses, estados limite e psicoses – e sobretudo promovendo uma leitura completa e complexa das sequências de respostas de forma a aceder às possibilidades e dificuldades de realização do trabalho psíquico de representação e significação, esse trabalho produzido pela Escola Francesa, dizíamos, colocou o Rorschach no lugar de excelência que ocupa no terreno das provas projectivas. O que de mais rico e estimulante encontramos nesta técnica são, precisamente, as possibilidades de observação dos movimentos psíquicos, tal como se traduzem ao longo do encontro com as dez manchas Rorschach, dando conta das possibilidades de organização bem como de desorganização, revelando acima de tudo a singularidade psicológica desse outro que conosco se encontra.

Foi realmente a finura de análise que o Rorschach permite, e que tem consequências importantes no estabelecimento de um diagnóstico verdadeiramente psicológico e não apenas psicopatológico, que nos levou a escolhê-lo como instrumento passível de ser transformado para dar conta destas dimensões, já não edipianas mas antedipinas, propostas por Racamier, referentes aos elementos subtis mas basilares da arquitectura psíquica: os alicerces da

constituição narcísica e objectal, as fundações da vida fantasmática e as possibilidades e dificuldades de elaboração psíquica daí decorrentes.

3. As organizações limite

Tínhamos em mente ilustrar essa possibilidade com um protocolo de um sujeito esquizofrénico, por ser exactamente a partir desta estrutura que Racamier constrói a sua teoria e nela se encontrarem exacerbados os traços antedipianos. No entanto, e na evolução da investigação, começámos a pensar nas possibilidades de aplicação deste conceito racamierniano à compreensão das organizações limite. A reflexão sobre a fragilidade narcísica, a dificuldade de gestão pulsional, a dependência objectal e a porosidade dos limites intra e extra psíquicos, características do universo borderline, podia ser enriquecida através da sua articulação com a dupla possibilidade de evolução antedipiana: em direcção ao incestual pela fortificação da sedução narcísica, ou em direcção ao pensamento sobre as origens pela travessia do luto originário. Efectivamente, a decisão final de utilizar um protocolo limite, na ilustração da aplicação da teoria racamierniana ao Rorschach, deveu-se ao facto de as dimensões chave de cada uma destas evoluções psíquicas poder ser utilizada para pensar as organizações limite, o que fazia destas organizações o melhor terreno para explorar as possibilidades de tradução da teoria para a técnica, sobretudo em termos de movimentos diferenciados que ocorrem numa configuração singular em cada indivíduo.

sobre o percurso realizado

1. *À descoberta de antédipo*, onde se expõe a teoria racamierniana, organizada em torno dos dois destinos paradigmáticos da sedução narcísica, em direcção ao luto originário pela co-criação do Eu e do objecto, mediados pela Ideia do Eu, ou cristalizando-se através de mecanismos incestuais que impedem a diferenciação, o crescimento e a autonomia.

2. *As organizações limite*, onde se revê alguma literatura psicanalítica no que toca à constituição psíquica das organizações limite, procurando explicitar as relações entre a fragilidade das fronteiras intra e extra psíquicas, o défice de interioridade, a desintração pulsional, a dupla angústia de separação-intrusão, os mecanismos de clivagem e expulsão psíquica e a impossibilidade de abordar a triangulação edipiana, consideradas como as dimensões estruturais mais significativas destas organizações.

3. *O antédipo no limite*, onde se reflecte sobre as dimensões antedipianas das organizações limite, escassamente referenciadas pelo grupo de psicanálise grupal e familiar de que Racamier foi um dos mais significativos impulsionadores. Aqui se teoriza uma lacuna na constituição e vitalização da sedução narcísica primária, responsável pela perpetuação do conflito entre narcisismo e objectalidade que constitui um sistema psíquico instável, oscilando entre lutos radicais mas não elaboráveis e aproximações incestuais sempre ineficazes na recuperação do narcisismo deficitário.

4. *Percursos e propósitos*, onde se sintetizam as exposições teóricas anteriores, de forma a explicitar como objectivos da investigação: (1) a tradução para a técnica Rorschach das dimensões antedipianas fundamentais – referentes à constituição geográfica do psiquismo (possibilidades e impossibilidades de diferenciação e mediação entre as instâncias Eu, Ideia do Eu e objecto), à fantasmática precoce (de auto-engendramento, co-criação, ou impotência face à origem própria) e seus instrumentos interaccionais (pele, olhar e respiração) e às dinâmicas psíquicas que daqui decorrem (capacidades criativas, elaboração das perdas, intricação pulsional, aliança entre narcisismo e objectalidade, ou ao contrário, desqualificação do Eu e do objecto traduzindo-se em recusa e esvaziamento psíquico) –, constituindo dessa forma uma transformação da técnica que possibilita uma nova forma de proceder à análise

interpretativa da narrativa Rorschach; (2) a aplicação desta reformulação da técnica, suportada pela teoria, a um protocolo de um sujeito com organização limite da personalidade, de forma a destacar a singularidade da sua constituição antedipiana.

5. *Sobre os modelos que sustentam o estudo*, onde se explicita e justifica o carácter qualitativo da investigação a realizar, que se define como um trabalho de natureza metodológica e conceptual, que visa constituir uma grelha de análise interpretativa, a aplicar à narrativa Rorschach de um caso único.

6. *O Rorschach*, onde se descrevem, a partir da teorização realizada pela Escola francesa, as características do material, a situação de aplicação, a codificação e o tratamento quantitativo e qualitativo dos dados fornecidos por este instrumento.

7. *O antédipo no Rorschach*, onde se explicitam as solicitações antedipianas da situação e do material Rorschach e se descrevem, pormenorizadamente, as traduções dos organizadores referentes a cada uma das constelações antedipianas para a técnica Rorschach.

8. *Daniel*, onde se aplica a grelha de análise interpretativa proposta ao protocolo de Daniel, um homem de 42 anos de idade, que procura apoio psicológico.

9. *Discussão*, onde se organizam e se comentam os dados obtidos pela análise interpretativa, de forma a destacar os aspectos gerais e singulares da organização antedipiana de Daniel, que se enquadram nesta investigação mais ampla sobre os percursos de antédipo nas organizações limite, através do Rorschach.

10. *Conclusão*, onde se sumarizam as conclusões do caminho realizado e se abrem questões futuras.

1. À DESCOBERTA DE ANTÉDIPO

Nas páginas que se seguem procuraremos dar conta da teoria racamierniana que investiga as condições de estruturação do psiquismo anteriores à emergência do conflito edipiano. O antédipo, complexo psíquico primitivo no qual se joga o conflito originário, será explicitado a partir da maturação ou fixação do seu modelo relacional, a sedução narcísica. Veremos como na sua versão maturativa o conflito é abordado e elaborado, dando lugar a um trabalho de luto originário que se fundirá nas bases do Eu¹ emergente, possibilitando-lhe toda uma série de aquisições fundamentais. Perceberemos também como, ao contrário, na sua versão extremada e patológica, a organização antedipiana imortaliza a sedução narcísica pela entrada em cena do domínio incestual e pela organização secundária de um sistema de recusa do real. Finalmente, investigaremos as relações possíveis entre este momento original do desenvolvimento psíquico e aquele que se lhe segue: Édipo e antédipo, seus encontros e desencontros.

antédipo: primeiros esboços

O antédipo nasce, como conceito, da atenção de Racamier (1980, 1992, 1993, 2003) a três aspectos essenciais da organização psicótica: a perpetuação, muito para lá do seu tempo próprio, de um modo interaccional essencialmente narcísico; a crueza não fantasmada do incesto e seus equivalentes; a reflexão sobre o papel, importância, desenvolvimento e (não)estruturação do Édipo nestes pacientes. Se o seu nascimento se entrelaça intimamente com a patologia é porque esta aumenta, destaca e evidencia, ainda que de forma distorcida, elementos que são aspectos universais da organização do Eu. Assim, o segundo momento de desenvolvimento conceptual prende-se já não com o antédipo enquanto organizador

¹ Ao longo do texto encontraremos repetidas vezes a designação Eu, e nunca Ego. Esta decisão de tradução deveu-se à necessidade de constância de um mesmo termo ao longo da exposição, que pudesse englobar os diversos aspectos do “moi” de Racamier: espaço de investimento narcísico, interioridade por oposição à exterioridade do objecto e do mundo, e semente a partir da qual o ego, enquanto instância psíquica dotada de capacidades elaborativas, poderá florescer. Efectivamente, nos seus textos, Racamier utiliza por vezes as designações “moi”, “soi” e “je” numa mesma frase como se de sinónimos se tratassem, precisamente porque essa distinção não é ainda operacional no momento de desenvolvimento que o antédipo engloba. Da mesma forma, a designação “Idée du Moi” foi traduzida por “Ideia do Eu”, já que “Ideia do Ego” deixaria cair a referência à inter-subjectividade que o conceito, como veremos, comporta.

fundamental para a compreensão da psicose, mas como organizador central do nascimento e evolução psíquica pré-edipiana.

Falar de antédipo é falar de uma organização que pode ser, como a ambiguidade do seu grafismo deixa antever, ante e anti edipiana. Ante edipiana em pelo menos dois sentidos: anterior genética e estruturalmente, mas ante também porque em face, como contraponto, como indispensável complemento; anti já não numa relação harmónica, mas como “esmagadora barreira defensiva” (Racamier, 1992, p. 124), como “poderoso antagonista” (Racamier, 2003, p. 14). Falar de antédipo é pois muito mais do que falar da idade pré-edipiana. É falar de um trabalho que, é verdade, se relaciona com o Édipo, mas porque inscreve o terreno mesmo onde esse conflito pode emergir.

Enquanto organizador psíquico original, o antédipo refere-se então à “constelação” (Racamier, 1992, p. 124; 2003, pp. 13 e 15) que se desenvolve, a partir do nascimento e no seio da relação precoce de sedução narcísica entre a mãe e o bebé, face ao conflito das origens, conflito esse que tem por função organizar as tendências opostas de indiferenciação e de diferenciação, de estaticismo e de crescimento (Racamier, 1992, 2003). Tem como fantasma central o auto-engendramento, que encontra o seu contraponto no fantasma de desengendramento: “aquele que se criou também se pode descreir” (Racamier, 2003, p. 69). É uma organização dotada de um duplo potencial, podendo desenvolver-se como assento discreto mas sempre presente do Eu, ou numa via de ascensão megalomaniaca (Racamier, 1992, 1993). Em qualquer dos casos, o seu herdeiro é a Ideia do Eu, e tal como “o herdeiro de um Édipo insatisfeito é um Super Ego selvagem, o herdeiro de um antédipo cambaleante é uma Ideia do Eu monstruosa” (Racamier, 2003, p. 45). A evolução antedipiana, que acompanharemos passo a passo, depende do desenvolvimento do modo relacional que lhe dá origem: a sedução narcísica.

narcisismo a dois

A *sedução narcísica* designa o primeiro modo interaccional do bebé com a sua mãe, logo após o nascimento (Racamier, 1992). “Visa estabelecer e preservar um acordo perfeito, sem falhas e sem tensão, entre os dois parceiros unidos” (op. cit, p. 31). É “um processo activo, potente, mútuo que se estabelece originalmente entre o bebé e a mãe num clima de fascínio mútuo, de natureza fortemente narcísica” (Racamier, 2003, p. 21). Significa isto que o uníssono narcísico primitivo do bebé e sua mãe não é algo dado, à partida estático e indiferenciado. É um processo, um trabalho de sedução que, para ser eficaz, tem de ser desempenhado pelos dois elementos da díade; este trabalho traduz-se na movimentação de forças centrípetas, que asseguram a manutenção da clausura narcísica pela resistência que opõem às forças centrífugas desencadeadas pela atracção anti-narcísica do objecto e pela excitação pulsional (Racamier, 1992, 2003). Embora trabalhe para a indiferenciação e a estagnação, não provém delas, ao contrário, constitui-se a partir e contra a diferenciação e a actividade psíquicas: é porque são dois, e não um, que é necessário todo este esforço; é porque de dentro e de fora cada um e os dois juntos são assaltados por excitações e estimulações, que é imprescindível manter a sedução em movimento incessante. O movimento como garante da estaticidade.

Procuremos então perceber, mais detalhadamente, o objectivo que norteia esta interacção poderosa. A sedução narcísica visa, como vimos, “preservar um mundo ao abrigo das excitações internas e externas, estagnado, estacionário e indefinido” (Racamier, 1980, p. 123). Para isso é necessário “manter numa esfera narcísica uma relação susceptível de desembocar numa relação de objecto desejante” (op. cit, p. 123), noutros termos, “parar a atracção excessivamente excitante do objecto sem o perder (...) temperar o *mal do objecto*²” (Racamier, 2003, p. 21). A sedução narcísica tem, portanto, como objectivo principal adiar a diferenciação e a constituição do objecto como tal, preservando o uníssono narcísico da díade primitiva, de forma a que a criança não seja invadida, demasiado cedo, pelas “pulsões objectais e os desejos e angústias a elas ligados” (op. cit, p. 128). A sedução narcísica desempenha, na interacção e no fantasma, o papel de para-excitação que sabemos, desde Freud, ser fundamental para o desenvolvimento psíquico precoce. Como complemento, a sedução narcísica permite formar, com a mãe, um todo onnipotente, assegurando a exclusão

² “Mal d’object” no original, remete para o “mal de mer”, a náusea sentida face à imensidão do mar.

do pai e o impasse da castração e do Édipo (Racamier, 1992). Podemos então perceber que a sedução narcísica tem como potencial mais significativo o estabelecimento dos alicerces narcísicos.

Dissemos atrás que a sedução narcísica se vive e se realiza na interação e no fantasma. Podemos agora explicitar essa afirmação. O fantasma que sustenta a díade narcísica é um “fantasma de uníssono, de completude, de onipotência criativa” (Racamier, 2003, p. 21), um “fantasma de englobamento (...) oral, pré-ambivalente e narcísico, evoca o retorno intra-uterino” (Racamier, 1980, p. 126). A criança narcisicamente seduzida “deve ser como se não tivesse nascido” (op. cit, p. 124), “como se não tivesse sido engendrada” (Racamier, 1992, p. 129). O fantasma central da sedução narcísica retorna antes das origens, e assim elimina a separação, a diferença e o terceiro, ao mesmo tempo que institui a onipotência como única lei e única força. É portanto um fantasma de auto-engendramento. Um fantasma-não-fantasma, porquanto põe à distância desejo e conflito, aquilo mesmo que define a vivência fantasmática. Os instrumentos utilizados para viver, na interação, este fantasma de auto-engendramento mútuo são a pele, o olhar e a respiração (Racamier, 1992, 1993, 2003). São investimentos de contacto e de contenção (Racamier, 2003), que trabalham sobre os limites (do corpo, entre o dentro e o fora e da psique), num regime económico anorgástico e narcísico (op. cit). A mãe olha o bebé, o bebé olha a mãe, respiram-se, tocam-se, englobam-se, e nesta circularidade fecham-se ao mundo ao mesmo tempo que o recriam só para si, como se bastasse este universo infinito e imóvel³, sem desejo ou turbulência.

Percorramos, passo a passo, cada uma das características já enunciadas do regime da sedução narcísica: a inversibilidade, a colocação à distância de todos as sementes conflituais, enfim, a onipotência. A relação de sedução narcísica é, por definição, inversível, “os seres são intermutáveis, cada um toma indiferenciadamente o lugar do outro” (Racamier, 1980, p. 125), “continente-conteúdo, devorador-devorado, sedutor-seduzido (...), não sabemos quem é quem, nem quem faz o quê a quem” (op. cit, p. 129). “O que reina (...) é uma imensa admiração; essa admiração é mútua (...), tão forte e de tal forma circular que as suas origens são indecíveis.” (op. cit, p. 31). Esta inversibilidade é sustentada pelos envelopes acima descritos (a pele, o olhar, a respiração), e é responsável pelo movimento centrípeto que

³ A sedução narcísica, explica Racamier (1980), representa-se pela fórmula $1+1=\infty$, com equivalência entre narcisismo e nirvana, pela sua qualidade estacionária.

garante a defesa relativamente a qualquer pulsão ou excitação desencadeadora de atracção anti-narcísica. Ao mesmo tempo que assegura a impenetrabilidade da clausura narcísica, permite o afastamento da questão das origens. Enquanto dura, a sedução narcísica impede o surgimento de qualquer representação conflitual: o desejo, o pensamento, a alteridade, a sexualidade, a ambivalência e a perda não têm lugar nesta galáxia, é contra esses embaixadores da separação, da autonomia e do crescimento, que o unísono narcísico se ergue... e às vezes, se perpetua. Nesta poderosa união “a onnipotência está no seu máximo” (op. cit, p. 127), a díade forma um mundo autárcico, em que nada além dela ganha corpo, espaço, sentido.

Chega então o momento de introduzir a bifurcação original do antédipo: da força e destino da relação primitiva de sedução narcísica depende o nascimento psíquico e o caminho edipiano.

um caminho de lutos e encontros

A relação de sedução narcísica, “em condições normais, não é nem exclusiva, nem constante” (Racamier, 1993, p. 62) e está destinada a esfumar-se, deixando uma marca discreta, indelével e fundamental no tecido do Eu. Significa isto que o ambiente relacional acima descrito existe de forma intermitente, e a par de outros modos relacionais e mesmo narcísicos, numa relação saudável mãe-bebé. Admiração mútua, sedução mútua, clausura mútua são perturbadas, desde o início, e sempre com intensidade crescente, por solicitações outras. A relação narcísica “é perturbada pelas ausências da mãe, (...) pelo impacto do mundo exterior, pelas forças de crescimento da criança e sobretudo pelas pulsões e desejos: desejos da criança, desejos da mãe pela criança e desejos da mãe pelo pai” (Racamier, 1980, p. 124). “Na criança é a força do desejo libidinal e do anti-narcisismo (...); as forças de divisão e a ambivalência; o apetite da descoberta e do crescimento. Na mãe, as forças que se exercem são complementares: a sua ambivalência em relação à criança e o seu desejo de dela se separar, a sua sexualidade de adulta e o seu desejo de amante; a sua admiração pelo crescimento infantil e a sua premonição do desenvolvimento desta criança” (Racamier, 1992, pp. 31 e 32).

Estamos, como indicámos acima, no centro do conflito originário: entre o crescimento e a indiferenciação, entre o objectal e o narcísico, entre a vida e a não vida (Racamier, 2003).

No seio da sedução narcisicamente feliz e vitalizante (Racamier, 1992, p. 125), o movimento centrípeto de admiração mútua e englobante transforma-se, progressivamente, num movimento de diferenciação, descoberta e co-criação do Eu, do outro e do mundo. A resolução do conflito originário torna-se possível através desse acontecimento psíquico “doloroso e maravilhoso” (op. cit, p. 32) que gradualmente põe fim à ilusão de onipotência e uníssono com a mãe, o luto original e originário: “a criança afasta-se da Mãe indistinta, ilusória e total” (op. cit, p. 32), perde-a, aceita perdê-la. No seu lugar pode encontrar “um objecto que se distingue e se investe, se deseja e se rejeita, se delimita e se interioriza, se ama e se odeia” (op. cit, p. 32). Clarifiquemos, passo a passo, cada um dos termos desta revolução.

A perda da vivência de união narcísica com mãe introduziu uma distinção fundamental, "o mundo dividiu-se em duas partes: o interno e o externo. Estas partes não estão clivadas, permanecem ligadas, mas distintas" (op. cit, p. 32). No ponto fronteiro “organiza-se, em filigrana uma imago intermediária que não é exactamente a representação de si nem do objecto, embora participe de ambos, e que se constitui como uma representação fundamental do Humano” (Racamier, 1980, p. 115), uma espécie de pré-sentimento de pertença à espécie humana (Racamier, 1992). “Através desta imago, cada um de nós sabe que faz parte de uma linhagem (...), a Ideia do Eu permite aproximarmo-nos do estranho sem medo, e sejam quais forem os combates com o objecto, de nos sentir com ele numa relação de familiaridade (...). Através dela podemos pré-julgar ou pressentir que qualquer pessoa, antes de ser conhecida, antes de ser amada ou detestada, é (...) desse barro comum de que se diz que o homem é feito.” (Racamier, 1980, pp. 115 e 116). É a Ideia do Eu que vai permitir o comércio, a troca de investimentos, entre o dentro e o fora, por instituir este sentimento de familiaridade, confiança e reconhecimento entre os dois.

O luto original é, então, o processo através do qual um espaço psíquico estacionário e difuso se organiza em três elementos distintos: no interior, o Eu, no exterior, o objecto, ligando os dois, a Ideia do Eu. O seu objectivo, e este é o ponto fundamental, é distinguir simultaneamente dois semelhantes e dois diferentes. Distingue-os como diferentes pela ruptura que introduz, pela separação de águas, de espaços, de peles. Mas distingue-os como semelhantes pela união que preserva entre os dois através da Ideia do Eu. A presença contemporânea da semelhança e da diferença entre Eu e objecto é que permite “a aliança do narcisismo com o seu contrário” (op. cit, p. 116), o equilíbrio entre as forças centrípetas de

atração narcísica e as forças centrífugas de atracção objectal. Se não, vejamos: se Eu e objecto forem apenas iguais, não há diferenciação possível, não há delimitação de espaços; se, ao contrário, Eu e objecto forem absolutamente diferentes, então não há possibilidade de encontro e comunicação.

Como, exactamente, se constitui esta tópica ternária (op. cit)? A partir da transformação dos instrumentos que antes garantiam o englobamento mútuo. Pele, respiração e sobretudo olhar passam agora a trabalhar no sentido do reconhecimento e da qualificação do Eu e do objecto, na gestão da distinção a par da conservação da proximidade. A mãe olha o seu bebé, e pelo reconhecimento, pelo desejo e pelos sonhos que nesse olhar se transmitem, o bebé é qualificado enquanto novo ser. “A mãe reconhece o seu bebé como ser humano, e o bebé reconhece-se através desse olhar” (Racamier, 1992, p. 134). Por sua vez, “é o bebé que pelos seus chamamentos, pelos seus olhares, pelas suas respostas, a confirma e qualifica enquanto mãe” (Racamier, 2003, p. 99). Reconhecimento e qualificação são aqui as palavras chave, e remetem exactamente para a igualdade e diferença, que antes referíamos. Mãe e bebé reconhecem-se como iguais, e por assim serem podem qualificar-se como diferentes, com direito a essa diferença, mesmo com admiração por essa diferença. Aqui a origem das três instâncias: a Ideia do Eu produto do reconhecimento mútuo, o Eu e o objecto, produtos da qualificação recíproca. O Eu inventa-se como aquele que descobre o objecto, que é por ele descoberto, e que o interioriza. Cada um se cria a si mesmo pela criação do outro, actualizando o potencial criador do fantasma-não-fantasma próprio da estruturação antedipiana: circularidade e auto-engendramento estacionário, que vimos constituírem a economia própria da sedução narcísica, permitem agora a criação mútua, interactiva, da mãe pelo bebé e do bebé pela mãe.

Vimos, até agora, como o trabalho psíquico do luto original permite a constituição da interioridade e da exterioridade, e da familiaridade entre ambas. Esta nova geografia psíquica tem como consequência uma nova genealogia: “o Eu estabelece as suas origens pela descoberta de que não é mestre absoluto das suas origens” (Racamier, 1992, p. 29). A diluição do auto-engendramento onnipotente funda a necessidade do outro no nascimento próprio, instaurando no Eu o pensamento das origens (op. cit). Assim, “esta co-produção originária e fundadora é o que permite entrar com o mundo numa relação de familiaridade criativa, e isso sem prejuízo dos horizontes edipianos” (Racamier, 2003, p. 100). Ao contrário, é este

processo que esboça o quadro onde a cena primitiva se poderá inscrever, exactamente porque introduziu na psique as suas sementes: a emergência do desejo, que só se pode esboçar na ausência, na falta, na separação; a conflitualidade dada pela distinção entre Eu e objecto e pela emergência do desejo; a possibilidade de finitude, e portanto de morte, que o fim da onipotência e o estabelecimento de uma origem implica; a possibilidade de fantasmática que surge da lenta transformação do fantasma-não-fantasma em pensamento sobre as origens e a finitude.

Finalmente, a travessia do luto originário estabelece ainda os alicerces das possibilidades contrárias e complementares da ilusão e da desilusão, da criatividade e do luto. A criatividade implica, para Racamier (1992) a co-existência da ilusão de onipotência e a aceitação elaborada e fecunda de um objecto perdido, interiorizado, e passível de recriação, num mundo que é exterior ao sujeito e que podendo ser transformado não pode ser suprimido. Sem os traços esbatidos mas fecundos da onipotência infantil, a exterioridade seria aceite sem elaboração e transformação, sem possibilidade de sonho. A fantasia, herdeira madura do fantasma-não-fantasma original, conserva algo do impulso projectivo, agora contido e trabalhado pelos limites psíquicos para se constituir em objecto original. Mas para que este objecto original possa ser criado enquanto tal, isto é, enquanto algo novo, investido mas circunscrito, colocado no mundo numa relação de novidade e também de continuidade, enfim para que não seja hemorragia interna, alucinação, recusa absoluta de um sentido partilhável num mundo anterior ao Eu e ao seu objecto, a criatividade tem de levar consigo a confirmação de um luto que instaurou a perda como sinal da possibilidade do encontro dos limites do Eu, do objecto, do real. A criação associa sempre uma parte de recusa a uma parte de luto (op. cit), porquanto é necessário, em parte, ignorar a imposição e os limites do real para os poder transpor, mas é igualmente necessário, como vimos, primeiro perder para depois poder encontrar... e recriar: “alguém que cria uma obra reconhece implicitamente que não criou o mundo, recria-o, pelo menos parcialmente, o que é completamente diferente” (op. cit, p. 46); A vivência suficientemente boa e finita da onipotência do uníssono narcísico fornece ao Eu bases suficientemente sólidas para tolerar e explorar a ambiguidade, (op. cit) para ponderar o imponderável, para questionar, para não se satisfazer com absolutos imóveis e intocáveis. Complementarmente, o luto bem realizado dessa vivência narcísica constitui-se como “traço árduo, vivo e durável daquilo que aceitamos perder como preço de toda a

descoberta” (op. cit, p. 29) e que estabelece a capacidade de viver as perdas, os vazios, as mudanças, funcionando como imunização, como prevenção de lutos patológicos futuros (op. cit). A memória, inscrita no tecido do Eu, de ter vivido, ultrapassado e mesmo saído enriquecido da perda original, serve como paradigma activo do trabalho a realizar pelo Eu sempre que uma separação é necessária. À capacidade de construir ilusões junta-se a capacidade de sobreviver e renascer das desilusões.

Concluindo e sintetizando, o processo de luto originário deixa como índices da sua travessia certas capacidades do Eu essenciais ao desenvolvimento psíquico pleno: edifica as fundações da identidade e da objectalidade, faz surgir, a partir de um fantasma-não-fantasma, a “placenta” fantasmática (Racamier, 2003, p. 96), instaura no Eu o pensamento sobre as origens, estabelece o solo fecundo da criatividade e permite a elaboração das desilusões. Finalmente, ao permitir a “aliança entre a libido objectal e narcísica, entre libido e agressividade” (Racamier, 1992, p. 125), o antédipo constitui-se como esse “investimento estacionário difuso e discreto do mundo e de si” (Racamier, 2003, p. 97) que permite a dança de todos os outros investimentos e o simples mas indispensável “prazer de existir” (op. cit, p. 97), num mundo que sabemos nosso e mais que nosso, porque o inventámos, mas só depois de o termos descoberto.

do outro lado do espelho

Bem diferente é o percurso do “antédipo furioso” (Racamier, 1992, p. 187). Aqui, a intensidade, constância e exclusividade da sedução narcísica opõem-se veementemente, desde o início, às forças de diferenciação e autonomia. O conflito originário é afastado, recusado e todo o trabalho insano é este: parar o mundo, parar a vida. Nesta versão destemperada, o antédipo organiza-se como “construção psíquica destinada a tornar perene a sedução narcísica e a barrar activamente a rota da psique em direcção à emergência edipiana” (Racamier, 2003, p. 33). Para isso, nenhuma semente de diferenciação pode germinar, desejo e pensamento são inimigos a combater, “são provas de insurreição” (Racamier, 1980, p. 124) e não podem ser tolerados. É portanto imprescindível “perpetuar a protecção para-traumática precoce do Eu e transformá-la numa pujante muralha defensiva contra as excitações pulsionais, as excitações

exteriores, o crescimento, a conflitualidade” (Racamier, 2003, p. 33). Assim, o antédipo furioso fortifica-se em trabalho anti edipiano, defendendo preventivamente a psique contra “os desejos edipianos, a inscrição fantasmática da cena primitiva e a emergência da angústia de castração” (op. cit, p. 33). Vai fazê-lo secando a fonte de onde o desejo, a conflitualidade e a vida fantasmática podem nascer: a entrada em cena do domínio incestual servirá essa função.

O domínio incestual é a última figura do combate travado pela sedução narcísica apostada em “evitar o acontecimento psíquico da separação, da diferença e da excitação” (Racamier, 1992, p. 134). Para isso, no seio da sedução narcísica terá de acontecer exactamente o oposto da qualificação criadora que vimos ocorrer no seio de uma relação de diferenciação progressiva. O incesto em acção e seus equivalentes são os instrumentos dessa desqualificação narcísica, que impedirá a emergência do desejo e possibilitará, de um só golpe, a negação “da diferença dos sexos, das gerações e dos seres” (op. cit, p. 134). Se a sequência do antédipo vital implica a lenta diferenciação dos elementos da díade, através da progressiva separação introduzida pelos desejos de cada um dos implicados, a sequência do antédipo mortal implica a petrificação da união narcísica e o bloqueio do nascimento psíquico da criança. Para isso, é necessário impedir a inscrição do desejo e sua transformação em fantasma animador de um psiquismo complexo e completo. Ora, o desejo trava-se de uma única maneira, satisfazendo-o antes que ele se esboce. É agora claro como a rota edipiana é barrada: antes que a cena primitiva se inscreva despertando a curiosidade, o desejo, os conflitos, enfim, expondo a diferença na sua tripla dimensão, o incesto em acção perpetua a união narcísica e esvazia o Eu nascente de todas as suas sementes – “quem nada tem a desejar, nada é” (op. cit, p. 135). O fantasma que vimos caracterizar a sedução narcísica através da recusa do nascimento, mesmo da concepção, para assim negar de um só fôlego toda a diferenciação, aparece aqui em todo o seu esplendor, perpetuado e intensificado pelo incesto. O incestual é pois “o ferrolho de uma sedução narcísica fechada” (op. cit, p. 136).

Antes de prosseguirmos importa clarificar que se entende por incestual “o que na vida psíquica individual e familiar carrega a marca do incesto não fantasmado” (Racamier, 1993, p. 47) e que o incesto antedipiano “não se limita à sua prática genital, há equivalentes e não são menores” (Racamier, 1992, p. 132). Estes equivalentes caracterizam-se por derivarem de “um deslocamento não simbolizado e não representado (Racamier, 1993, p. 46), e por serem acções ou manifestações que são simultaneamente banais e secretas (Racamier, 1992). O

equivalente, no qual se esconde sem se simbolizar o incesto, é efectivamente banal na sua aparência, seja um comportamento, um sintoma discreto, um traço de carácter ou mesmo um objecto quotidiano (op. cit). Banal, concreto, altamente investido mas intocável, impensável e indizível, enfim secreto, aí as marcas que traem o equivalente do incesto. Incesto em acto ou através de equivalentes, o que é específico do incestual, vale a pena sublinhar, é a presença de uma sedução narcísica e não sexual, actuada e não fantasmada, promovida no seio da relação primária, ao invés de intrapsiquicamente interdita e conflitualizada (Racamier, 1992, 2003).

Atentemos pormenorizadamente na complexa rede de consequências mortificantes deste antédipo enlouquecido. Porque se trata de uma sedução narcísica incestuosamente perpetuada, o desejo, como vimos, é retirado da equação psíquica. Esta supressão do desejo tem como consequência a impossibilidade de constituição de um sistema de representações. De facto, a representação é, originalmente, representação do desejo e, portanto, aquele que se vê impedido de desejar é igualmente impedido de representar. A segunda consequência da supressão do desejo é, obviamente, a brancura fantasmática: o fantasma que inaugura todos os fantasmas, o da cena primitiva, representação conflitual do desejo experimentado pelos progenitores, não pode inscrever-se. Ao contrário, o que encontramos no lugar do fantasma é essa onipotência primitiva do uníssono narcísico que recusa o engendramento e coloca no seu lugar o auto-engendramento. Não se trata, compreendamos bem, da infiltração da criança na cena original ocupando o lugar de um dos progenitores (Racamier, 1992, 2003). Não, ela coloca-se além da cena primitiva, sem referências relativas às diferenças geracionais ou sexuais, ela é a única geradora de si, “e de um mesmo golpe de todas as coisas e de todas as pessoas “ (Racamier, 1992, p. 144). Ao acabar com o desejo e com a representação, o antédipo furioso anulou o pensamento sobre as origens, secando assim a fonte de onde os fantasmas podem nascer. Sem a consistência e espessura de um verdadeiro fantasma, não apresenta as capacidades de mobilidade, movimento, ligação, transformação, elaboração, recalçamento e retorno do recalçado específicas dos fantasmas propriamente ditos. Ao contrário imobiliza, desliga, recusa. É por isso mesmo um fantasma-não-fantasma, que ao invés de fertilizar a vida psíquica a esvazia. O que recusa este fantasma-não-fantasma? “Que cada um deve a sua vida a outros, e que nenhuma vida se deve a uma única pessoa” (Racamier, 2003, p. 56). Suprimindo os seus progenitores, o Eu declara-se mestre absoluto das suas origens e do mundo inteiro: “quem se criou, criou o mundo” (op. cit, p. 51).

Complementar a este auto-engendramento megalomaniaco está o fantasma inverso, o do auto-desengendramento: “aquele que se criou pode também se descriar, quem se fez, se desfazer; e quem se engendrou, se desengendrar” (op. cit, p. 69). Trata-se “de um complexo de des-ser, que será para o conflito originário e para as psicoses aquilo que o complexo de castração é para as neuroses” (Racamier, 1980, p. 165). Auto-engendramento e auto-desengendramento, ambos recusam as origens próprias e a sexualidade das gerações anteriores; ambos constituem um anti-romance familiar (Racamier, 2003); ambos colocam o Eu na posição paradoxal de *ser e não ser* simultaneamente.

Privada da sequência fundadora do psiquismo – separação, luto e descoberta do Eu e do objecto – a criança incestuosamente mantida na esfera de sedução narcísica existe como se não existisse, sem desejo, representações, vida fantasmática ou origem. Narcisicamente desqualificada e sem aparelho psíquico diferenciado, a Ideia do Eu e a relação com o real desta criança não podem desenvolver-se. Vimos como a Ideia do Eu emerge progressivamente através da descoberta e reconhecimento mútuos na díade primitiva já em diferenciação. Sem esta diferenciação, não há co-criação do Eu e do objecto e a intricação entre os investimentos narcísicos e objectais não se realiza, perpetuando-se o conflito original que opõe a atracção narcísica e a atracção objectal como inimigos mortais (Racamier, 1980). O objecto é perigoso porquanto a sua atracção pode romper, pode fragmentar a frágil unidade narcísica: “o objecto é inimigo simplesmente por ser investido” (op. cit, p. 101). No lugar de uma Ideia de Eu da qual Eu e objecto emergem há uma outra ideia, uma ideia já não discreta mas monstruosa e onipotente, que recusa de um só golpe a existência do Eu e do objecto. Bem vemos como é circular e fechado este antédipo absolutizado: o receio da atracção objectal faz com que, pelo incesto, a sedução narcísica se fortifique e não se resolva em luto originário; sem esse luto Eu e objecto não se podem constituir correlativamente unidos pelas sua familiaridade e separados pela sua individualidade; sem esta familiaridade e individualidade o objecto mantém-se e exacerba-se como perigoso, exigindo a perpetuação da recusa da separação, da diferença, enfim, da realidade.

Um ser que assim existe, como se não existisse e simultânea e paradoxalmente como se nada existisse além dele, depende todos os seus escassos recursos neste combate desenfreado com a realidade, nesta expulsão permanente do conflito (op. cit). Ora, esta recusa absoluta não pode ser sustentada indefinidamente face aos permanentes ataques a que está

sujeita. O momento de descompensação, que Racamier (1992, 1993, 2003) denomina como acontecimento psíquico branco, ocorre como catástrofe psíquica provocada pelo impacto de um desmentido sobre a onnipotência auto-engendrada e/ ou sobre a tríplice recusa nela contida – das origens, da diferença dos seres e da diferença dos sexos. Então, uma organização metacatastrófica organiza-se para impedir novo desmentido. A psicose pode assim ser compreendida como o arranjo psíquico que permite estabilizar o combate permanente com o real, abdicando da recusa total do objecto, para garantir, através de recusas menores, a recusa da sua perigosidade. Enfim, constituem-se dois espaços mas sem fronteira entre eles, sem qualquer elemento intermediário de passagem ou ligação, sendo a invasão de um pelo outro um risco constante. As diferentes organizações psicóticas podem então distinguir-se pela incidência da recusa que realizam não já *do* objecto mas “*sobre* o objecto (...). Assim se organiza uma escala degressiva de recusas graduadas, que privam o objecto: de materialidade, de gravidade, de localidade, de significância, de significação, de origens, de autonomia, de desejos próprios e de valor” (Racamier, 1980, p. 213). Estas recusas parciais têm como objectivo comum desqualificar o objecto, parcializá-lo, enfraquecê-lo, e assim proteger-se da atracção mortífera que ele exerce.

Para terminarmos esta exploração do antédipo catastrofado resta-nos apenas um brevíssimo olhar sobre o processo de recusa e os mecanismos que a sustentam, no terreno, como um exército. A recusa caracteriza-se pela sua destrutividade, pela sua massividade, e pela desfiguração que realiza (op. cit); como processo de defesa ela falha absolutamente, porquanto ao invés de preservar o Eu, a recusa esvazia-o destruindo-o. O combate travado pela galáxia narcísica, na qual o Eu se encontra petrificado, realiza-se com o mesmo ímpeto contra o id e contra o real, que “para ela são igualmente perturbadores” (op. cit, p. 128). Quanto ao seu exército, é composto pela clivagem, pela projecção e pela identificação projectiva. A clivagem recusa a diferença interior, a projecção recusa a diferença exterior, a identificação projectiva recusa ambas de um só golpe. Através delas é sustentada a recusa pela expulsão do conflito, pela expulsão do luto não realizado (Racamier, 1992).

Sintetizando, a separação psíquica da mãe e do bebé, seguida e consolidada pelo luto original, organiza os limites a partir do qual a psique pode desenvolver-se - dentro e fora, Eu e outro – e a possibilidade de relação e investimento mútuo entre estes domínios. A perpetuação da sedução narcísica através da entrada em cena do incestual, ao contrário, petrifica a

possibilidade de crescimento psíquico, impede a estruturação precoce dos espaços intra e extra-psíquicos e impossibilita o comércio entre eles. Sem desejo, representação, vida fantasmática, origem e limites organizadores, diferenciação e individuação são escassamente possíveis, pelo que o desejo, o objecto e o real, portadores da evidência da separação e da diferença, são inimigos a combater com as armas da recusa.

édipo e antédipo

Explorámos, até agora, o significado deste organizador original que é o antédipo. O último momento desta reflexão deve agora dedicar-se à explicitação dos contrastes e complementaridades entre o édipo e o antédipo. Para isso, introduziremos aqui o “quadrilátero de Bordeaux” (Racamier, 2003, p. 27, 28 e 29), o esquema de desenvolvimento psíquico proposto por Racamier que integra a descoberta do objecto e da triangulação. Através dele podemos compreender os aspectos fundamentais das duas linhas evolutivas. Do ponto de vista dinâmico, podemos perceber a complementaridade entre o conflito proposto pelo antédipo e aquele apresentado pelo édipo – é pela resolução da oposição entre narcisismo e objectalidade que o processo de constituição identitária, através de identificações e introjecções cada vez mais elaboradas, pode enfim desembocar na conflitualidade intra-psíquica entre desejo e interdito. Efectivamente, id, ego e superego só podem existir enquanto instâncias psíquicas conflituais uma vez intrincadas as pulsões narcísicas e objectais, uma vez constituído o Eu que deseja face a um outro que satisfaz ou frustra esse desejo. Podemos portanto distinguir as tarefas destes dois organizadores afirmando que, do ponto de vista tópico, o antédipo organiza os limites nos seio dos quais o Édipo depois trabalhará. A tópica ternária antedipiana, Eu, objecto e Ideia do Eu, é o sustentáculo a partir do qual a tópica intrapsíquica poderá constituir-se. Sabemos também que, do ponto de vista económico, é a energia libertada pela resolução do conflito originário que permite os investimentos objectais e narcísicos. Assim, o antédipo não se apaga para dar lugar ao édipo, ele constitui-se como o pano de fundo discreto mas indispensável que sustenta, dinâmico, tópico e economicamente, o trabalho edipiano.

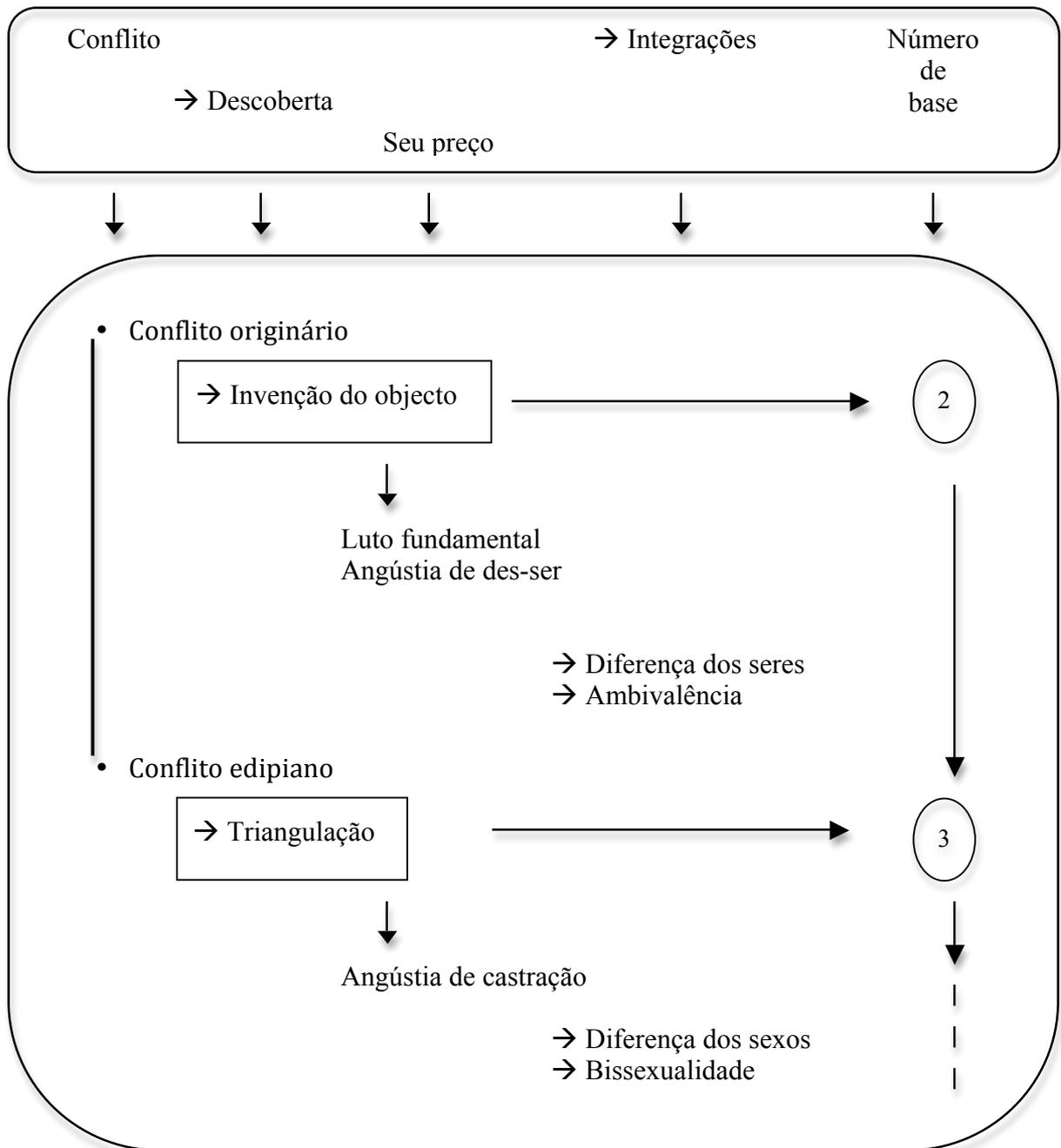


Figura 1: Quadrilátero de Bordeaux (Racamier, 2003, p.29)

Concluindo, o que a proposta de Racamier evidencia é que não há simples sucessão linear do antédipo ao Édipo, mas duas linhas que se equilibram e se enriquecem mutuamente (Racamier, 1992, 2003). Sem a invenção do objecto, a integração da diferença entre os seres e o raio da ambivalência que o luto original permite, o conflito edipiano não se pode colocar na sua dimensão organizadora face à origem e à finitude. É a resolução do conflito originário,

como mostrámos, que estabelece o quadro onde a cena primitiva e o conflito triangular pode surgir. Se o antédipo desenha os limites onde o Édipo se pode inscrever, por sua vez o Édipo desenha os limites dentro dos quais o antédipo pode continuar a promover a individuação criativa.

“Se o Édipo fosse apenas o Édipo, se não conhecesse o contraponto que lhe oferece o antédipo, aos olhos do indivíduo a sua vida própria dever-se-ia exclusivamente aos pais, e o seu nascimento dever-se-ia somente à cena primitiva: o narcisismo do sujeito estaria em risco iminente. Se, ao contrário, a vida própria se devesse inteiramente a si, e só a si, triunfaria um antédipo integral: o narcisismo insuflado de recusa estaria preenchido por vazio. Só o antédipo bem temperado permite ao indivíduo sentir-se dotado de uma vida que lhe é própria mas que não vem exclusivamente de si: fruto de uma co-produção conjuntamente assinada pelos seus pais e por si mesmo, e de uma fecunda aliança entre a libido do objecto e a libido narcísica, entre a libido e a agressividade.” (Racamier, 1992, p. 125).

2. AS ORGANIZAÇÕES LIMITE

O vasto território dos estados limite tem sido objecto de inúmeras teorizações, debates, controvérsias. As suas fronteiras nem sempre são descritas com clareza, tendo sido necessário um longo caminho para serem reconhecidos como entidades nosológicas independentes das estruturas neuróticas e psicóticas (Bergeret, 1996/2000).

Nas páginas que se seguem procuraremos caracterizar as organizações limite, a partir de uma reflexão que procurará evidenciar os aspectos estruturais mais significativos destes funcionamentos psíquicos, nomeadamente aqueles que se referem à constituição dos limites psíquicos, à organização do narcisismo, à gestão pulsional, à relação objectal, aos mecanismos defensivos e à situação face ao conflito edipiano. A nossa revisão da literatura não pretende ser exaustiva, mas centrar-se na compreensão dos processos psíquicos em que se sustentam estas organizações. Escolhemos como guias para esse percurso as reflexões teóricas de Bergeret (1986, 1989, 1996/2000, 1972/2004) Kernberg (1986), Chabert, Brusset & Brelet-Foulard (1999) e Green (1990, 1973/2004). A escolha destes autores prende-se com a sua importância histórica, mas sobretudo com a decisão de nos limitarmos à revisão dos modelos cuja ênfase recaísse na compreensão estrutural, por ser esse o modelo mais adaptado ao propósito que aqui pretendemos cumprir: explorar o papel do antédipo na constituição psíquica das organizações limite.

sobre os limites

A construção psíquica implica a possibilidade de efectuar distinções, de operar separações, mantendo, no entanto, a ligação entre os espaços constituídos; é assim relativamente à distinção entre o eu e o objecto, e é também assim no que concerne à distinção entre instâncias psíquicas. A problemática central das organizações limite é exactamente a precariedade das suas fronteiras, a dificuldade de separação eficaz e de circulação apropriada através dos seus limites intra e extra-psíquicos. O limite face à realidade exterior, ao objecto, está apenas tenuemente assegurado: há uma distinção tópica, mas não económica face ao objecto (Nacht & Racamier, 1960) que está na origem da procura incessante de uma distância que possa fazer face à dupla angústia de separação-intrusão que

domina esta organização (Green, 1990; Chabert, Brusset & Brelet-Foulard, 1999). Por outro lado, as fronteiras intra-psíquicas são igualmente frágeis e pouco funcionais e “a distinção entre pensamentos, representações, afectos e acções é pouco precisa” (Green, 1990, p. 160). A função de cada um destes componentes está distorcida pelo modelo do acto, devido à precariedade de processos de transformação, e particularmente de simbolização que resulta da fragilidade dos limites intra-psíquicos (op. cit). É assim que

“as palavras são utilizadas como coisas, os sonhos, longe de constituírem um objecto da realidade psíquica ligada ao corpo delimitando um espaço pessoal interno, têm uma função de evacuação, os fantasmas podem representar uma actividade compulsiva destinada a preencher o vazio ou são considerados como factos, os afectos têm uma função de representação, os actos tendem mais à abolição da realidade do que à sua transformação.” (op. cit, p. 109)

o negativo e a constituição da interioridade

Desde Freud (citado por Green, 1990) que a reflexão em torno do narcisismo é marcada por uma dupla lógica: por um lado o narcisismo primário absoluto é entendido como a “tendência a alcançar o grau zero de excitação” (Green, 1990, p. 113), por outro, destituído desse predicado “absoluto” o narcisismo primário é também o lugar de constituição de um espaço psíquico próprio, simultaneamente reservatório e lugar de retorno dos investimentos objectais (op. cit). O narcisismo pode assim ser concebido como o espaço do negativo, “aquilo que é invisível e silencioso” face à visibilidade e sonoridade dos investimentos objectais,

“um espaço neutro, susceptível de ser alimentado em parte pelo espaço das relações de objecto, mas distinto deste para constituir o fundamento da identificação, quando as relações favorecem a continuidade do sentimento de existência (...), ou ao contrário evacuando-se a si mesmo pela aspiração ao não ser, na expressão de uma auto-suficiência ideal que se reduz progressivamente até ao aniquilamento” (op. cit, p. 115).

A constituição deste espaço negativo como lugar de investimento depende da possibilidade de suportar a ausência materna e de investir essa ausência: a alucinação negativa

da mãe cria a interioridade onde a falta pode ser sentida, significada e representada. O que é que permite que a ausência seja tolerada e não sentida como ameaçadora? A introjecção lenta e progressiva do objecto primário, sobretudo da sua função contentora e transformadora. Sem que o objecto se tenha oferecido como primeiro investidor, contentor e transformador, o seu desaparecimento deixa de abrir espaço ao negativo como potencialidade, restando o negativo enquanto vazio sem fim. Na impossibilidade de dar significado à ausência, que encontramos nos casos-limite, é a aspiração ao zero que sobrevém, em vez do espaço o vazio, a alucinação negativa de si, verdadeira expressão da pulsão de morte (op. cit).

Estamos aqui face à origem da dependência objectal destas organizações: o desaparecimento do objecto exterior implica o aniquilamento do objecto interior e coloca o self face a um vazio não representável. O que isto traduz é a impossibilidade de elaboração da posição depressiva, a falha, não na separação entre self e objecto mas na síntese entre “introjecções e identificações positivas e negativas” (Kernberg, 1986, p. 301), na introjecção do objecto total e do seu amor, isto é, no processo de identificação primária, suporte de um narcisismo bem nutrido (Bergeret, 1972/2004).

Ora, sem que a regulação narcísica precoce tenha sido instituída, a ausência não pode ser vivida como “uma presença potencial, a condição de possibilidade não apenas dos objectos transitivos mas também dos objectos potenciais necessários à formação do pensamento” (Green, 1990, p. 117). A instituição dos processos terciários, processos de ligação e de transformação, responsáveis pela intricação pulsional, mediadores entre os processos primários e os processos secundários, e portanto garantes da constituição do espaço intermédio, pré-consciente, onde o pensamento e a simbolização podem nascer, está comprometida.

O essencial, em relação às organizações limite, é que há uma rede concertada de processos e diferenciações que constitui o espaço psíquico e de que estas estruturas estão carentes: a estrutura narcísica é deficiente, funcionando como vórtice nadificante, os processos de ligação são precários e as barreiras pré-conscientes ténues, impedindo as transformações e sínteses que levariam à organização das estruturas simbólicas e à elaboração da posição depressiva. Os estados limite sofrem de “uma patologia da interiorização” (Chabert, Brusset & Brelet-Foulard, p. 87, 1999) no sentido em que o seu espaço psíquico carece de investimento e ordenação.

a violência primitiva

Uma das consequências da desorganização psíquica e da precariedade dos processos de ligação das organizações limite é a persistência de uma violência arcaica não metabolizada, em virtude da ausência de integração pulsional. Dado “a primeira estrutura mental eficiente na criança pequena não ser ainda uma pulsão erótica, mas uma manifestação instintiva brutal, sem amor nem ódio, marcada pela angústia perante a imagem, ainda pouco consistente do outro, de que não há lugar ao sol para os dois” (Bergeret, 1986, p. 164) e sendo a mesma posição violenta reactivada no adulto, no nascimento da nova criança, através do mecanismo de identificação projectiva, os primeiros momentos de vida são marcados por “uma fase relacional narcisicamente bastante violenta entre o adulto e a criança, cada um experimentando uma automática reacção de defesa pela sua própria vida” (Bergeret, 1989, p. 862). Este conflito relacional primário “ele ou eu”, “eles ou eu” aparece claramente nos momentos iniciais do mito edipiano original, nas palavras do primeiro oráculo: “ou a criança mata os seus pais para conservar o seu direito à vida, ou os seus pais matam preventivamente a criança se querem sobreviver” (Bergeret, 1986, p. 164). É preciso sublinhar que esta violência primitiva e instintiva não é direccionada para o objecto, porquanto este não existe sequer como tal. Ela é antes o profundo pânico face à situação de absoluta dependência em que se encontra o recém-nascido.

A integração desta violência primitiva é realizada, quer na evolução neurótica quer na psicótica, pela intricação destes primeiros elementos violentos com a corrente libidinal, diferindo a solução económica encontrada: primazia organizadora da libido na neurose, transformação em agressividade pela incorporação de elementos libidinais de ligação objectal na psicose (op. cit). Nas organizações limite o que sucede é a não intricação e consequentemente a não organização sob o domínio de uma das correntes pulsionais, permanecendo a violência original no estado livre, não direccionável objectalmente e certamente não utilizável no registo fantasmático (op. cit).

“Uma tal deficiência sob o plano da psicogénese não pode resultar de um intenso conflito com o ambiente; parece antes originar-se de uma carência, uma carência do papel de para-excitação e do papel libidinalmente indutor que devem ser representados pelo meio. (...) Ou o ambiente não assegurou uma protecção auxiliar suficiente contra o instinto violento primitivo inato e contra a pulsão libidinal que aparecia, ou o ambiente não foi suficientemente indutor para

permitir a exploração das capacidades da libido de integrar a violência inata para fins positivos para os dois elementos em presença: o sujeito e o outro” (op. cit, p. 167 e 168).

Esta falha primária na integração e transformação pulsional condiciona uma vivência relacional marcada pela procura incessante de um objecto capaz de conter, organizar e sustentar narcisicamente o frágil self limite. No entanto, qualquer relação objectal está votada à infiltração destruidora desta violência arcaica, que pela projecção da situação de desprotecção precoce e do ódio a ela associado, transforma continuamente o objecto idealizado num objecto persecutório.

o objecto limite

Ao contrário das estruturas neuróticas e psicóticas que se organizam em torno do conflito psíquico (entre as exigências pulsionais e os interditos superegoicos, ou entre o id e a realidade, respectivamente), as organizações limite caracterizam-se, economicamente, pelo esforço defensivo face à fragilidade narcísica que faz do objecto um auxiliar indispensável à sobrevivência egóica (Bergeret, 1972/2004; Chabert, Brusset & Brelet-Foulard, 1999; Green, 1990). Face à deficiente constituição narcísica, à precariedade dos limites psíquicos e à impossibilidade de intricação e transformação pulsional, vimos ser comprometida a elaboração da posição depressiva, que permitiria a constituição de um objecto total suficientemente bom para permitir a independência face aos objectos externos. Ao contrário, observa-se um universo de objectos clivados, a procura incessante de um objecto absolutamente bom, a todo o momento ameaçado pela projecção do mau objecto que a idealização procura negar (Green, 1990). A violência arcaica em circulação livre não cessa de atacar e enfraquecer o objecto, que assim não se constitui nunca como presença interior sólida, pelo que é mais fortemente odiado, atacado e assim enfraquecido, num círculo vicioso que impede qualquer outra dinâmica interna (Chabert, Brusset & Brelet-Foulard, 1999).

A precariedade das fronteiras psíquicas e dos objectos internos da organização limite, explica a procura incessante de “uma distância psíquica que lhe permita sentir-se ao abrigo da dupla ameaça de invasão pelo outro e da sua perda definitiva” (Green, 1990, p. 66). Se, como vimos, a ausência do objecto não pode constituir nem um espaço de investimento narcísico

suporte da identidade, nem um espaço de elaboração fantasmática, cada afastamento do objecto é sentido como uma “amputação narcísica” (Green, 1973/2004, p. 175), e cada aproximação como uma ruptura do frágil limite, ambas constituindo um risco de desintegração. É, assinala Green (1990), “uma lógica do desespero”, uma lógica dominada por um objecto interno frustrante e insatisfatório, odiado pelas suas características mas preservado com todas as forças pela sua função narcísica. Esta dupla angústia pode ser entendida como defesa face ao fantasma fusional de invasão pelo objecto e do objecto, que satisfaria enfim a sua carência ilimitada, bem como face ao fantasma de onnipotência e auto-suficiência mítica, que o salvaria da dependência objectal (op. cit).

Concluindo, o objecto, nestas organizações não alcançou o estatuto de verdadeiro objecto libidinalmente investido, permanecendo como apoio narcísico de um ego insuficientemente diferenciado e autonomizado. As relações objectais vivem-se sem acesso à diferenciação sexual e ao erotismo, e portanto “trata-se de ser amado pelo outro, o forte, o grande” (Bergeret, 1972/2004, p. 228), capaz de sustentar a fragilidade psíquica deste indivíduo imaturo e instável.

a clivagem, a expulsão psíquica e a psicose branca

O problema essencial das organizações limite, já o compreendemos, é a ausência de limites claros e operacionais, bem como de processos de ligação e transformação pulsional que permitam a circulação intra e extra-psíquica sem que isso represente uma ameaça identitária. A clivagem e a identificação projectiva são os mecanismos essenciais utilizados para minimizar a ameaça. No extremo, a expulsão pelo acto ou pela somatização e o desinvestimento radical, constituem o último recurso defensivo face ao caos e à desintegração.

O recurso permanente à clivagem, estabelece os limites possíveis entre o dentro e o fora, bem como entre uma fantasmática arcaica e a actividade consciente. O problema está em que a clivagem não permite a comunicação entre os espaços assim separados, o que leva ao arrombamento periódico dos limites dessa forma estabelecidos, e portanto à invasão mútua dos diferentes territórios. É assim que, como notámos, a clivagem entre bons e maus objectos que procura, com o auxílio da identificação projectiva, sustentar uma clivagem entre o interior

e o exterior, leva à transformação periódica dos objectos totalmente bons em objectos totalmente maus, revelando a precariedade das fronteiras psíquicas pelo carácter invasivo das angústias despoletadas.

O papel da identificação projectiva nestas organizações deve ser sublinhado: testemunhando “uma posição narcísica onnipotente” (Green, 1990, p. 235) através deste procedimento defensivo o self procura simultaneamente desembaraçar-se de elementos não elaboráveis interiormente e controlar e dominar o objecto no qual projecta esses elementos. “A identificação projectiva é uma defesa contra a agressividade primitiva e a angústia que ela suscita” (op. cit, p. 235), permitindo a expulsão para o exterior dessa angústia, mas não conseguindo, de forma alguma, minimizá-la ou transformá-la, o que é revelado pelo retorno dos elementos projectados sob a forma de identificação.

Dada a ineficácia do sistema defensivo, e na impossibilidade de processar as quantidades maciças de afecto, a actuação e a somatização são utilizadas como forma de curto-circuitar o funcionamento psíquico (op. cit). Se conseguem, efectivamente, uma diminuição da pressão fantasmática, estas defesas por evacuação psíquica esvaziam progressivamente o espaço interior. (Chabert, Brusset & Brelet-Foulard, 1999). O resultado é um “desinvestimento cada vez mais radical que engendra estados de branco do pensamento sem nenhum afecto” (Green, 1990, p. 156). O negativo, na sua vertente nihilista, a aspiração ao zero, ao branco, vai estendendo a sua influência e acabando por ocupar todo o espaço psíquico.

à porta do Édipo

A impossibilidade de suportar narcisicamente a ausência do objecto primário não permite a representação paterna enquanto elemento terceiro (mediador e separador) investido pela mãe. A cena primitiva não pode então esboçar-se, ficando comprometidos os organizadores edipianos que dela derivam: a diferenciação sexual, a diferenciação geracional e a constituição superegoica. A diferenciação entre os progenitores não apela mais à sexualidade mas à clivagem entre o bom e o mau objecto (Green, 1990) e à posição narcísica do pequeno face aos grandes, do frágil face aos fortes (Bergeret, 1972/2004). A elaboração simbólica dos fantasmas incestuais e parricidas, directamente ligados às aspirações fusionais

que vimos advirem da fragilidade do objecto interno e à persistência de níveis de destrutividade arcaica relacionados com angústias de aniquilamento (Chabert, Brusset & Brelet-Foulard, 1999) não pode ser realizada, não apenas pela ausência de processos de transformação mas também pela inexistência de uma instância interditora.

A dificuldade em aceder à conflitualização edipiana inviabiliza o desenvolvimento do seu herdeiro, o superego, permanecendo a regulação narcísica e objectal a cargo de um ideal do ego “pueril e gigantesco” (Bergeret, 1972/2004, p. 229). O superego enquanto instância evoluída, formada a partir da identificação com os interditos parentais mas abstraindo e generalizando a partir daí, integrando aspectos narcísicos bem temperados, projectando uma ideia realista ao invés de ideais megalómanos, é algo que estas organizações não conhecem. Ao contrário, são movidas por ideais irrealistas e fantasiosos, construídos a partir da identificação primitiva às introjecções totalmente boas, e servindo de alimento à onnipotência e narcisismo patológico que as caracteriza (Kernberg, 1986).

sobre o percurso trilhado com as organizações limite

À inorganização psíquica primordial responde a rêverie materna, oferecendo-se como função de ligação e transformação que permitirá a progressiva organização e metabolização dos elementos fragmentados, primeiro exteriormente, depois internamente graças à introjecção do objecto primário e conseqüentemente da sua função contentora. O narcisismo primário pode ser entendido como um espaço negativo a ser alimentado, num primeiro momento, por este processo de identificação. Constitui-se então como um reservatório energético capaz de sustentar economicamente o aparelho psíquico em formação, na ausência do objecto exterior. Neste sentido, a constituição de um espaço narcísico bem nutrido corresponde à constituição da interioridade, do espaço psíquico ele mesmo, bem como à constituição do objecto interno, à *imagem e semelhança* desse objecto externo agora ausente, mas internamente presente. A impossibilidade de realizar esta introjecção fundadora, que garantiria a autonomia face ao objecto exterior, é a marca das organizações limite. Dela decorrem as dificuldades apontadas na nossa exposição: na construção do espaço psíquico e sua regulação, e na vivência objectal.

Relativamente à constituição psíquica verifica-se, antes de mais, a persistência de uma (des)organização pulsional marcada por níveis de destrutividade arcaica, não modulada pela corrente libidinal que permanece desligada da corrente agressiva. Efectivamente, se a função de ligação e transformação não foi interiorizada, como poderiam as correntes pulsionais ter sido sujeitas a tais processos? Este quadro configura a impossibilidade de elaboração da posição depressiva, que consistiria exactamente no desenvolvimento da capacidade de reparação graças à integração do objecto total e à intricação pulsional, com predomínio da corrente libidinal sob a corrente agressiva. Esta falência de todos os processos de mediação, de ligação, de transformação, revela a impossibilidade de constituição dos espaços que intra e extra psiquicamente asseguram essas funções: o pré-consciente e o espaço transitivo. São os processos terciários no seu conjunto, enquanto jogo, símbolo ou sonho que se revelam altamente deficitários nestas organizações. Na sua ausência, a clivagem entre conteúdos psíquicos antagónicos e entre o interior e o exterior persiste como garante extremo e único da manutenção de fronteiras delimitadoras, mas destituídas da função comunicante.

A cadeia de “acontecimentos” psíquicos que derivaria da constituição deste “duplo limite” (Green, 1990, p. 337), destas regiões fronteiriças que asseguram o comércio intra e extra-psíquico está então comprometida. A deficiência na constituição da região pré-consciente tem como correlato óbvio a dificuldade de realizar o trabalho do recalçamento e portanto de instituição de um regime de pensamento organizado segundo os processos secundários. Na impossibilidade de lidar com o material inconsciente através da sua transformação simbólica, e sem que a fronteira entre o interior e o exterior tenha sido adequadamente estabelecida, o recurso a defesas mais radicais, operando através da expulsão psíquica torna-se a única forma de aliviar a tensão psíquica. A exterioridade ganha uma importância capital face a este défice de interioridade: por um lado a actuação permanente coloca a cena psíquica no exterior, por outro o objecto exterior deve ser permanentemente controlado, através da identificação projectiva, pela dupla função que assegura – de suporte narcísico e de permanente receptáculo dos conteúdos impossíveis de integrar.

Neste quadro, a cena primitiva não pode mais constituir-se como o momento psíquico a partir do qual o Édipo se organiza como complexo que permite elaborar a questão da origem e da diferença de seres, sexos e gerações e que possibilita a construção das identificações secundárias; é antes sentida como abandono, como exclusão, como ataque narcísico. Os fantasmas incestuais e parricidas face à cena primitiva não podem ser elaborados,

precisamente devido à ausência de intricação pulsional e de processos de transformação simbólica. Eles remetem para um universo narcísico, em que a sobrevivência só é possível se garantida pela presença contínua de uma mãe que não tem outro interesse ou prazer que não a satisfação das necessidades vitais do seu bebé. O pai quer-se não exactamente morto, mas inexistente. E a mãe quer-se não sexualmente, mas narcisicamente.

Procurámos, ao longo destas páginas, clarificar os grandes eixos estruturais que permitem compreender os funcionamentos limite. A partir da constatação da precariedade das suas fronteiras internas e externas explorámos o papel do narcisismo primário, da destrutividade, da dependência objectal e finalmente da organização defensiva apoiada em mecanismos de clivagem, expulsão e desligamento nestes arranjos psíquicos. Concluimos que a impossibilidade de constituir um espaço interior a partir da identificação primária a um objecto suficientemente bom compromete, de forma particularmente severa, a constituição narcísica e a constituição pulsional, impedindo a conflitualização intra-psíquica que tem como modelo primeiro a cena edipiana. Chega então o momento de pensarmos estes dados constitucionais à luz do complexo antedípico.

3. O ANTÉDIPO NO LIMITE

No primeiro capítulo explorámos os organizadores antedipianos, trilhando o percurso que leva da sedução narcísica ao luto primitivo, estabelecendo as condições de emergência do Eu, do objecto e da mediação entre ambos ou, ao contrário, em direcção ao incestual, como movimento de perpetuação da sedução narcísica e de curto-circuito do desenvolvimento psíquico. Em seguida, explorámos as linhas de força das organizações limite, sublinhando a fragilidade das fronteiras intra e extra-psíquicas, com consequências nefastas para o estabelecimento de um espaço de investimento narcísico, para o desenvolvimento dos processos terciários e para a organização das relações objectais. Procuraremos agora iluminar a compreensão destes traços constitucionais das organizações limite, a partir desses organizadores fundamentais do complexo psíquico antedipiano. Veremos como a evolução antedipiana das organizações limite, a que chamamos antédipo esvaziado, inverte e perverte as ordens antedipianas tradicionais – iniciando o seu percurso por um luto sem corpo, socorre-se do incestual para fazer nascer a sedução narcísica. Este luto demasiado precoce e radical cria uma clivagem entre o Eu e o seu objecto, ao invés de uma distinção fluida: a ausência de uma união prévia compromete a familiaridade e confiança entre ambos, e a impossibilidade de ultrapassar a perda impede a organização de uma vida psíquica fundada na redescoberta e recriação. Já empobrecido por este percurso, este Eu vai deteriorar-se ao procurar, através do incestual, colmatar o vazio primitivo: a recusa do papel de um terceiro no desejo da mãe e no nascimento próprio conduzem à brancura representacional e fantasmática que tomará progressivamente conta do já pouco diferenciado e preenchido solo psíquico.

narcisismo e objectalidade em confronto precoce

O primeiro momento de reflexão terá de se centrar sobre a forma como, a partir da teoria, podemos pensar a constituição do movimento centrípeto de sedução narcísica nos casos limite. O que é imediatamente claro é que esse movimento não se pôde realizar de forma eficaz e consistente, ou não falaríamos tão insistentemente na falha narcísica primária no universo borderline. Efectivamente, uma das funções principais da relação de sedução narcísica na díade primitiva é a constituição de um espaço de investimento narcísico através

do papel unificador, protector e estabilizador desta interacção. Este espaço é um espaço narcísico, no sentido em que tende para o grau de zero de excitação, diminuindo qualquer possibilidade de diferenciação e impedindo, por isso, a constituição do objecto enquanto tal. Com isto, a relação de sedução narcísica visa, como vimos, proteger o Eu emergente das excitações internas e das estimulações externas que, na ausência de um aparelho psíquico suficientemente diferenciado, seriam lesivas para o desenvolvimento psicológico. Ora, o que observámos quando investigámos as organizações limite foi a ausência de um tal reduto interno, que pudesse constituir-se como base fundamental dos investimentos *no* e *do* Eu. Ao contrário, percebemos que a ausência de um tal espaço se associa a dificuldades muito significativas na gestão das excitações pulsionais e dos estímulos objectais.

Podemos a partir daqui teorizar a existência, ao nível proto-representacional, de uma falha, um défice na constituição do fantasma-não-fantasma de auto-engendramento mútuo, e consequentemente nos seus indicadores: na constituição de envelopes inversíveis, na manutenção de uma organização ao abrigo da conflitualidade, e na inflação vitalizadora da onnipotência primitiva. Efectivamente, sem a ilusão auto-criadora que a galáxia narcísica proporciona, a constituição progressiva de limites físicos e psíquicos através dos investimentos de contacto e contenção que vimos serem realizados pela pele, pelo olhar e pela respiração, fica comprometida. Um mundo coeso e estanque, formado pelo englobamento mútuo dos dois elementos da díade narcísica, ao abrigo dos ataques, internos ou externos, não se forma. E dado que é essa primeira barreira protectora que constitui o paradigma a partir do qual, mais tarde e na sequência do luto originário, os limites individuais, extra e intra psíquicos, são formados, estes ficarão igualmente comprometidos. Também a função de protecção face à conflitualidade é ineficaz, ficando o Eu precoce exposto ao universo pulsional e objectal, demasiado cedo e sem recursos próprios capazes de fazer frente a essas excitações e estimulações. Finalmente, a onnipotência primitiva é defraudada, o Eu desprotegido, pouco delimitado e invadido a partir de todas as frentes, é a imagem do desamparo.

Vimos, quando estudámos a constituição antedipiana, que a sedução narcísica representava o primeiro momento de um percurso que podia realizar-se em duas direcções: face ao luto original e ao pensamento das origens, ou face ao incestual e à recusa das origens. Que percurso pode existir quando o primeiro momento não pôde ser vivido? De certa forma, os dois percursos e nenhum deles.

um luto sem princípio nem fim

Dissemos que o luto original constituía o momento em que era necessário perder o objecto enquanto duplo narcísico, para o encontrar como investimento libidinal. Mas na ausência da relação narcísica primitiva, pelo menos de forma suficientemente organizadora, não se perde o que não se teve, e o que se encontra é um objecto ameaçador mas narcisicamente indispensável. O luto original deixa então de ser o processo de separação psíquica, progressiva e estruturante, entre os dois elementos da díade, para passar a ser uma ausência infiltrada, muito precocemente, no tecido do Eu, um lugar vazio, sempre por preencher. A dimensão depressiva das organizações limite pode ser entendida à luz desta carência precoce de um momento de construção a dois, prévio à individualização. Este luto não é a perda de uma relação narcísica vivida, mas por viver; é a perda de um tempo de construção psíquica fundamental, que não foi realizada, de algo que poderia ter sido e não foi, que poderia ter enriquecido o Eu mas não o fez. Nesse sentido, este luto permanece irresolúvel, como um traço marcante do psiquismo, uma necessidade sempre por satisfazer. Cunha um espaço negativo, como afirmámos anteriormente, enquanto vazio sem fim, e cunha igualmente um padrão relacional marcado pela necessidade e pela dependência, ao invés do desejo. Por outro lado, dada a desprotecção precoce, o objecto só pode ser vivido como ameaçador, e isto num duplo sentido: pela sua ausência, pelo seu abandono pôs o Eu em perigo, e pela sua presença, não temperada pela relação narcísica, o objecto é invasor em vez de contentor e transformador.

A travessia do luto originário, na sequência de uma sedução narcísica vitalizante, deixa como marca fundamental a organização ternária dos espaços psíquicos: a partir da díade narcísica diferenciam-se, sem se clivarem, o interior e o exterior, o Eu e o objecto, unidos pela imago fronteira a que chamamos Ideia do Eu. Mas, sem que a galáxia narcísica se tenha constituído como um espaço abrigado onde, longe de desejos e excitações outras, o olhar, a pele e a respiração transformavam a circularidade centrípeta primitiva num movimento de reconhecimento e qualificação diferenciadora, a Ideia do Eu não pode estruturar-se de forma equilibrada, comprometendo a diferenciação entre a interioridade e a exterioridade, e a aliança entre narcisismo e objectalidade. Nas organizações limite, ao invés de uma representação inconsciente que assegura a familiaridade e a diferença entre o Eu e o objecto, encontramos uma profunda dificuldade em separar estas duas representações sem as clivar e,

complementarmente, em reconhecer as suas semelhanças sem as fundir. A Ideia do Eu parece não conseguir operar a sua função mediadora, trabalhando apenas, e com falhas significativas, na manutenção dos envelopes delimitadores. Este Eu limite posiciona-se face ao objecto a partir de uma linha fronteira, ele é a linha fronteira, sem que um espaço interior tenha ganho espessura a partir da relação narcísica primordial. O Eu é um não lugar, e o objecto uma dupla ameaça: narcisismo e objectalidade opõem-se porque carecem ambos de uma estruturação suficiente.

Quando explorámos o percurso desse antédipo bem nutrido, observámos como a fantasia, a criatividade, e a capacidade de superar perdas e desilusões estavam intimamente relacionadas com o percurso trilhado desde a perda da união narcísica onnipotente ao encontro/criação do objecto e do mundo; no caminho antedipiano das organizações limite o luto irrealizável dessa ausência narcísica primária compromete o desenvolvimento destas capacidades. Sem a sedimentação, no tecido psíquico, dos fragmentos perenes da onnipotência infantil vivida e ultrapassada na relação narcísica através da co-criação do Eu, do objecto e do mundo, a realidade exterior impõe-se com crueza e é muito dificilmente transformável a partir de uma interioridade marcada pelo vazio. O sonho, esse testemunho máximo da capacidade originalmente criadora do Eu, é um território desconhecido, bem como a fantasia, enquanto possibilidade psíquica de transformação e conflitualização das moções pulsionais. Exploraremos mais pormenorizadamente o destino da vida fantasmática nestas organizações depois de percorrermos outros caminhos. Por agora, é importante sublinhar a ausência de uma construção proto-fantasmática de auto-engendramento mútuo, a ser lentamente transformada, através do luto primordial, em fantasia sobre a origem do Eu na sua relação com a diferença de seres, dos sexos e das gerações. Finalmente, sem que este luto primeiro tenha podido ser transposto, e ao invés, se eternize no tecido psíquico como ferida sempre aberta, cada nova separação, cada novo luto não só não poderá ser elaborado, como perpetuará a dor e a vivência de esvaziamento.

à procura do tempo perdido

Dissemos acima que o antédipo limite, face ao fracasso da relação de sedução narcísica, se veria condenado a trilhar os dois percursos paradigmáticos, o do luto e do incesto, sem na realidade viver nenhum deles. Já percebemos como o luto, vivido como ausência e não como perda, se torna inultrapassável. Veremos agora que o universo incestual entra em cena como forma de escapar desse luto impossível, como desesperada tentativa de restaurar a relação narcísica fracassada, e também como forma de controlar o objecto de forma a minimizar a ameaça por ele constituída. Os equivalentes do incesto serão todos os processos de deslocamento do incesto não fantasmado que procuram forjar uma união narcísica, absoluta e perfeita. As toxicomanias, perversões, anorexias e compulsões sexuais, relacionadas com a patologia limite, podem ser entendidas a esta luz. O que é importante não esquecer é que se trata sempre de uma sedução narcísica e não sexual, aquela que é actuada na lógica incestual. Trata-se sempre de uma lógica de utilização do objecto como forma de suprir a carência interna. Face a uma vivência clivada perante um objecto narcisicamente indispensável, o incestual vai servir não para perenizar a sedução narcísica (como vimos acontecer na construção antedipiana psicótica) mas para a fazer nascer. A relação com o objecto será vivida como perpétua tentativa de anular a distância, a diferença, e a excitação demasiado intensa e não transformável, provocada por esse objecto tão necessário quanto temido. O incestual será procurado não como forma de evitar a emergência do desejo, mas de estancar a mais vital das necessidades: a do olhar, do toque, da contenção rítmica do outro face ao vazio próprio.

Devemos olhar para a lógica incestual na perspectiva deste antédipo esvaziado, por contraposição ao antédipo furioso que antes analisámos. Para o último, o incestual tinha como objectivo bloquear a sedução narcísica, impedir a emergência do desejo, o que tinha como efeito a impossibilidade de representar, de fantasmar, desembocando na recusa da sexualidade, da diferença e enfim das origens pela inflação dos fantasmas-não-fantasmas de auto-engendramento e auto-desengendramento, que curto-circuitava o psiquismo e a relação deste com a realidade. Para o primeiro, o incestual procura recriar essa relação arquetípica de forma a minimizar a desprotecção do Eu face a um objecto abandonico, frustrante mas simultaneamente demasiado excitante. Se nos lembrarmos da teorização que explorámos acima sobre a violência primitiva, facilmente nos damos conta do quanto esta aproximação

incestual ao objecto procura simultaneamente proteger o Eu de si próprio e do objecto. Este investimento numa relação de cariz narcísico procura estancar um universo pulsional e objectal sentido como perigoso, como potencialmente aniquilador. Explicitemos, este ponto. Se a sedução narcísica não foi vivida, o fantasma-não-fantasma de auto-engendramento não se estabeleceu logo também não o seu complementar, o fantasma-não-fantasma de auto-desengendramento; o que se vive é o terror da criação e destruição pelo outro, na qual o Eu não intervém, numa fantasmática primitiva, crua, sem simbolização, como é próprio dos fantasmas-não-fantasmas. Afinal, todo o terror implicado na dupla angústia de separação-intrusão é esse: quer o abandono, quer a aproximação, por parte do objecto, implica o aniquilamento do Eu. O incestual procura, assim, recuperar o domínio da criação e destruição própria. Neste cenário, impedir a inscrição da cena primitiva edipiana é imprescindível, dado que tal constituiria o ferrolho da impotência do Eu face à sua origem. Ao serviço deste propósito está a expulsão psíquica, a identificação projectiva, a actuação e/ou a somatização, verdadeiros equivalentes incestuais que trabalham no sentido de simular a sedução narcísica e impedir que qualquer semente conflitual possa cair no solo psíquico e originar representações e fantasias ligadas ao desejo do objecto, e portanto à possibilidade de um terceiro. Se a psicose se organiza através de recusas que incidem sobre a diferenciação, sobre o objecto, a organização limite pode ser pensada como organizada em torno da recusa do desejo do objecto e do terceiro.

sínteses, convergências, conclusões

A organização limite parece portanto caracterizar-se pela impossibilidade de ultrapassar o conflito das origens, aquele que, recordemos, opõe as forças de crescimento às forças de indiferenciação e estaticismo. Eu e objecto diferenciam-se, é certo, mas não através de uma actividade de co-criação – o Eu constitui-se como lugar de esvaziamento face a um objecto frustrante, desnarcisante, um objecto que se impõe, paradoxalmente, pela sua ausência. E porque o objecto é um vazio mortífero, na medida em que não opera o seu papel contentor e regulador primeiro e de dinamizador libidinal depois, a sua internalização concorre para a desertificação psíquica, ao invés de possibilitar o enriquecimento e a diferenciação interna. Sem que este conflito original/ originário tenha sido integrado,

importantes estruturações psíquicas ficam comprometidas. O mundo fantasmático, a criatividade e a capacidade de superar lutos permanecem fixadas a este universo perigoso. O esvaziamento de que sofrem os sujeitos limite, a brancura que os vai progressivamente invadindo é a consequência dessa tentativa desesperada de controlarem a sua origem pelo domínio incestual do objecto. Afinal, esse nada foi o que sempre procuraram, ao lutarem com todas as suas forças para regressarem a um universo narcísico mítico, primordial, que nunca, ou pouco, tocaram.

Facilmente reconhecemos, neste percurso, os traços que assinalámos como os mais marcantes da estrutura limite. O negativo e o défice de interioridade são compreendidos a partir da ausência de uma vivência narcísica primitiva, que permitiria, ao abrigo das solicitações pulsionais e objectais uma organização precoce dos limites do Eu, insuflado pela onnipotência primitiva. A exposição demasiado precoce ao universo objectal impede a construção progressiva da separação entre o universo subjectivo e o objectal, ligados pela familiaridade e confiança proporcionada pela Ideia do Eu. Na ausência de uma tal instância mediadora, o objecto constitui-se como ameaça e necessidade absoluta, e portanto como lugar de ambivalência extrema e irresolúvel. A sedimentação, no tecido psíquico, deste conflito precocíssimo entre narcisismo e objectalidade impede a modulação pulsional pela intricação entre líbido e agressividade, permanecendo em estado livre, não elaborável e não direccionável, a violência primitiva que alimenta os processos de destruição psíquica e as angústias objectais destes funcionamentos. Um objecto assim constituído só pode ser vivido de forma clivada, entre a idealização que permite um mínimo de suporte narcísico, e o ataque feroz face à invasão temida. Por outro lado, esta ausência de um tempo de construção partilhado parece sedimentar-se psiquicamente como aspiração perene a esse mundo estacionário por viver, aspiração actuada incestualmente, através de defesas que visam anular a distância face ao objecto idealizado, e recusar e expulsar da psique o objecto abandonico e persecutório, e o seu maior embaixador: a representação do desejo e do prazer desse objecto face a um terceiro. A cena primitiva é recusada porquanto, sem o traço subtil mas fundamental do fantasma de auto-engendramento inscrito no tecido psíquico primitivo, ela testemunha a absoluta fragilidade do Eu face aos seus progenitores.

A instabilidade e desorganização típica dos funcionamentos limite pode ser compreendida a partir deste impasse relativamente ao conflito original, esta dificuldade em autonomizar-se na ausência de uma interiorização vivificante estabelecida na indiferenciação

narcísica precoce. Estudar os movimentos antedipianos, na sua oscilação entre um luto radical que expõe o Eu em toda a sua fragilidade e solidão, e as aproximações incestuais ao objecto sempre narcísico pode permitir novos insights sobre o sofrimento destes indivíduos, e a forma de, com eles, (re)construir esse tempo que ficou por integrar.

4. PERCURSOS E PROPÓSITOS

A exploração teórica que realizámos permitiu caracterizar o antédipo enquanto organizador psíquico que estabelece os alicerces narcísicos e objectais e instaura o pensamento sobre as origens. Vimos como a partir de uma vivência narcísica satisfatória se inscreve no tecido psíquico uma relação de familiaridade criativa entre o Eu e o seu objecto, possibilitando um percurso em direcção à conflitualidade edipiana. Observámos, igualmente, como a diferenciação entre o Eu e o seu objecto podem ficar comprometidas quando a vivência narcísica da díade é perpetuada pela entrada em cena do domínio incestual, que afasta o pensamento sobre as origens, perpetuando uma fantasmática primitiva onnipotente. Seguidamente, explorámos os organizadores fundamentais dos funcionamentos limite, esforçando-nos por sublinhar a relação estreita entre o défice narcísico primitivo, a precariedade das fronteiras psíquicas e as dificuldades de constituição dos processos terciários, as angústias de separação-intrusão face a um objecto narcísico vivido como perigoso mas imprescindível, a utilização de defesas arcaicas baseadas na clivagem e no esvaziamento psíquico e a impossibilidade de organizar a cena edipiana enquanto matriz da diferença dos sexos e das gerações.

Finalmente, procurámos compreender estas organizações à luz do complexo antedípico, mostrando como uma falha na constituição da relação original de sedução narcísica compromete a elaboração do conflito originário, impedindo o trabalho de luto original, e pondo em marcha uma lógica incestual que procura recriar a relação primitiva por viver. Observámos como a partir desta falha na constituição da galáxia narcísica pode ser compreendida a carência narcísica das organizações limite, e como a impossibilidade de realizar esse luto primevo mina a constituição dos limites psíquicos que asseguram as diferenciações mas também as ligações e trocas necessárias entre o Eu e o seu objecto. A impossibilidade de constituir a tópica ternária antedipiana (Eu, Ideia do Eu, objecto), que garante a relação de confiança e familiaridade entre o interno e o externo, afecta severamente o processo de intricação e modulação pulsional, e inscreve uma lógica relacional paradoxal, oscilante entre angústias de separação e angústias de intrusão. Face a este conflito entre narcisismo e objectalidade, ligado à ausência de uma placenta fantasmática que assegure ao Eu uma participação no seu engendramento, o Eu vai utilizar processos incestuais que iludam

a diferenciação: a clivagem, a identificação projectiva e os vários mecanismos de expulsão psíquica e de recusa da cena primitiva servirão esse propósito.

Trilhado este caminho, percebemos a importância deste complexo psíquico primitivo na estruturação do psiquismo em geral – no estabelecimento dos alicerces narcísicos, na constituição de fronteiras psíquicas, na regulação das relações objectais, na possibilidade de realizar os trabalhos de luto e criação e finalmente na capacidade de viver a conflitualidade edipiana – e nos funcionamentos limite em particular, em que a impossibilidade de realizar o trabalho psíquico proposto pelo conflito antedipiano compromete, de forma particularmente dolorosa, a constituição da interioridade e a relação com o outro e o mundo. Consideramos por isso mesmo pertinente dotar o saber-fazer da psicologia clínica de um instrumento de análise deste complexo originário que possa dar conta do arranjo específico e singular de cada sujeito, na medida em que permita compreender, relativamente aos diversos indicadores antedipianos e às possibilidades que deles derivam, até que ponto este complexo primitivo se organizou e/ou se comprometeu, que dificuldades maiores se colocam, e que processos foram afinal integrados.

A técnica Rorschach, transformada e enriquecida de forma a iluminar o complexo antedipiano nas suas diversas gradações, oferece-se-nos como instrumento de excepcional qualidade para proceder a uma tal análise. Nomeadamente, a técnica Rorschach deverá ser revista de forma a poder dar conta da *geografia psíquica antedipiana* – de diferenciação ou indiferenciação do Eu, do objecto e da Ideia do Eu –, *das fantasmáticas primitivas e seus instrumentos relacionais* – de co-criação, auto-engendramento ou de não-lugar na criação própria, sustentados pela pele, olhar e respiração como investimentos de contacto e contenção, como instrumentos de desqualificação e indiferenciação, ou como meras fronteiras desprovidas de verdadeira espessura, conteúdo e possibilidade de comunicação – e, finalmente, das *dinâmicas psíquicas que decorrem de cada uma das organizações antedipianas* – marcadas pelas possibilidades de ligar, criar e perder, pela recusa da diferença, do desejo, da representação e do conflito, ou ainda pela dificuldade e instabilidade das distinções e ligações entre o Eu e o seu objecto.

Assim, estabelecemos como primeiro objectivo do trabalho que se segue, a tradução desses organizadores para a técnica Rorschach, servindo-nos para isso do modelo e da teorização propostos pela Escola Francesa aquando da convergência entre o modelo

psicanalítico e a procedimentos de análise e interpretação do Rorschach (Anzieu & Chabert, 1961/2004; Chabert, 1997/2003, 1998/2000; De Traubenberg, 1970). Procuraremos explicitar como os diversos componentes da situação-Rorschach podem solicitar o complexo antedipiano enquanto base universal do psiquismo humano, e como o processo-resposta pode ser lido de forma a iluminar a compreensão de cada configuração antedipiana singular. Em seguida, aplicaremos essa construção técnica a um protocolo Rorschach de um sujeito limite, de forma a ilustrar as possibilidades da nossa proposta, e a sublinhar a pertinência da utilização dos organizadores antedipianos para a compreensão clínica da organização, capacidade e sofrimento psíquicos do sujeito que conosco se encontra, em contexto terapêutico ou de avaliação psicológica.

É nossa convicção que o estudo do complexo antedipiano através do Rorschach, que tem como objectivo avaliar em que medida este processo de transformação primária ocorreu ou não, que aquisições se realizaram, quais ficaram por fazer, permitirá ampliar a nossa compreensão clínica no cruzamento com todos os outros dados que o próprio Rorschach, outras provas projectivas e a observação psicológica facultam. E percorrer com o outro o caminho da descoberta, da compreensão e da criação, são afinal os propósitos do nosso encontro.

5. SOBRE OS MODELOS QUE SUSTENTAM O ESTUDO

O presente trabalho inscreve-se num paradigma epistemológico que compreende a psicologia clínica como a ciência que busca a compreensão profunda do indivíduo, da sua singularidade e especificidade, defendendo que “a ciência, comprometida nas vias do objectivo, do manifesto, do útil e do preciso e rigoroso, afastou as possibilidades de se aceder ao sujeito humano” (Marques, 2001, p. 86). Os modelos quantitativos, baseados na medida de funções particulares, que têm como referência a comparação e a normatividade estatística, não são pois aqueles que aqui serão utilizados. Como é nesta fase da exposição claro, a nossa acepção do sujeito psicológico está directamente ligada àquela inaugurada, desenvolvida e explorada pela psicanálise, que defende uma lógica de procura do significado, enquanto dimensão interpretável das produções do sujeito (sejam elas actos, sintomas, sonhos, narrativas ou imagens). Só uma *metodologia qualitativa*, investida na análise atenta e profunda das dimensões subjectivas e singulares, passível de destacar a organização particular desse indivíduo que é sempre o objecto-sujeito do nosso questionamento, pode então servir o nosso propósito.

É neste espírito que os dez cartões Rorschach são escolhidos como material capaz de promover uma narrativa singular, que pode ser analisada em profundidade, numa lógica interpretativa que busca o significado das imagens produzidas, de forma a aceder à organização psíquica do sujeito que desejamos conhecer. O uso das produções realizadas face ao material Rorschach foi já extensamente estudado, no que respeita a uma análise construída a partir da metapsicologia freudiana, orientada pelos organizadores relativos ao complexo edipiano, nomeadamente os processos identitários e identificatórios e os níveis de relação objectal (Anzieu & Chabert, 1961/2004; Chabert, 1997/2003, 1998/2000; De Traubenberg, 1970). Propusemo-nos partir dessa construção para organizar uma *grelha de análise interpretativa*, susceptível de iluminar já não as dimensões edipianas, mas *as dimensões antedipianas da narrativa Rorschach*.

Utilizaremos um único caso para ilustrar a técnica de análise desenvolvida. A justificação decorre naturalmente do que acima ficou dito: o nosso propósito é dotar a Psicologia Clínica, através de uma transformação metodológica e conceptual das possibilidades de análise interpretativa da técnica Rorschach, da possibilidade de aceder à compreensão profunda da singularidade da organização antedipiana de cada sujeito único e

irrepetível que conosco se encontra. Portanto, o que teremos de ilustrar é a capacidade da técnica por nós transformada para ler a narrativa Rorschach de uma forma que destaque as várias nuances da organização antedipiana de um indivíduo.

Sintetizando, procederemos a uma investigação qualitativa, de cariz metodológico e conceptual, que procurará construir uma grelha de análise interpretativa que, aplicada a uma narrativa produzida face ao material Rorschach, permita a reflexão aprofundada sobre a organização antedipiana singular do sujeito em estudo.

6. O RORSCHACH

introdução

A primeira versão do *Psicodiagnóstico* de H. Rorschach é publicada em 1921, e expõe a investigação efectuada pelo autor com recurso a dez manchas de tinta. Hermann Rorschach propôs a 405 sujeitos, normais e patológicos, que interpretassem livremente as figuras ambíguas que constavam da experiência, a partir da instrução “*o que é que isto poderia ser?*”. A novidade do seu trabalho deveu-se não tanto ao material utilizado, mas ao propósito com que este era exposto aos sujeitos da experiência: em vez de serem utilizadas para o estudo da imaginação, o que já havia sido realizado anteriormente, as respostas produzidas pela observação dos dez borrões de tinta simétricos eram analisadas com vista à investigação da personalidade (Anzieu & Chabert, 1961/2004).

Desde a sua publicação original, as manchas Rorschach têm sido objecto de fascínio, investigação e controvérsia. O campo de investigação e utilização da técnica Rorschach encontra-se cindido entre duas abordagens: uma predominantemente quantitativa, desenvolvida nos Estados Unidos a partir dos trabalhos de Piotrowski e Beck e que culmina no Sistema Integrativo de Exner, sistema este que recusa o estatuto de prova projectiva ao material e que procede a uma psicometrização do mesmo para fins de diagnóstico psicopatológico; e uma outra mais qualitativa, que se debruça sobre a utilização de perspectivas teórico-clínicas para a compreensão dos enunciados produzidos pela aplicação dos dez cartões Rorschach. Aqui, duas correntes fizeram escola, a fenomenológica, a partir dos trabalhos de Klopfer e Hertz, e a psicanalítica que beneficiou de contributos dos dois lados do atlântico – nos Estados Unidos destacam-se os trabalhos de Rapaport e Shaffer, na Europa os de Loosli-Usteri, Ombredane, Canivet e Beizmann, que culminam na síntese da abordagem psicanalítica realizada por Anzieu (1967), Anzieu e Chabert (1961/2004), De Traubenberg (1970, 1983a, 1983b, 1996) e Chabert (1997/2003, 1998/2000).

A escola psicanalítica vê na situação e no processo-resposta Rorschach um momento de acesso privilegiado à dinâmica psicológica do sujeito a partir da necessidade de reparar a situação catastrófica desencadeada pela instrução que, face à ambiguidade do estímulo, remete para a interacção entre percepto e fantasma, entre realidade externa e mundo interno (Anzieu & Chabert 1961/2004, Chabert, 1997/2003; Moita, 1983; Marques, 1994, De

Traubenberg, 1983a). O sistema psicanalítico francês utiliza a notação do *Psicodiagnóstico* com alguns acrescentos consagrados na tradição europeia. A interpretação é fundamentalmente qualitativa, sem descuidar os dados quantitativos que se impõem, mas procurando sobretudo entender o significado destes através da totalidade da produção. Os comportamentos, verbalizações ou outras expressões não cotáveis são, obviamente, integrados na interpretação. O processo interpretativo inicia-se pela observação qualitativa do psicograma, que permitirá estudar o investimento na actividade intelectual, o nível de socialização e a dinâmica afectiva. A partir da atenção ao texto do protocolo será possível não apenas estabelecer um diagnóstico estrutural, mas observar os movimentos progredientes e regredientes, as possibilidades e rupturas do funcionamento psíquico, e assim aceder a uma visão mais rica e completa da organização psíquica singular de cada sujeito exposto à situação Rorschach (Chabert, 1997/2003). Será este sistema, erigido em estreita articulação com a metapsicologia freudiana, que servirá de base à nossa investigação, pelo que apenas a ele nos referiremos nas descrições e explicitações que se seguem sobre a técnica Rorschach.

o material

O teste é composto por dez cartões em que se encontram impressas, de forma centrada e simétrica, manchas de tinta (vide Anexo 1) . Tradicionalmente distingue-se a descrição das dimensões perceptivas do material, isto é, o seu conteúdo manifesto, revelado a partir da configuração estrutural e da configuração sensorial, das solicitações latentes dos dez engramas. Quanto à configuração estrutural os cartões podem ser descritos a partir de dois eixos: o primeiro distingue os cartões unitários (I, IV, V, VI e IX) dos cartões bilaterais (II, III, VII e VIII), o segundo distingue os cartões abertos (I, II, III, VII, VIII, IX e X) dos cartões fechados (I, IV, V e VI). Relativamente à configuração sensorial, distinguem-se quatro grupos de cartões: os cinzento-escuros (I, IV, V e VI), os cinzentos (VII), os negro-branco-vermelhos (II e III) e os pastel (VIII, IX e X). No que respeita aos conteúdos latentes, os cartões de configuração unitária solicitam a projecção da imagem de si e os de configuração bilateral a representação das relações; os cartões ditos abertos apelam a dimensões femininas/maternas, enquanto os cartões fechados remetem para aspectos mais masculinos/paternos – ainda que, devido a certas particularidades, as manchas Rorschach pareçam “respeitar a noção

fundamental de bissexualidade psíquica” (Chabert, 1997/2003, p. 81), permitindo dessa forma o estudo da evolução das identificações secundárias – ; finalmente, os cartões cinzentos apelam a dimensões mais ansiogénicas e depressivas, os cartões vermelhos permitem a reactivação de movimentos pulsionais e os cartões pastel contêm uma solicitação afectiva de carácter predominantemente regressivo.

Sintetizando, pelas suas características, o material Rorschach permite estudar a representação de si (que reenvia, num nível mais arcaico, para a construção identitária e portanto para os investimentos narcísicos e para a integridade da imagem do corpo e dos envelopes psíquicos, e num nível mais evoluído para a estruturação das identificações secundárias) bem como as possibilidades de representação das relações na sua dupla valência libidinal e agressiva.

sobre a aplicação: a situação Rorschach e os procedimentos de recolha

A situação Rorschach é, antes de mais, uma situação relacional. O sujeito e o clínico encontram-se, e esse encontro é mediado por um elemento terceiro que, pela sua estrutura, põe à prova as capacidades psíquicas do primeiro. É a expressão do sujeito na sua tentativa de se organizar face ao conflito induzido pelo material, e a escuta do clínico que, juntas, dão sentido à situação vivida (Chabert, 1997/2003). Porque é uma situação relacional, transferência e contra-transferência são elementos do processo, que devem, como em qualquer outra situação clínica, ser observadas e utilizadas de forma a auxiliar na tentativa de compreensão do sujeito. Por outro lado, a situação Rorschach coloca em jogo uma outra triangulação: os processos intra-psíquicos de transformação e simbolização no cruzamento das “interferências projectivas e perceptivas” (referência à teorização de De Traubenberg in Chabert, 1997/2003, p. 33), do fantasma e do percepto enquanto embaixadores do inconsciente e do consciente. Para todas estas questões remete a instrução, quer na sua forma original “o que é que isto poderia ser”, quer na forma mais enfática de Anzieu “o que lhe peço é que me diga tudo o que se poderia ver nestas manchas”, quer na explicitação pormenorizada de Chabert “vou mostrar-lhe dez cartões e vai dizer-me tudo aquilo em que eles o fazem pensar, o que pode imaginar a partir destes cartões”: o pedido de comunicação, implícito na primeira formulação e explícito nas restantes, remete quer para a relação, quer para o apelo à

secundarização que a verbalização pode promover; a referência ao material objectivo e concreto (mas coberto de ambiguidade) aparece sob a forma de *isto, estas manchas, cartões*, apelando ao princípio da realidade, ao pólo perceptivo, enquanto o pedido para utilizar a imaginação (*poderia ser, poderia ver, pode imaginar*) excita a projecção apelando ao fantasma.

Terminada a instrução, que expôs a situação Rorschach em toda a sua espessura, cabe ao sujeito segui-la da forma que lhe for possível, e ao clínico anotar, além dos tempos de latência e dos tempos totais utilizados em cada cartão, todas as respostas, verbalizações, comentários e actuações ao longo da prova. A sua atitude deve ser neutra e benevolente, evitando interceder mas não deixando de o fazer se a sua sensibilidade e experiência a isso o aconselharem. No final dos dez cartões deve regressar ao primeiro cartão e procurar entender a construção da resposta, atendendo à cotação a realizar. Deve fazê-lo mantendo a mesma postura, sem tornar o inquérito demasiado rígido. No caso de não ser dada uma resposta que refira a (s) figura(s) humana(s) do cartão III, ou na ausência da banalidade do cartão V (morcego, borboleta) o inquérito aos limites deve ser realizado, propondo a imagem ao sujeito e observando a sua reacção. Finalmente, é pedido ao sujeito que escolha os dois cartões que mais e menos gostou.

a codificação Rorschach

A cotação do discurso produzido pelo sujeito ao longo da prova é realizada através da análise de cada uma das respostas – isto é, de cada uma das imagens produzidas – segundo quatro eixos:

- Os *modos de apreensão*, que se referem à parte da mancha utilizada para elaborar a resposta, e que integram
 - as imagens formadas imediatamente a partir da totalidade da mancha: G, \mathbb{G} (se apenas um pequeno pormenor é excluído) e Gbl (se integra o branco);
 - as imagens formadas a partir de um detalhe: D (se o detalhe se impõe perceptivamente), Dbl (se integra o branco), Dd (se não se impõe

perceptivamente), Ddbl (se integra o branco), Do (se se trata de um elemento isolado de um todo que é normalmente referido);

as construções globais a partir de elementos menores ((D)G, (Dd)G, (Dbl)G, Do(G));

as construções em detalhes significativos a partir de detalhes menores: (Dd)D e (Dbl)D;

as imagens que embora evoquem a totalidade o fazem através de distorções: DG, DdG, DblG (generalizações abusivas a partir de D, Dd e Dbl), D/G, Dd/G, Dbl/G (fusão ou sobreposição de imagens ou associações levando a uma combinação absurda a partir de D, Dd ou Dbl), e D(G) e Dd(G) (enunciação dos elementos do todo sem o referir explicitamente).

- Os *determinantes*, que se referem aos elementos perceptivos e /ou projectivos que desencadearam a imagem produzida, e que integram quatro grupos

os determinantes formais: F+ (se há adequação perceptiva) F- (se não há adequação perceptiva) F± (se a representação formulada é vaga, imprecisa);

os determinantes sensoriais: C (quando o determinante é o vermelho), C' (quando é o preto ou o branco), E (quando é o esbatimento), Clob (quando a tonalidade escura induz uma representação disfórica, perturbadora);

os determinantes cinestésicos: K (quando é representada uma figura humana em relação, em movimento, ou realizando uma postura), kan (se a representação é de um animal em movimento), kp (se há referência a uma parte do corpo humano em movimento), kob (se é atribuído movimento a um objecto ou elemento);

os determinantes mistos: FC, FC', FE, FClob (se predomina a determinação formal); CF, C'F, EF, ClobF (se predomina a determinação sensorial).

- Os *conteúdos*:

Humanos: H (figura humana inteira), Hd (figura humana parcial); (H) (figura humana irreal, sobrenatural ou mítica); (Hd) (parte de figura humana irreal, sobrenatural ou mítica);

Animais: A (figura animal inteira), Ad (figura animal parcial), (A) (figura animal irreal, sobrenatural ou mítica), (Ad) (parte de figura animal irreal, sobrenatural ou mítica);

Outros: Anat (anatomia), Sx (referência sexual), Sg (sangue), Rad (radiografia), Fgt (fragmento), Obj (objecto fabricado), Elem (elemento natural), Bio (biologia), Arte, Bot (botânica), Vest (vestuário), Alim (alimento), Abs (abstração), BD (banda desenhada), etc...

- O carácter original, ou pelo contrário banal, da resposta dada: Ban, Orig

Além das respostas, existem por vezes outros elementos que, embora não possam ser cotados (porque não implicam a formulação de uma imagem que possa ser analisada segundo a sua localização, determinação, conteúdo e frequência) devem ser assinalados. São eles:

- as recusas (quando não há nenhuma resposta cotável em determinado cartão);
- os choques ou equivalentes de choque (quando há perturbação da cadeia associativa, observada através de uma recusa, do aumento significativo do tempo de latência, de um silêncio significativo ou de quaisquer comentários que revelam a dificuldade em elaborar o conflito);
- as críticas objectivas (qualquer crítica relativamente ao material ou à situação) ou subjectivas (qualquer auto-crítica);
- os comentários cor e simetria.

o psicograma e a interpretação qualitativa

O psicograma consiste na organização dos dados obtidos através da cotação: contém informação relativamente ao número de respostas, ao número de recusas, ao tempo total, ao tempo por resposta, ao tempo de latência médio, ao número (e nalguns casos à percentagem) de cada um dos modos de apreensão, determinantes e conteúdos, ao número de banalidades, aos comentários cor e simetria, aos choques ou equivalentes, às críticas subjectivas e ao material e às principais fórmulas utilizadas na interpretação – o Tipo de Ressonância Íntima (TRI, que relaciona os determinantes sensoriais C com os determinantes cinestésicos K, para

obtenção de um índice de introversividade/ extroversividade), a Fórmula Complementar (FC, que relaciona os determinantes sensoriais E com os determinantes cinestésicos k, que complementa a informação dada pelo TRI), a Reactividade à Cor (RC%, que permite comparar o número de respostas dadas nos cartões pastel com o número total de respostas) e o Índice de Angústia (dado pela percentagem de respostas associadas a conteúdos anatómicos, sangue e fragmentos).

A interpretação qualitativa faz-se pela atenção aos dados salientes do psicograma, mas sobretudo pela análise da interacção dos diversos factores e também de todas as particularidades do discurso (ritmo, débito, vocábulos utilizados, estrutura gramatical, etc), em cada uma das respostas, na sequência das respostas e na sequência dos cartões. Essa análise é sustentada pela investigação sobre os conteúdos latentes e sobre compreensão dos factores Rorschach com recurso à teoria freudiana, levada a cabo pela Escola Francesa. Esta leitura e análise atenta do protocolo permite compreender o conflito psíquico inconsciente desencadeado pela situação catastrófica que a ambiguidade das manchas origina. O conflito, que não aparece directamente expresso, pode no entanto ser inferido através da observação das expressões de angústia (mais arcaica ou mais evoluída) e dos mecanismos de defesa utilizados para a controlar.

A interpretação qualitativa permite ainda investigar os factores intelectuais (investimento cognitivo na realidade e criatividade), a socialização superficial e profunda (a adaptação social é meramente defensiva ou é realmente operante? permite a expressão individual ou restringe-a?) e a dinâmica afectiva (a gestão pulsional, a elaboração afectiva, as movimentações psíquicas induzidas pelos estímulos externos e pelas excitações internas, a identidade e as identificações secundárias, a representação das relações e finalmente os mecanismos de defesa e angústias predominantes). Findo este minucioso trabalho de análise, as diversas informações são organizadas de forma explicitar características estruturais do sujeito examinado.

as particularidades do Rorschach nos estados-limite

A investigação sobre a técnica Rorschach destaca a existência de dois grandes grupos de protocolos relativamente às organizações limite da personalidade: um em que a angústia de perda de objecto é gerida com recurso a um sobre-investimento narcísico, e um outro em que, ao contrário, a hiper-dependência objectal é a forma encontrada para fazer face às dificuldades de interiorização (Chabert, 1998).

Os protocolos Rorschach de indivíduos com organizações narcísicas podem ser muito diversos, apresentando por vezes uma grande riqueza e outras uma extrema aridez. No entanto, caracterizam-se por alguns traços comuns que remetem para as dificuldades fundamentais destes indivíduos: a verbalização centrada na vivência subjectiva, sem qualquer emergência pulsional e relacional; o sobre-investimento das condutas perceptivas (elevação de F% e F+%) e a presença significativa de respostas pele, investidas na delimitação entre o dentro e o fora, como formas de assegurar a defesa face à emergência projectiva que poria em perigo a precariedade das fronteiras psíquicas; a representação de si sustentada por mecanismos de idealização e/ou desvalorização e a representação das relações em espelho através de desdobramentos sustentados pelo eixo mediano dos cartões; o desinvestimento radical, expressão da angústia branca; finalmente, a intensidade da clivagem e da identificação projectiva, testemunhando, mais uma vez, a dificuldade e o esforço de sustentação dos limites psíquicos (Chabert, 1998/2000).

Os protocolos Rorschach de indivíduos com organizações depressivas podem, igualmente, apresentar um registo mais lábil ou mais rígido, sendo caracterizados fundamentalmente pela alternância entre um esforço de delimitação e contenção, pelo recurso a determinantes formais, e por emergências sensoriais e cinestésicas em que o elemento formal desaparece, dando conta do desabamento das fronteiras psíquicas. Esta alternância remete para uma imagem de si marcada pela porosidade dos limites, e para uma representação relacional que se caracteriza pela extrema dependência e pela não integração da ambivalência. A dinâmica defensiva é dispersa, instável, utilizando procedimentos mais evoluídos e mecanismos mais arcaicos, sendo neste domínio particularmente importante o recurso à idealização, à clivagem e à recusa (Chabert, 1998/2000).

7. O ANTÉDIPO NO RORSCHACH: PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE

Ao longo das páginas que se seguem, procuraremos explicitar de que forma pode a técnica Rorschach ser utilizada para aceder à estruturação individual do complexo antedipiano. Num primeiro momento reflectiremos sobre os elementos da situação de aplicação e do material Rorschach, e mostraremos como a instrução, a ambiguidade do material e as características específicas dos cartões solicitam as diversas dimensões e soluções do conflito originário. Seguidamente, mostraremos como podem ser avaliadas, através do processo-resposta, os índices que decorrem dos trabalhos de organização psíquica face ao uníssono narcísico primitivo: o luto, o incesto, ou a aproximação instável e sempre incompleta a cada uma das soluções anteriores. Como indicámos, o estudo da tradução das constelações antedipianas para o Rorschach será realizado com recurso a três níveis de análise: o primeiro debruça-se sobre a geografia antedipiana que se constitui a partir do destino da sedução narcísica em cada uma das organizações antedipianas, o segundo diz respeito aos fantasmas e instrumentos que promovem cada uma dessas organizações e, finalmente, o terceiro procura revelar as dinâmicas psíquicas que delas decorrem. Serão utilizados os diversos instrumentos de interpretação consagrados na tradição da Escola Francesa, não apenas as cotações a partir dos modos de apreensão, determinantes e conteúdos, mas também a atenção ao discurso, às sequências das respostas e às temáticas.

Finalmente, proporemos uma grelha de análise que sintetiza as possibilidades de tradução da organização antedipiana para a técnica Rorschach.

AS SOLICITAÇÕES ANTEDEPIANAS DA SITUAÇÃO E DO MATERIAL RORSCHACH

a instrução

A instrução Rorschach, quer na sua forma abreviada “o que é que isto poderia ser”, quer nas suas formas mais extensas, apela a um trabalho psíquico que se inscreve no eixo definido pelo conflito originário, entre a indiferenciação e a diferenciação, entre a estaticidade narcísica e a mobilidade relacional, entre a onipotência auto-engendradora e a descoberta da

possibilidade de co-criação do Eu, do objecto e do mundo. Efectivamente, o pedido formulado na instrução apela, antes de mais, à superação da ambiguidade das manchas e à construção e comunicação de uma imagem portadora de sentido. Ora, essa tarefa é tanto mais eficazmente realizada quanto mais o sujeito é capaz de se constituir como um indivíduo separado face ao material, mas em comunicação com este, de forma a produzir mentalmente as diferenciações e reorganizações necessárias para constituir um objecto que, não sendo dado, é construído. Para isso, é antes de mais necessário aceitar perder aquilo que a mancha efectivamente é, para encontrar o que ela pode ser. Aqui, a dimensão de co-criação é essencial, porquanto um auto-engendramento onnipotente levará à constituição de imagens sem ligação à base perceptiva da qual são supostas partir. É, portanto, necessária a mobilidade relacional que assegura que a separação face ao objecto não se traduz em clivagem ou em clausura narcísica (que pode constituir-se em recusa ou em excesso de projecção), mas em comunicação: comunicação com o material dado, e comunicação com o outro que formulou o pedido e que observa, espera e regista, utilizando assim os instrumentos antedipianos de contacto e contenção (o olhar, a respiração rítmica, a pele delimitadora) que permitem, na situação Rorschach, qualificar e apoiar o Eu no seu trabalho de co-re-criação do objecto/mancha/imagem.

o material

Como já indicámos, o material Rorschach é particularmente sensível às capacidades e dificuldades de diferenciação e criação, que sabemos constituírem alguns dos indicadores do percurso de organização do conflito originário. Procuraremos agora especificar de que forma podem ser pensadas as características estruturais e sensoriais dos cartões, em termos de solicitações latentes relativas ao complexo antedipiano.

Os cartões unitários e fechados (I, IV, V e VI), pela sua organização compacta, inteira, unificada, são tradicionalmente abordados como solicitações à projecção da representação de si. Do ponto de vista antedipiano, estes cartões reenviam para a possibilidade ou impossibilidade de integrar e ultrapassar o regime psíquico instituído pela sedução narcísica: as imagens produzidas revelam a petrificação num universo que se quer estacionário, onnipotente, onde a unidade significa o englobamento mútuo e inversível; ou revelam a

delimitação clara mas dinâmica do Eu face ao objecto, a partir de uma produção que respeita a organização perceptiva da mancha e a enriquece; ou oscila entre estes dois extremos, conseguindo uma delimitação eficaz mas esvaziada, estacionária, que corre o risco de perder os contornos na sequência de uma aproximação incestual, que anula a diferença entre o Eu e o objecto/cartão/imagem?

Os cartões bilaterais e abertos (II, III, VII e VIII) agudizam as questões anteriores na medida em que, como tradicionalmente é referido, solicitam representações relacionais permitindo, por isso, avaliar até que forma está integrado o conflito entre narcisismo e objectalidade. Os movimentos despoletados nos cartões unilaterais aparecerão aqui exacerbados, visto que a dificuldade ou a capacidade de representar relações está directamente ligada à realização ou não do trabalho de luto original na sequência de uma sedução narcísica vitalizante; estes cartões permitem ainda observar a possibilidade de suportar as lacunas intra-maculares a partir de movimentos de comunicação e enriquecimento, testemunhos da capacidade de ligar, perder e criar enquanto índices desse luto, ou ao contrário, a impossibilidade de as suportar que conduz à exacerbação de uma união reveladora de uma fantasmática de auto-engendramento-desengendramento, ou de uma separação intrasponível.

Ainda na óptica antedipiana, deve existir particular atenção aos cartões que integram o vermelho (II e III), pela sua solicitação pulsional: efectivamente, sublinhámos o papel organizador do luto originário na intricação e integração pulsional, tornando o aparelho psíquico apto a trabalhar o conflito, ao contrário do regime incestual que fortifica a sedução narcísica como garante de um mundo ao abrigo do conflito, do desejo e da excitação. Finalmente, os cartões pastel (VIII, IX e X), na medida em que contém um apelo regressivo significativo, pela tonalidade das cores mas também, e sobretudo, pela maior diferenciação que promovem, podem ser pensados como altamente susceptíveis de desencadear lógicas incestuais, na ausência de um luto original solidamente integrado.

CONSTELAÇÕES ANTEDIPIANAS NO RORSCHACH

o antédipo vitalizante no Rorschach

Um antédipo bem nutrido, inscrito nas fundações egoícas, caracteriza-se pela travessia de um luto que permite ultrapassar a sedução narcísica, resolvendo assim o conflito originário. A vivência deste luto original e originário pode ser inferida a partir da observação de um trabalho psíquico que revela a constituição de um Eu narcisicamente investido, e que promove a distinção entre o Eu e o objecto, mediados pela Ideia do Eu. O trabalho de luto é sustentado por uma placenta fantasmática primitiva de co-criação mútua e interactiva do Eu e do objecto, e pelos investimentos de contacto e contenção que, através da pele, do olhar e da respiração, asseguram, simultaneamente, a diferenciação e a familiaridade entre esses espaços psíquicos. A intricação pulsional, a aliança entre narcisismo e objectalidade, a criatividade e a capacidade de suportar a perda são os corolários evidentes da organização geográfica e genealógica do aparelho psíquico que descrevemos.

. Eu

O primeiro sinal de uma sedução narcísica vivida na sua dimensão estruturante e vitalizante, e seguidamente ultrapassada pelo processo de luto original, é a constituição da interioridade como lugar de coesão identitária, narcisicamente valorizado. No Rorschach, a constituição desse espaço interior, coeso e unificado, é posta à prova directamente pelos cartões unitários e fechados (I, IV, V e VI). A possibilidade de constituir, nestes cartões, imagens que utilizam imediata e totalmente toda a mancha (G simples), de qualidade formal precisa (sobretudo F+, K+, Kan+, por razões que se prendem, como veremos, com a distinção relativamente ao objecto, passo crucial e inseparável da constituição do Eu, aqui tratado separadamente por necessidade de análise minuciosa) dá conta da existência de uma tal instância, capaz de realizar o trabalho de unificação, de produção de uma representação de si coesa e bem definida. A valorização narcísica desse mesmo espaço, que decorre do trabalho de qualificação realizado no seio da díade narcísica, abrindo a possibilidade de um luto organizador, pode ser inferida pela associação deste modo de apreensão e determinantes a conteúdos que sustentem a projecção corporal, inteira e positivamente investida.

A atenção às temáticas, subjacentes ao trabalho de construção de representações ao longo do protocolo, fornece também indícios da coesão interior: existe, em filigrana, uma tecitura que revela unidade ou, ao contrário, a adesão à diversidade das solicitações perceptivas/ projectivas fragmenta o discurso latente?

. diferenciação Eu/ objecto

A par da constituição da interioridade, o processo de luto original institui a separação e diferenciação face ao objecto. A existência desta fronteira, que a perda do uníssono narcísico instaura, é observável nas produções Rorschach que integram imagens globais e em grande detalhe, que respeitam a configuração perceptiva das manchas, isto é, que são cotadas em F+, K+, Kan+ e Kob +. Estas respostas dão claramente conta da capacidade de situar o Eu face ao objecto, pela possibilidade de destacar claramente dois elementos, no caso dos G, a figura e o fundo, no caso dos D, o detalhe perceptivamente saliente do resto da mancha. É imprescindível que a imagem construída seja adequada do ponto de vista perceptivo, porque tal denota a capacidade de diferenciar claramente o que é do domínio interior (a imagem construída) do que são as propriedades do objecto (a configuração real da mancha).

Um outro índice de que o trabalho de diferenciação Eu/objecto é operacional é observável pela análise da sequência das respostas, quer num mesmo cartão, quer na sequência de cartões. Num mesmo cartão, é suposto que diferenças significativas do ponto de vista do conteúdo correspondam a localizações também elas diferenciadas. No que diz respeito à sequência de cartões, é esperável que configurações perceptivas distintas originem respostas diferentes, novos objectos.

Poderão também ser encontrados sinais de maior ou menor facilidade de distinção entre a interioridade e a exterioridade na análise atenta dos vocábulos utilizados para introduzir a designação de uma imagem: expressões como “parece”, “faz-me lembrar”, “faz-me pensar”, “pode imaginar-se” revelam a distância introduzida entre o que é do domínio da interioridade e o que pertence à objectividade perceptiva.

. Ideia do Eu

O terceiro elemento da tópica ternária antedipiana constitui-se como elo de ligação entre o Eu e o seu objecto, de forma a que a separação operada pelo luto original não se constitua em clivagem. A Ideia do Eu representa essa imago primordial do Humano que

permite uma relação de reconhecimento e familiaridade com o objecto, enquanto um outro Eu. Nesta medida, este elemento da geografia antedipiana bem organizada pode ser observado directamente nas respostas H em que a imagem humana aparece bem constituída, valorizada e, ainda que conflitual, suficientemente familiar e securizante, e obviamente também nas respostas K relacionais que remetem para a possibilidade de encontro com um outro, simultaneamente familiar e diferente. De forma mais indirecta, pode ser observado nas respostas A, já que estas respostas constituem um índice precioso de inserção na realidade partilhada, na medida em que a sua percentagem normativa é bastante elevada (35-50), e representam, em termos evolutivos, uma forma privilegiada de deslocamento das representações humanas. No entanto, para que traduzam a presença organizadora da Ideia do Eu, estas respostas devem referir-se sobretudo a animais que não introduzam representações inquietantes ou mesmo assustadoras, e devem corresponder a respostas se não banais, pelo menos correntes.

Numa observação mais ampla, a presença organizadora desta representação mediadora entre a interioridade e a exterioridade, entre o Eu e o outro, revela-se na atitude ao longo da prova, na capacidade para tolerar esse objecto estranho que são as manchas Rorschach, projectando imagens que tornem familiar e seguro um objecto que, à partida, não o é. Nessa medida, a observação da dinâmica das respostas a um mesmo cartão deve estar atenta aos movimentos organizadores, contentores, securizantes, ou à sua inexistência ou ineficácia. Tendo em conta que a Ideia do Eu tem por função unir, ligar, impedindo a clivagem, a observação da existência de uma ligação entre as respostas a um mesmo objecto (a mancha), é igualmente significativa.

.fantasma-não-fantasma de co-criação

O processo de luto original é possibilitado por uma lenta transformação da fantasmática primitiva de auto-engendramento, numa fantasmática que inscreve o lugar do outro na criação própria, e que abre o Eu à infinitude de possibilidades de transformação, revertendo o movimento centrípeto que assegurava a para-excitação da clausura narcísica, em movimento centrífugo de descoberta e criação, *com* o outro e *com* o mundo.

No Rorschach, a presença dessa proto-fantasmática típica do antédipo na sua versão vitalizante pode ser observada, antes de mais, pela capacidade de criar imagens que revelem o encontro entre a dinâmica interna e as qualidades perceptivas da mancha, isto é, respostas de

boa qualidade formal mas dotadas de criatividade, sugerindo a possibilidade de um encontro enriquecedor, e por isso mesmo criador e qualificador, entre o Eu e o objecto. As respostas em G ou D elaborados, associadas a determinantes formais de boa qualidade são, obviamente, um bom exemplo da capacidade de realizar com o objecto este trabalho dinâmico de co-criação do Eu, do objecto e do mundo. Na mesma lógica de complementaridade criativa do sujeito e do objecto, deve existir um encontro entre a produção subjectiva e simbólica e a solicitação latente de cada um dos cartões.

Por outro lado, as respostas K revelando movimento, sobretudo de natureza centrífuga (no sentido da expansão ou do encontro), remetem para essa transformação que se opera na passagem de um universo fechado e estanque para um universo em pleno movimento criativo, onde a diferença e a excitação não são já elementos a temer mas a procurar pelas suas possibilidades transformadoras (ficam de fora, portanto, os K movimento ou postura flectida, os K relacionais em que não há verdadeira diferenciação, ou em que a relação se constitui como ameaça, e evidentemente o K de convenção no cartão III). É também um sinal importante da vivência fantasmática deste momento fundamental de encontro com o outro e com o mundo, a observação de uma ligação simbólica entre as respostas de natureza construtiva, progrediente, numa busca pela (re)criação não apenas de um objecto mas de um universo de sentido.

.instrumentos de distinção e qualificação

O ponto central da evolução antedipiana em direcção ao crescimento e à autonomia é, como já sublinhámos, a possibilidade de distinguir o Eu e o objecto, mantendo uma relação de semelhança e familiaridade entre eles. Os instrumentos antedipianos de contacto e contenção, a pele, o olhar e a respiração, têm por função assegurar esse processo, através de movimentos que asseguram a delimitação clara entre os dois espaços, mas uma delimitação qualificadora, aberta ao reconhecimento, ao encontro do outro. Como pode ser observada, no Rorschach, a dupla função destes instrumentos?

A função delimitadora da pele pode ser observada pela atenção aos contornos das imagens produzidas, que devem ser claros, precisos, contentores, sem no entanto serem demasiado rígidos. Efectivamente, para que essa delimitação não se traduza em fechamento, deve existir alguma flexibilidade na construção dos envelopes corporais dos conteúdos produzidos, o que se traduz na utilização de modos de apreensão diversos, sem perder a

capacidade contentora, mas também na possibilidade de representar conteúdos de diferentes espessuras. Se pensarmos nas qualidades sensoriais primitivas deste contacto humano fundamental através da pele, deve haver particular atenção aos E de textura, no caso de estarem presentes no protocolo: remetem para um encontro suave, terno, agradável, e aí estamos em presença do encontro qualificador, ou para um toque áspero, desagradável ou frio, que remete para lógicas mais crispadas?

O trabalho do olhar deve igualmente possibilitar uma apreensão da mancha como objecto diferenciado, dotado de características próprias, o que remete para a necessidade já enfatizada de produzir imagens de boa qualidade formal e que ressoem os conteúdos latentes do material. Esta possibilidade de reconhecer o objecto como distinto mas passível de ser apreendido e transformado, sinaliza a qualificação mútua típica do olhar antedipiano que promove o crescimento, a autonomia, a descoberta.

Finalmente, o trabalho da respiração, promotor do contacto qualificador entre o Eu e o objecto, pode ser observado no curso rítmico das respostas, revelando a utilização de um tempo que se requer para que a circulação entre o interior e o exterior, suficientemente desintoxicada, se realize. O que é fundamental é compreender que, nesta organização antedipiana, estes instrumentos relacionais cumprem efectivamente a sua função de encontro com o objecto sem comprometimento dos limites próprios, assegurando a possibilidade de co-criação e de enriquecimento mútuo.

. as capacidades antedipianas de ligar, criar e perder.

A constituição da Ideia do Eu, enquanto elemento de mediação, dota a psique de capacidades de ligação anteriormente inexistentes, claramente observáveis na constituição de uma aliança entre as forças de atracção narcísica e as forças de atracção objectal, e na intricação das pulsões libidinais e agressivas. A constituição de uma aliança entre narcisismo e objectalidade, permitindo que o encontro com o objecto não fragilize ou coloque em perigo o Eu é observável, no Rorschach, pela conservação da integridade identitária face ao objecto novo, estranho e provocatório que é o Rorschach (especialmente solicitada pelo cartão I, mas sempre renovada a cada cartão), e muito específica e directamente na capacidade de constituir respostas face aos cartões II, III e VII sem perda do equilíbrio identitário (F+, K+, Kan+), e que possam dar conta do encontro relacional como movimento, mesmo que conflitual, que permite explorar as possibilidades pulsionais (K, Kan).

A intricação pulsional, que permite o jogo de investimentos, de encontros e separações, adquirida na sequência do processo de perda e (re)descoberta do objecto, traduz-se, no Rorschach, na possibilidade de produzir representações que dêem conta das movimentações afectivas sem que estas invadam o funcionamento psíquico, comprometendo o princípio da realidade. Assim, as respostas de boa qualidade formal que integram a cor ou o esbatimento (FC, FC', FE) dão conta dessa capacidade de gestão pulsional, que assegura o equilíbrio entre as forças de atracção e as forças de separação. É especialmente importante observar a reacção aos cartões que incluem o vermelho (II e III), bem como as respostas kob: mais do que perceber se estas respostas ressoam uma excitação pulsional mais libidinal ou mais agressiva, interessa garantir que contacto e diferenciação são dois elementos preservados, não sendo despoletados movimentos de absoluta união ou de radical desintegração.

Finalmente, resta-nos reflectir sobre as capacidades complementares de criatividade e luto, de ilusão e desilusão, ganhas ao longo dessa dolorosa e maravilhosa travessia antedipiana. Criar no Rorschach é construir imagens comunicáveis que dêem conta de processos internos, sem no entanto perder de vista o respeito necessário face à realidade do objecto. Assim, e relembrando o que foi dito acerca da fantasmática de co-criação que sustenta directamente esta capacidade antedipiana, é particularmente importante observar as capacidades de constituir respostas elaboradas (em D ou G), de enriquecer a mancha pela atribuição do movimento internamente sentido (K e k), de colorir as solicitações latentes com aquilo que é do domínio da individualidade e da subjectividade, enfim, de produzir um protocolo que dê conta de um mundo interior que procura fazer do encontro com o exterior um momento de enriquecimento, de crescimento, de significação.

A capacidade de suportar a perda, de realizar lutos, de suportar a separação, traduz-se no Rorschach na possibilidade de construir novas imagens sem realizar cortes associativos profundos e, igualmente, sem contaminar a sequência, bem como na possibilidade de se reorganizar face a cada mudança de cartão. A integração bem realizada deste processo primitivo de perda e reencontro do objecto é especialmente posta à prova pelo branco de fundo dos cartões, e pelas lacunas intra-maculares (sobretudo nos cartões I, II, III e VII). A possibilidade de distinguir claramente a figura do fundo e de suportar as lacunas (criando imagens em G e/ou D de boa qualidade formal), indicia que a sedução narcísica se constituiu

efectivamente como esse solo fecundo sobre o qual o psiquismo se inventou, se diferenciou e se recria permanentemente como o um, face ao outro.

o antédipo furioso no Rorschach

Num pólo de organização antagónico, um antédipo furioso caracteriza-se pela entrada em cena do domínio incestual, que petrifica a relação de sedução narcísica. O incesto em acção e seus equivalentes promovem um universo indiferenciado, habitado por uma Ideia do Eu monstruosa e onnipotente. A petrificação incestual é sustentada por um fantasma-não-fantasma de auto-engendramento/ auto-desengendramento, e pela utilização dos instrumentos antedipianos, pele, olhar e respiração, ao serviço da desqualificação psíquica. A recusa e o seu exército defensivo constituem as marcas dessa organização de combate à diferença, à excitação, ao conflito.

. indiferenciação

O sinal claro da petrificação do regime fechado e estacionário da sedução narcísica é a impossibilidade de produzir uma diferenciação eficaz entre o Eu e o objecto. Recordemo-nos que a organização antedipiana furiosa apresenta dois momentos, um primeiro em que a recusa da diferença entre os seres reina, e um segundo, posterior ao acontecimento psíquico branco, produzido pelo desmentido radical da realidade face à ilusão incestual, em que alguma diferenciação existe, embora muito pouco operacional, sempre em risco de inversão/invasão dos espaços ocupados pelo sujeito e pelo objecto. A maior ou menor intensidade dos sinais incestuais dependerá do nível da recusa *do* ou *sobre o* objecto.

A problemática da indiferenciação é directamente observável no Rorschach através da dificuldade em constituir representações claramente diferenciadas, bem como de respeitar as características perceptivas da mancha, produzindo imagens imprecisas ou de má qualidade formal, conforme a sedução narcísica opere menos ou mais radicalmente como organização fechada, estanque, em absoluta recusa da alteridade. Assim, sejam quais forem os modos de apreensão utilizados, a análise da(s) resposta(s) porá em evidência a dificuldade de produzir diferenciações, revelada pela contaminação dos conteúdos (numa mesma resposta ou na representação de conteúdos radicalmente diferentes dados numa mesma localização), pela

impossibilidade de distinguir a projecção da percepção (F-, K-, Kan-, C) , pela dificuldade em destacar claramente a mancha do seu fundo, ou um detalhe do resto da mancha (F±, CF, EF, E de difusão), ou ainda pela utilização de expressões verbais que dão conta da ausência de distanciamento face ao material (“é claramente um...”, “está ali”), ou da impossibilidade de sustentar as imagens diferenciadas, aquando do inquirido.

Se o estabelecimento de fronteiras não se realizou, um lugar de coesão interior não se constituiu face à exterioridade multiforme. A ligação incestual ao objecto é o garante da coesão, de um mundo ao abrigo da excitação e da dispersão. Mas se o objecto não se presta a essa paralisação, se o movimento incestual falha não conseguindo realizar a petrificação, o que pode facilmente ocorrer nos cartões Rorschach abertos, sobretudo os que integram o vermelho ou os cartões pastel, a ausência de possibilidades contentoras interiorizadas vai revelar-se. A presença de representações que reenviam à fragmentação (profusão de Dd, C, conteúdos fragmentados, Frag, Anat, Ad e Hd sem espessura simbólica) ou a recusa absoluta em produzir uma resposta, são um sinal desta falha dos mecanismos incestuais, revelando um pouco do que pode ser esse episódio psíquico branco que põe a nu a evidência da diferença, face a um Eu que não tem como a representar.

O caso já será diferente face aos cartões unitários e fechados, em que será possível a constituição de repostas inteiras em G ou D, mas sempre remetendo para o universo difuso e indiferenciado do uníssono narcísico (F±, F-, C', K e k de má qualidade, interpretativos ou delirantes, sem reconhecimento de uma relação entre diferentes).

. onnipotência, inexistência

Não sendo possível a constituição da diferença, a Ideia do Eu não poderá estabelecer-se como elemento mediador, organizando-se antes uma ideia monstruosa e onnipotente, que recusa a existência do Eu e do objecto. Esta onnipotência narcísica é observável através de sequências de respostas em que a imagem vai sendo transformada, sem nunca fixar efectivamente um objecto bem constituído, sugerindo que nenhum objecto é inteiramente ele próprio, ao mesmo tempo que pode ser o universo inteiro. As representações humanas, inteiras, investidas, não são possíveis e as representações animais dificilmente são tranquilizadoras, aparecendo construções megalómanas (em (H),(A), H/A ou outros objectos compósitos e bizarros), conteúdos corporais em que a parte toma o valor do todo, ou ainda imagens desvitalizadas e petrificadas.

Uma organização desta natureza não tem qualquer possibilidade de constituir quaisquer imagens relacionais, nomeadamente nos cartões II, III e VII, que tenderão a despoletar fortes movimentações incestuais, observáveis na constituição de objectos globais pouco diferenciados ou claramente disformes, ou pelo movimento contrário de cisão, de fragmentação (Dd arbitrários, Ad, Hd, Frag, Anat), como forma de fazer frente a essa radical solicitação da diferença e, no caso dos cartões II e III, de combater igualmente a excitação pulsional.

No sentido em que esta onnipotência está intimamente ligada à recusa da diferenciação, ela trabalhará de forma a curto-circuitar qualquer movimento afectivo ou representacional, que possa inscrever a continuidade de uma existência separada. Dessa forma, o trabalho de petrificação incestual desta ideia monstruosa de ser um não ser, pode ser observado pelos cortes associativos, pelas impossíveis ligações entre as representações dadas num mesmo cartão, e pela dissociação entre a violência onnipotente das imagens produzidas e a inexistência de um afecto complementar.

.fantasma-não-fantasma de auto-engendramento-desengendramento

A fantasmática que sustenta a indistinção onnipotente deste antédipo furioso não apresenta, recordemos, as características de um verdadeiro fantasma: antes paralisa, desliga e recusa, sem acesso a transformações simbólicas. Traduzir-se-á, portanto, em imagens também elas cruas, sem espessura e estáticas, que impressionam pela sua aridez ou violência. O que esta fantasmática primitiva e paradoxal sustenta é a onnipotência auto-engendrada e auto-desengendrada que coloca o Eu na posição impossível de ser e não ser, simultaneamente. No Rorschach, poderemos observar como índices desta fantasmática o engendramento onnipotente de imagens sem qualquer relação com o objecto (imagens de má qualidade formal, claramente delirantes, sem qualquer contacto com a solicitação latente dos cartões), seguidas do movimento contrário de destruição, perda ou esvaziamento (fragmentação, desvitalização, aniquilamento, impossibilidade de representar) quando o auto-engendramento onnipotente se reverte em complexo de des-ser.

.instrumentos de desqualificação

Se todo o trabalho do antédipo enlouquecido procura perpetuar a indiferenciação vigente no regime de sedução narcísica, então pele, olhar e respiração serão utilizados

omnipotentemente, de forma a garantir que qualquer elemento externo de excitação pode ser engolido pelo movimento de atracção centrípeta, e assim perder as suas qualidades diferenciadas. Uma pele infinita, um olhar indistinto, uma inspiração perpétua, garantirão a manutenção de um universo ao abrigo de excitações que poderiam promover a separação, e o olhar o toque e respiração como encontro. Estes instrumentos produzem uma desqualificação de qualquer movimento de diferenciação, uma desqualificação simultânea da subjectividade e da objectividade, para assim as anularem.

No Rorschach, a projecção de uma pele infinitamente englobante traduz-se na dificuldade em produzir contornos que assegurem uma delimitação bem conseguida, ou porque a pele enunciada não corresponde à delimitação perceptiva, ou porque o conteúdo remete para objectos amalgamados, confundidos, distorcidos e assim desqualificados, ou ainda por simples dificuldade em enunciar o lugar da mancha que determinou a imagem, dado que o infinitamente pequeno e o infinitamente grande se podem englobar mútua e inversamente neste universo omnipotente.

O olhar sobre a mancha Rorschach esmaga-a, pelo peso da projecção, pela indiferença quase absoluta relativamente à realidade distinta da mancha, ou ao contrário, leva ao afundamento, sem capacidade de produzir qualquer representação, qualquer contenção, face à invasão, normalmente da cor, do esbatimento ou da fragmentação. O trabalho do olhar revela claramente a ausência de distância, a incapacidade para ver realmente a mancha que é invadida pelas projecções omnipotentes, daí resultando um empobrecimento mútuo, uma ausência de sentido, de significação, que traz a marca da desqualificação.

Finalmente, o trabalho da respiração nesta lógica incestual de recusa, de anulação da diferença, será revelado pelos débitos verbais desordenados ou pelas retiradas extremas, que revelam a impossibilidade sumária de separar, transformar e comunicar. O trabalho de desqualificação levado a cabo por estes instrumentos, animados por uma fantasmática que recusa a alteridade, o limite, a origem, será sempre bem patente na produção de sequências de respostas a que falta, inevitavelmente, um elo de significação humanamente partilhável; porque aquilo que são as dimensões fundamentais da existência, são exactamente os alvos do combate travado por este regime autárcico e omnipotente, que promove o deserto como vivência plena.

Vale a pena observar que, se estivermos na presença de uma reorganização antedipiana face ao acontecimento psíquico branco, o que prevalecerá será a retirada de

investimento projectivo, dado que essa é a única forma de se manter à margem do objecto, já não recusá-lo em absoluto, mas recusar o seu impacto. Nesse caso, o olhar fixar-se-á o mínimo possível (respostas curtas onde há apenas a nomeação do objecto), os limites serão apenas contornos esvaziados sem participação da subjectividade e o ritmo será maquinal, despromovendo a capacidade do material de contactar com o interior e produzir alterações.

.os equivalentes incestuais, o combate perene com o objecto e a brancura psíquica

Como ficou implícito ao longo da explicitação dos indícios do trabalho incestual, este é sustentado por mecanismos psíquicos primitivos, que nomeamos tradicionalmente por recusa, projecção, clivagem, e identificação projectiva, e que são aqui os tradutores directos daquilo que na teoria antedipiana são os equivalentes incestuais. A recusa pode actuar directamente, e nesse caso nenhum esboço de representação se forma, a existência do objecto e do psiquismo do sujeito sendo obliteradas simultaneamente. São disso exemplo, no Rorschach, as recusas propriamente ditas, mas igualmente os choques silenciosos de dilatação do tempo de latência. Pode também actuar parcialmente, o que é o caso das respostas determinadas, em absoluto, pela configuração sensorial da mancha (C, C', E de difusão), em que a representação não se forma mesmo que o impacto conflitual não possa ser evitado. Quanto aos restantes mecanismos, a projecção, a clivagem e a identificação projectiva não são mais que embaixadoras dessa recusa que, a qualquer custo, procura evitar a disrupção deste frágil sistema, sempre ameaçado pela atracção objectal. A projecção recusa a realidade da mancha, o que tem como resultado a distorção perceptiva; a clivagem estilhaça, dando conta de que se o objecto não foi constituído também o Eu não existe, o auto-desengendramento sempre promovendo rupturas, dissociações e fragmentações; e a identificação projectiva realiza a apoteose da indistinção, da confusão entre os seres.

Quanto mais o momento for de onnipotência auto-engendrador mais as dinâmicas da projecção e da identificação projectiva serão observáveis, sendo necessário a recurso às recusas menos operacionais acima mencionadas, revelando a luta titânica para combater a atracção objectal promotora da diferenciação e da subjectivação. Quanto mais o momento for de auto-desengendramento, nas proximidades da ruptura branca, mais a clivagem será o mecanismo eleito. Finalmente, a reorganização posterior ao acontecimento psíquico branco trará consigo a marca de uma recusa traduzida em retirada, em planura, em morte psíquica.

o antédipo esvaziado no Rorschach

Um antédipo esvaziado remete para a impossibilidade de resolver o conflito original, em virtude de um luto imposto mas não elaborado, que fragiliza os acentos narcísicos e dificulta o processo de separação Eu/objecto e a comunicação entre ambos. Face a estas carências de organização precoce do narcisismo e da objectalidade, movimentos incestuais são procurados como forma de suprir a carência interna e de controlar o objecto perigoso mas imprescindível. A ausência da vivência fantasmática de onipotência auto-engendradora retira ao Eu a possibilidade de ser um elemento activo na criação de si e do mundo que o rodeia, e fragiliza seriamente a constituição de limites psíquicos que assegurem, simultaneamente, as funções de contacto e contenção. Esta oscilação entre as duas soluções antedipianas, sem que nenhuma delas seja efectivamente integrada, gera uma organização psíquica instável, sem possibilidades de elaboração, e dominada por mecanismos primitivos de clivagem objectal, identificação projectiva e esvaziamento psíquico.

.a fragilidade da constituição do Eu e as dificuldades de separação e comunicação Eu/objecto

Se, como dissemos acima, o primeiro sinal de uma sedução narcísica estruturante, fundida no tecido do Eu após a travessia completa do luto original, é a constituição de um espaço interior coeso, unificado e investido, inversamente, o sinal da ausência dessa vitalização narcísica primária, e de um luto imposto mas não elaborado, que sabemos caracterizar esta constelação antedipiana, é precisamente a constituição de um espaço interior vazio, carente de coesão, em perigo permanente face a quaisquer movimentações que, a partir do interior ou do exterior, exijam contenção e elaboração. Esta carência narcísica é observável, no Rorschach, a partir das projecções da imagem de si em G simples, sem espessura, sem vitalidade, acompanhadas de uma excessiva preocupação com a delimitação, que só é eficaz, como veremos, enquanto as dinâmicas do luto não forem contrariadas pelas dinâmicas incestuais. As tentativas de agarrar os recortes perceptivos, ou o eixo mediano organizador da simetria, são utilizadas como forma de configurar os limites e coordenadas de um espaço vazio e em risco de diluição.

Face a um luto imposto ao invés de lentamente elaborado, Eu e objecto são radicalmente separados, sem possibilidade de se constituir eficazmente esse elemento

mediador que garante que a diferenciação não compromete o reconhecimento e a familiaridade, assegurando a pertença a um mundo humano comumente partilhado. A fragilidade da constituição da Ideia do Eu pode ser observada, no Rorschach, na estranheza, desconforto, desconfiança ou desvitalização que emana das imagens humanas ou animais produzidas, mas também dos outros objectos em geral, e das manchas em particular (provocando críticas objectivas ou subjectivas), bem como na dificuldade em sustentar representações relacionais que respeitem, simultaneamente, a diferenciação e a familiaridade. A proliferação de sequências de respostas sem uma unificação simbólica subjacente, e por vezes particularmente contrastante nas qualidades dos conteúdos, revela igualmente a falência dessa capacidade de ligar, de unir, que advém deste elemento terceiro da geografia antedipiana.

A extrema fragilidade destas duas instâncias, do Eu enquanto espaço interior investido, e da Ideia do Eu enquanto elemento mediador, implica que a relação com o objecto seja vivida numa lógica de dependência e perigosidade: distância e proximidade, ambas podem comprometer a manutenção das ténues fronteiras psíquicas. Esta situação conduz a oscilações entre movimentos que, sentindo a perigosidade do objecto, procuram salvaguardar o luto vivido, permitindo a produção de representações que investem a delimitação perceptiva, como forma de assegurar a conservação dos limites, mas que são extremamente áridas, planas, sem intervenção de uma projecção capaz de enriquecer o objecto-mancha (e portanto de boa qualidade formal, mas sem qualquer movimento ou participação da cor e do esbatimento); ou inversamente, a movimentos de aproximação incestual, determinados pela carência, que visam refazer a união com o objecto, mas que terminam em invasão e desmoronamento das fronteiras (produções em F-, C, C' ou E, ou com conteúdos fragmentados). A realização dos dois movimentos em simultâneo, sem possibilidade de organizar nenhuma das soluções, conduz à produção de imagens sem delimitação formal definida (F±, CF, C'F, EF), dando conta de uma tentativa de afastamento que falha, resultando no desabamento dos limites psíquicos, e reenviando para a ausência da função contentora da sedução narcísica primária.

Devemos estar atentos às sequências de respostas, às oscilações produzidas, de forma a destacar a força de cada uma das dinâmicas – a do luto e a do incesto; é igualmente importante relacionar cada um dos movimentos ou sequências de movimentos com as características perceptivas dos cartões e as suas solicitações latentes. Os cartões unitários e

inteiros, pelo contraste brutal entre figura e fundo e pela coesão da mancha, solicitam a fragilidade e solidão desse Eu privado do contacto organizador e narcisante da relação de sedução original; os cartões bilaterais e com participação do vermelho, pela sua solicitação relacional e pulsional intensificam a perigosidade do objecto e as dificuldades de contenção e elaboração interior; finalmente, os cartões com lacunas intra-maculares reenviam ao vazio narcísico deixado pela radicalidade desse luto imposto.

No que respeita ao protocolo como um todo, ele pode dar conta de movimentos incestuais de procura incessante de aderir ao objecto, fragmentando-se a unidade pela excessiva sensibilidade às particularidades de cada cartão, ou à repetição incessante das mesmas formulações (numa rigidez de modos de apreensão e/ou determinantes, e/ou conteúdos), como forma de conservar a frágil unidade do Eu, evitando o apelo desorganizador do objecto.

.o não lugar na origem própria

A ausência de um momento de onipotência auto-engendradora vivido no seio da relação de sedução narcísica original, e a sua transformação em processo de co-criação de si, do outro e do mundo, inscreve, como assinalámos, uma fantasmática crua marcada pela impotência, pelo terror da criação e da destruição pelo outro, que como sabemos é combatida pelas duas vias antagónicas do luto e do incesto. Esta fantasmática, que compromete a capacidade criadora do Eu, é observável no Rorschach na impossibilidade de acrescentar significado, espessura, riqueza, às imagens produzidas, mantendo-se o controlo perceptivo mas secando a projecção criadora (numa separação radical entre o interior e o exterior), ou ao contrário, na perda das delimitações e na invasão projectiva a partir de uma ressonância extrema, crua e desorganizada face às solicitações latentes dos cartões (numa invasão incestual do objecto).

A análise das respostas K dará igualmente conta destas dificuldades: ou são K de postura reenviando ao fechamento, ao abatimento, ao desamparo (numa lógica de afastamento do objecto, num luto mal elaborado), ou se relacionais trazem a marca do perigo do encontro, e das dificuldades de diferenciação que daí advém (os movimentos incestuais actuando aqui em menor ou maior grau, pela colagem e indiferenciação dos dois elementos, ou pela perda do controlo perceptivo e formal).

A leitura da sequência do protocolo dará conta da dificuldade deste encontro com um objecto que solicita capacidades de comunicação, ligação, criação e transformação que este Eu não possui. As rupturas, as discontinuidades, a ausência de unidade e sentido estarão presentes como sinais do combate travado pelo narcisismo deficitário face à excitação desorganizadora do objecto.

. fragilidade dos instrumentos antedipianos de contacto e contenção

O ponto fundamental destas organizações esvaziadas é a ausência de uma proximidade qualificadora, organizadora, que vá auxiliando o Eu na constituição de limites próprios, suficientemente sólidos para que se distinga face ao exterior, mas simultaneamente suficientemente flexíveis para que o comércio seja possível.

A pele, o olhar e a respiração, enquanto instrumentos de interacção e de delimitação, revelarão as marcas da ausência de um objecto capaz de sustentar, organizar e qualificar o Eu neste trabalho sobre os limites. A produção de imagens demasiado rígidas, ou demasiado porosas, revelam a falha na função de delimitação flexível da pele. A dificuldade em olhar a mancha de forma a que Eu e objecto se constituam simultaneamente neste encontro, produzindo imagens que ou desqualificam o Eu pelo respeito exclusivo às características do objecto, ou desqualificam o objecto pelo excesso de projecção, indiciam as falhas da função comunicante do olhar. Finalmente, no que diz respeito à respiração, as desregulações rítmicas dos tempos de latência e das respostas, acusam as dificuldades de circulação desintoxicada entre o espaço interior e o exterior. Mais uma vez, o que é necessário analisar em profundidade são os movimentos de radical dissociação e esvaziamento ou de aproximação incestual invasora.

. O combate permanente entre narcisismo e objectalidade: instabilidade, a sombra do luto (a clivagem objectal, as idealizações e desidealizações) e a sombra do incesto (a identificação projectiva e a brancura psíquica)

A marca absolutamente característica deste antédipo esvaziado é o combate permanente entre narcisismo e objectalidade, marcado pela presença destes movimentos contrários que vimos assinalando, e que dão conta da ausência de uma diferenciação eficiente, porque carente de uma interioridade plena e de uma comunicação enriquecedora entre a interioridade e a exterioridade, que procura estancar a excitação do objecto sem nunca o poder

recusar plenamente (como é feito pelo incesto primário, em oposição a estes movimentos incestuais secundários ao esvaziamento provocado pela crispação dos limites). Face a este quadro, a integridade identitária está constantemente ameaçada, a representação relacional comprometida (ou ausente, ou sem diferenciação verdadeiramente conseguida entre os elementos), e as capacidades antedipianas vitalizantes de intricação pulsional, de criatividade e superação dos lutos não podem operar – a desintração pulsional pode ser observada nos cartões II e III, na produção de imagens em CF, C’F, EF ou mesmo em C, C’ e E, e de representações K, kan ou kob desorganizadoras, demasiado intensas ou de má qualidade formal; as dificuldades em criar transparecem no excesso de submissão perceptiva ou, ao contrário, de invasão projectiva, sem possibilidades de enriquecimento mútuo do Eu e do objecto; a intolerância à perda é passível de ser observada através da contaminação das sequências que procura impedir a separação, mas também dos cortes associativos reveladores da dificuldade de manter uma unidade subjacente à diversidade; a marca dessa perda inicial não elaborada, porque sempre carente da vitalização narcísica que a deveria ter precedido, pode ser inferida a partir da preocupação extrema, mas nem sempre eficaz, com a distinção entre a figura e o fundo, bem como a partir da excessiva sensibilidade às lacunas intra-maculares.

A perigosidade do objecto, que incita movimentos mais próximos da lógica do luto mas sem essas suas capacidades organizadoras, é responsável pelas clivagens objectais, observadas na intermitência de processos de idealização que suportam o narcisismo deficitário, e de desidealização como combate à invasão temida. São visíveis no Rorschach, como já anteriormente assinalado, na produção de conteúdos de qualidades antagónicas, e nos comentários e críticas que visam enaltecer o Eu ou atacar o objecto. A dependência narcísica, pelo seu lado, organiza os processos incestuais que conduzem à confusão dos objectos anteriormente delimitados (a identificação projectiva), e no extremo à brancura psíquica que anula qualquer distância pela nadificação (conteúdos esvaziados e siderados, restrição, rupturas e recusas).

Quadro 1: Quadro síntese dos procedimentos para análise

indiferenciação e estaticismo ← Conflito Originário → autonomia e crescimento
 incestual ↑ luto originário

	antédipo furioso	antédipo esvaziado	antédipo vitalizante
geografia antedipiana	<p>Indiferenciação incestual – representações pouco ou mal diferenciadas e incapacidade de distinguir interioridade e exterioridade (F±, F-, K-, Kan-, C); contaminação dos conteúdos; dificuldade em diferenciar a figura do fundo (F±, CF, EF, E de difusão); expressões verbais que assinalam ausência de distanciamento; incapacidade de aceder às imagens produzidas, no inquérito; fragmentações e recusas sobretudo nos cartões abertos e com integração do vermelho, e nos pastéis (I, III, VIII, IX e X).</p>	<p>Carência narcísica – projecções da imagem de si em G simples, sem espessura, sem vitalidade; excessiva preocupação com a delimitação e coesão que facilmente se perde.</p> <p>Fragilidade da Ideia do Eu – estranheza, desconforto, desconfiança ou desvitalização (principalmente H e A, mas potencialmente qualquer objecto).</p>	<p>Eu – construções em G simples de boa qualidade formal, nos cartões I, IV, V e VI; determinantes e conteúdos que remetem para uma projecção corporal inteira e positivamente investida; coerência temática do protocolo.</p> <p>Ideia do Eu – imagens humanas bem constituídas, valorizadas, familiares e securizantes; K relacionais num encontro com o diferente; A securizantes e banais; movimentos contentores, organizadores, ao longo das respostas; coerência das respostas a um mesmo cartão.</p>

	<p>Omnipotência, inexistência – seqüências em que a imagem vai sendo transformada sem nunca fixar um objecto bem constituído; impossibilidade de constituir imagens humanas inteiras e investidas; representações animais inquietantes; construções megalómanas e bizarras em (H), (A), H/A ou outros objectos compósitos, mágicos ou irrealis; Hd em que a parte toma o valor do todo, desvitalizações e petrificações; ausência de K relacionais ou Kan; Nos cartões II e III e VII surgem construções em G, pouco diferenciados ou disformes, ou fragmentação (Dd arbitrários, Ad, Hd, frag, Anat); cortes associativos e ausência de ligações entre as respostas a um mesmo cartão; violência sem expressão de afecto.</p>	<p>Separação não comunicante com o objecto – origina oscilações entre movimentos de luto, que investem a delimitação perceptiva mas não inscrevem um enriquecimento projectivo (imagens áridas, planas, vazias, com repetição inflexível dos modos de apreensão, determinantes ou conteúdos), e movimentos incestuais que, procurando a união com o objecto, desmoronam os limites (F-, C, C' ou E, excessiva sensibilidade às particularidades e diferenças dos cartões).</p>	<p>Eu/Obj – G ou D associadas a F+, K+, Kan +, Kob+; diferenças significativas de conteúdo correspondem a diferenças de localização; imagens diferentes face aos diferentes estímulos; vocábulos que precedem a imagem dão conta da distinção entre interioridade e objectividade.</p>
--	---	---	---

<p>fantasma e seus instrumentos</p>	<p>Fantasma-não-fantasma de auto-engendramento-desengendramento – imagens cruas, sem espessura, estáticas, áridas ou extremamente violentas. Imagens sem relação com a mancha (perceptiva e simbolicamente) e movimentos de destruição, perda ou esvaziamento (fragmentação, desvitalização, aniquilamento, impossibilidade de representar).</p> <p>Pele – dificuldade em produzir contornos bem definidos: de má qualidade formal ou confusos, distorcidos, amalgamados, ou ainda indeterminados na sua localização perceptiva).</p> <p>Olhar – excesso de projecção ou impossibilidade de representação (face à cor, ao esbatimento ou à dispersão); empobrecimento, ausência de sentido, desqualificação.</p> <p>Respiração – débitos verbais desordenados, retiradas; ausência de significado compreensível das seqüências.</p>	<p>Não-lugar na origem própria – incapacidade para acrescentar significado, espessura às imagens produzidas apesar do controlo perceptivo, ou ao contrário invasão projectiva a partir de uma ressonância extrema, crua e desorganizada face ao material; K de postura, revelando fechamento, abatimento, desamparo, ou quando relacionais revelando as dificuldades de diferenciação; rupturas, descontinuidades, ausência de unidade e sentido.</p> <p>Pele – imagens demasiado rígidas ou demasiado porosas.</p> <p>Olhar – imagens que desqualificam o eu pelo respeito excessivo à percepção, ou que desqualificam o objecto pelo excesso de projecção.</p> <p>Respiração – descontinuidades rítmicas associadas à dificuldade em produzir imagens desintoxicadas.</p>	<p>Fantasma de co-criação – Respostas de boa qualidade formal mas criativas; encontro entre a produção subjectiva e a solicitação latente; respostas K centrífugas; ligação simbólica progrediente e construtiva entre as respostas.</p> <p>Pele – contornos claros, precisos, contentores, sem demasiada rigidez; flexibilidade nos modos de apreensão; diferentes espessuras; E de textura suaves, agradáveis.</p> <p>Olhar – imagens de boa qualidade formal, que ressoem os conteúdos latentes.</p> <p>Respiração – ritmicidade na produção de respostas desintoxicadas.</p>
--	--	---	--

<p>dinâmicas antedipianas</p>	<p>Recusa – recusas, choques, incapacidade de representar (C, C', E de difusão).</p> <p>Projectão – distorção perceptiva</p> <p>Clivagem – estilhaçamento</p> <p>Id. Projectiva – indistincção/ confusão entre as imagens.</p>	<p>Combate entre narcisismo e objectalidade – presença de movimentos contrastantes de separação radical ou de aproximação incestual; integridade identitária ameaçada; comprometimento das representações relacionais.</p> <p>Ausência de intrincação pulsional – CF, C'F, EF; ou mesmo C, C' e E nos cartões II e III; K, kan ou Kob desorganizadoras, demasiado intensas e de má qualidade formal.</p> <p>Ausência das capacidades de criação e perda – submissão perceptiva ou invasão projectiva sem possibilidades de enriquecimento dos dois movimentos; cortes associativos ou contaminação das seqüências; excessiva preocupação com a distinção entre a figura e o fundo, nem sempre eficaz; excessiva sensibilidade às lacunas intra-maculares.</p> <p>Clivagens objectais – conteúdos de qualidades antagónicas, comentários e críticas que enaltecem o eu ou atacam o objecto.</p>	<p>Aliança entre narcisismo e objectalidade – conservação da integridade identitária (F+, K+ e Kan+), face ao novo e face ao apelo relacional (especial atenção aos cartões I, II, III e VII);</p> <p>Intrincação pulsional – contenção e modulação pulsional (FC, FC, FE); possibilidade de contacto com o material e simultânea diferenciação face ao mesmo, sobretudo nos cartões II e III e nas respostas kob.</p> <p>Criatividade – G e D elaborados; enriquecimento pela atribuição de movimento (K e k); coloração subjectiva das solicitações latentes; protocolo rico que indice capacidades de transformação e significação.</p> <p>Capacidade de suportar a perda – produção de novas imagens sem cortes associativos bruscos mas também sem contaminação da seqüência; reorganização face às mudanças de cartões; clara distinção da figura e do fundo; capacidade de tolerar as lacunas intra-maculares.</p>
--------------------------------------	--	--	---

		<p>Id. Projectiva – confusão de objectos antes delimitados.</p> <p>Brancura – conteúdos esvaziados, siderados, restrição, rupturas e recusas.</p>	
--	--	---	--

8. DANIEL⁴

Daniel, 42 anos procura apoio psicológico por se sentir “perdido, sem rumo e aflito”. O Rorschach foi-lhe proposto no âmbito do processo de avaliação psicológica com vista ao diagnóstico e ao estabelecimento de um projecto terapêutico. Do encontro relatado pela psicóloga que o observou assinalamos, em primeiro lugar, certos contrastes evidentes: apesar da vivência depressiva, Daniel investe fortemente a sua imagem, utilizando cores garridas; ao contrário da masculinidade da sua voz e traços físicos, os seus gestos e vestuário são bastante efeminados; afirma-se como homossexual mas desiludido e pouco aberto a relações amorosas; a sua vida é marcada por períodos de forte isolamento e fases antagónicas de intenso convívio social e profissional; finalmente, a mãe é descrita de forma idealizada, receptiva, sempre disponível e tolerante, imagem a que Daniel se identifica, ao contrário do pai, formal e distante (tem ainda três irmãos, mas que praticamente não refere). É, em segundo lugar, importante referir que Daniel tem uma história longa de alcoolismo que, segundo ele, provocou grande instabilidade afectiva e profissional; o consumo de álcool é também assinalado como responsável pelos momentos mais expansivos anteriormente referidos. Quando este protocolo foi recolhido Daniel não consumia álcool há quatro anos, embora se encontrasse dependente de comprimidos para dormir.

Sendo o propósito do nosso estudo a análise do Rorschach, julgamos suficientes estas informações, pelo que omitimos deliberadamente outras referências que não trariam qualquer acrescento a essa análise.

análise antedipiana do Rorschach de Daniel

.I

Daniel inicia o protocolo com uma resposta que começa por destacar um objecto total mas pouco definido, “um insecto”, a que o adjectivo “grande” procura assegurar coerência, estabilidade, pelo aumento da visibilidade. No entanto os termos contrastam, já que os insectos são, ao contrário, animais pequenos, revelando o receio de perder o objecto, que

⁴ Os dados recolhidos aquando da entrevista com Daniel, bem como o protocolo Rorschach, foram-nos facultados pela Prof. Maria Emília Marques, para a realização deste trabalho.

aumentado é mais facilmente fixado. A escolha deste reino animal aponta também para alguma falta de solidez interna, já que se tratam de invertebrados. A reiteração da imagem dada, precedida da expressão “parece” introduz alguma distância, procurando assegurar a diferença entre a interioridade e a exterioridade. A atribuição de movimento inicia uma aproximação projectiva que é logo interrompida pela dúvida, “talvez”, pelo riso, a que se segue um silêncio. Este corte associativo indicia a dificuldade de gerir esta aproximação, que esbate os limites entre o objecto e a subjectividade. Esta dificuldade não é superada, ao contrário, dá lugar a um comentário subjectivo que denuncia o carácter disruptor do encontro com este primeiro cartão, e que transforma o singular em plural, revelando a perda do objecto delimitado, “Eu não gosto muito de insectos”. Um novo silêncio, mais uma vez ineficaz como forma de reorganização, dá lugar a uma verbalização que expressa, com alguma prudência mas sem disfarce, “fazem-me uma certa impressão”, o desconforto sentido: “a viscosidade deles.” Este primeiro objecto representado é portanto destacado a custo, de forma pouco definida, e remetendo para um contacto desqualificante: o que é viscoso repugna, e remete para um toque simultaneamente escorregadio e pegajoso, o que explica os movimentos contrários de afastamento e aderência.

No inquérito Daniel procura de novo assegurar a coerência do objecto, assinalando o contorno, o aspecto mais formal, “o contorno todo, as asas”, e depois de realizar nova tentativa à vez distante e próxima de projectar movimento subjectivo, “parece estar a voar”, procura manter o objecto coeso através de uma fórmula que trai o risco de desintegração, “as asas ligadas ao corpo”, e que é seguida de uma ruptura do ritmo. Uma nova tentativa de fixação é realizada, pela acentuação da representação de forma exagerada, “tem uma imagem muito teatralizada”, que novamente dá lugar ao silêncio. Mais uma vez estas tentativas de estabilização e os cortes associativos falham nas suas possibilidades organizadoras, surgindo uma série de comentários em torno da dificuldade face à solicitação mais depressiva das tonalidades cinzentas do cartão, que se revelam ligadas ao elemento disfórico anteriormente evocado, a viscosidade: “e depois é a cor que é muito... embora goste de cinzento e preto, mas aqui ... faz parte dessa viscosidade dos insectos ... a cor tem sempre muita importância para mim”. A tentativa de apelar a uma subjectividade que poderia diminuir e matizar o afecto, falha pelo impacto não transformável do objecto.

Dado que este é o primeiro cartão, e a sua solicitação latente reenvia simultaneamente para o primeiro objecto e para a representação de si podemos, com base, na análise que

acabámos de expor, hipotetizar desde já dificuldades no encontro vitalizante com o objecto primitivo, levando a dificuldades na constituição da interioridade e da exterioridade como lugares distintos, mas passíveis de comunicarem de forma enriquecedora. De facto, a profusão de silêncios, o carácter desagradável da pele enunciada, o caminho em direcção a um olhar indistinto carregado de um afecto desqualificante, apontam para falhas significativas nos instrumentos interaccionais de contenção e comunicação, respiração, pele e olhar. Esta dificuldade de recriar o objecto de forma a manter o Eu ao abrigo do seu ataque, este Kan que procura comunicar com o objecto mas falha, não o aproximando nem afastando, mas levando à sua indistinção, revelam as dificuldades fantasmáticas de engendramento, que oscilam entre movimentos de luto (a procura de limites, de diferenciação, de coesão, os cortes associativos, as precauções verbais) e movimentos incestuais (o pequeno e o grande, o singular e o plural, os comentários pessoais, a invasão da cor) que acabam por dominar, sem no entanto conseguirem recusar a força desqualificante (viscosa) do objecto.

.II

As verbalizações que precedem a primeira resposta ao cartão revelam, desde logo, o impacto do objecto, num primeiro momento toscamente recusado: “assim *a priori*”, como se o que vai ser representado pudesse constituir-se *antes* do objecto, onnipotentemente na ausência dele; não sendo possível sustentar esta recusa, a expressão “parece-me” procura fixar alguma distância entre o material percebido e a projecção desencadeada. No entanto, a representação construída, “uma máscara chinesa”, acaba por revelar toda a dificuldade de elaboração face aos estímulos presentes no cartão, o que fica absolutamente claro quando percebemos o processo de construção assinalado pelo inquérito: “gosto de vermelho, tem o branco das máscaras chinesas da Ópera de Pequim”. Esta é uma representação de um continente rígido, protector (máscara), por oposição àquele constituído na primeira resposta. Mas esta rigidez é formulada, paradoxalmente, não a partir de contornos formais, mas da impressão arrebatadora provocada pela cor, construindo uma imagem - uma pele - englobante, que não faz diferenciações claras entre a figura e o fundo (as máscaras da ópera de Pequim são ricamente pintadas sobre o branco, o que mostra que o fundo branco evocado no inquérito se confunde, provavelmente, com o fundo branco da máscara), e que desrespeita os limites perceptivos da mancha. A confusão estabelecida entre a interioridade e a exterioridade é igualmente expressa no lapso verbal que coloca em palco não o actor mas o autor da ópera.

Depois de um silêncio significativo Daniel parece conseguir reorganizar-se, representando o conteúdo banal. Destaca “dois elefantes”, que coloca em actuação no “circo”, assim produzindo uma representação suficientemente securizante. No entanto, a sequência da resposta vai revelar, mais uma vez, a dificuldade em gerir a intensa solicitação pulsional deste cartão: o elefante passa a rinoceronte, mais agressivo, mesmo mortal. Este continua a ser colocado no contexto circense, numa tentativa já desajustada de controlar o objecto perigoso e potencialmente desagregador. O comentário cor que se segue, e que termina o trabalho relativo a este cartão, denuncia a brancura representacional assente na recusa do carácter disruptor destas solicitações pulsionais: “e gosto do... do vermelho, gosto de vermelho”.

A construção da primeira resposta a este cartão desenvolve-se através de um movimento incestual, ressoando o trabalho de uma fantasmática de auto-engendramento caracterizada por esse englobamento mútuo e reversível próprio da sedução narcísica original. Parece-nos que este é um movimento claramente defensivo face a três aspectos significativos da mancha: o seu carácter bilateral, que é negado nesta resposta; a lacuna intra-macular, que é, por via do fundo da máscara, ligada ao branco de fundo do cartão/palco, recusando a separação e a falha por ela introduzida, e regredindo à indistinção primitiva; finalmente o vermelho, elemento de excitação pulsional por excelência, que na ausência de capacidades de modulação, não pode ser integrado numa construção organizada e rica. Utilizando o instrumento antedipiano rítmico (a respiração) para produzir um corte associativo, e isolando o afecto despoletado pelo vermelho, Daniel consegue produzir a segunda resposta, num movimento progrediente de luto separador. No entanto, as dificuldades anteriores ressurgem na transformação em animal perigoso, insistentemente, mas incorrectamente, colocado no mesmo ambiente, dando conta da fragilidade da função mediadora e securizante da Ideia do Eu. A invasão incestual reaparece, num movimento de desengendramento, com o comentário pessoal relativo à cor, revelando a ineficácia do isolamento face à desintração pulsional.

.III

Mais uma vez o apelo relacional começa por ser recusado, a custo, como indicam os silêncios e o recurso à fórmula onipotente já anteriormente utilizada “*a priori*”. É constituído, no branco central, um objecto rígido mas oco, “um jarro”, valorizado narcisicamente, “bonito”, mas simultaneamente fragilizado no seu equilíbrio pela impossibilidade de ignorar as duas figuras indefinidas, “com duas imagens a suster”. O

inquérito revela a preocupação em assegurar a coesão a partir do contorno, sempre carente de suporte exterior, ficando pouco nítido se as imagens pertencem ao vaso ou se lhe são exteriores, mais uma vez num movimento de indefinição englobante, entre o interior e o exterior, entre o negro e o branco. A preocupação em assegurar a existência real do objecto, “isto tem a ver com coisas que já vi, eu interessei-me muito por isso, Art Deco”, arrasta o objecto representado para uma categoria artística geral, perdendo-lhe os contornos diferenciadores.

O corte associativo com que termina a resposta anterior, dá lugar a uma reorganização, que permite apreender a banalidade, “duas pessoas sentadas a uma mesa”, depois do necessário afastamento perceptivo “parecem”. As duas figuras que anteriormente sustinham o vaso, passam agora a estar apoiadas pelo suporte rígido da mesa, podendo estar próximas mas separadas pelo objecto intermédio, “a mesa central”, a que se junta “um laçarote” no inquérito. Nenhuma definição sexual é tentada, permanecendo, no inquérito, a expressão vaga “pessoas”. É impossível produzir um enriquecimento da imagem a partir de uma vitalização comunicante num K verdadeiramente relacional.

Mais uma vez o vermelho vem destabilizar a representação, sendo inicialmente difícil nomeá-lo: “É...”. Acaba por ser definido como uma fogueira, perigosa, como deixa transparecer o movimento de imprecisão e dúvida que se segue, “também parece aqui esta ideia, não sei...), bem como a fracassada tentativa de formação reactiva que precede, no inquérito, a perda de limites: “no tal laço, vem também remeter ao fogo”, muito mais desordenado e indefinido que uma simples fogueira.

Nesta resposta observamos uma sequência similar à realizada no cartão II, revelando a inflexibilidade dos processos defensivos face às solicitações pulsionais e relacionais. De facto, mais uma vez observamos a procura de um continente sólido (uma pele rígida e protectora) e valorizado (pelo trabalho do olhar), mas que falha nas suas possibilidades de delimitação correcta da figura face ao fundo, indiciando a aproximação incestual ao objecto devorador, que não consegue ser travada pelos cortes associativos (uma respiração intoxicada), na ausência de uma constituição narcísica suficientemente coesa. Segue-se, como anteriormente, um movimento em direcção ao luto, mas que revela a impossibilidade de representar a diferença e de comunicar de forma enriquecedora com o objecto, indiciando a ausência de uma Ideia do Eu verdadeiramente mediadora e de uma fantasmática activa e criadora; a perigosidade do contacto leva a um novo movimento incestual, pela emergência de

uma representação pulsional em Kob, sem delimitação formal, relativa a um elemento natural potencialmente desqualificador porque destruidor, o fogo, remetendo novamente para a ausência de intricação pulsional.

.IV

Um silêncio inicial conduz a uma representação de um continente frágil e desvitalizado, “uma pele de animal”, pouco definido, “qualquer”, passivo e carente de um suporte que não encontra, “*estendida* no chão a fazer de tapete, ou *pendurado numa parede*, mas mais *no chão*”. Toda esta fragilidade desencadeia, depois de um silêncio, uma tentativa de reforço da pele, “um animal com pelo alto”, que Daniel vai sublinhar no início e no fim do inquérito. Esta fragilidade é, no inquérito, explicada pela invasão do esbatimento do cartão, “deste cinzento que não me agrada muito, este contraste com o cinzento e o branco não gosto”, que abate os limites psíquicos conduzindo à confusão entre o interno e o externo: “Parece que quando olho fico tão cinzento como os cinzentos que estão reproduzidos”. O movimento seguinte procura de novo recuperar o objecto, definindo-o precária e desesperadamente, a partir de representações que se conferem força são pouco securizantes: “uma pele de lobo ou uma coisa assim, um búfalo, um animal de pelo alto, grande, um urso, sei lá...”.

Na resposta espontânea a este cartão observamos um trabalho precário de luto, capaz de delimitar um objecto mas profundamente fragilizado. Eu e objecto destacam-se, mas através de um continente carente de suporte externo, de um olhar passivo, desqualificante, e de um ritmo viciado na procura de elementos de suporte, revelando o défice fantasmático deste psiquismo. No inquérito assistimos a um desabamento incestual das fronteiras face ao afecto depressivo suscitado pelo esbatimento do cartão, que a tentativa de reforço da pele conseguiu travar. A ruptura pelo silêncio consegue inverter esta situação, sendo possível reorganizar o objecto, mas este afastamento acentua a sua perigosidade, expondo novamente a fragilidade psíquica de Daniel, nesta permanente luta entre a invasão incestual e a separação radical que coloca o Eu em perigo, indiciando, mais uma vez, a falência da função mediadora da Ideia do Eu.

.V

Depois de uma dificuldade inicial em verbalizar uma representação, indicada pelo silêncio no início deste cartão, Daniel recupera a imagem do primeiro cartão, agora já sem distância e francamente empobrecida, “pode ser um insecto”. Repetindo a passagem do primeiro ao segundo cartão, face à inconsistência formal da representação fornecida (forma imprecisa de um animal invertebrado), Daniel procura um objecto antagónico, uma segunda pele, protectora, “uma máscara”. No inquérito explicita que é “toda a pessoa vestida”, investida por um afecto aparentemente mais eufórico “de carnaval, de um baile de máscaras”, numa viragem maníaca, suportada pela clivagem. O inquérito revela que a imagem inaugural permanece operante, numa identificação projectiva que confunde os objectos: a mesma necessidade de ligação das asas ao resto do corpo, que vimos surgir face ao insecto do primeiro cartão, ressurge agora ligada à máscara “estas asas aqui fazem parte do fato”. Esta confusão incestual leva necessariamente à desvitalização narcísica, que é patente na última resposta ao cartão, apesar da tentativa de minimização: “também há aqui um bocadinho a ideia de vampiro”. No inquérito Daniel procura reafirmar narcisicamente esta representação, mais uma vez num movimento um pouco maníaco, “a ideia mítica de vampiro transformada em cinema (...) ligada ao factor teatral. O negro resulta aqui esteticamente”.

Sendo este o cartão que, por excelência, solicita a projecção da imagem de si, a sequência de respostas e de movimentos produzidos é extraordinariamente reveladora das dificuldades de constituição narcísica de Daniel, sempre a braços com a conservação dos limites, numa alternância entre o indefinido (insecto) e o definido (máscara de carnaval, vampiro), entre a ausência de eixo central (a coluna) e a necessidade de reforçar a dureza da pele (a máscara), entre a vivência depressiva de uma desvitalização que só pode ser estancada pela parasitação do outro (o vampiro) e o engrandecimento espectacular e dramático desta sua condição, num movimento de onnipotência auto-engendradora (mítico, cinematográfico, teatral), que ainda assim não tem força para constituir uma imagem que recuse a necessidade absoluta que tem do outro.

.VI

Na sequência de um silêncio prolongado e de um comentário que revela a dificuldade em se organizar face a este novo cartão, “Este é curioso”, dado que é seguido de outro longo silêncio, Daniel acaba por produzir uma representação de má qualidade formal, incongruente,

“um insecto que eu não conheço, que eu acho que não existe”, que revela a contaminação dos cartões anteriores (I e V) face às solicitações deste cartão que não encontram nele qualquer ressonância. A insistência em reportar esta representação ao material, “é o aspecto” e no inquérito “tem tudo a ver com insecto”, revela a dificuldade em se distanciar do objecto de forma a poder efectivamente vê-lo e representá-lo como novo e distinto. No inquérito, Daniel evoca o carácter irreal e desconfortável deste encontro: “Remete-me para coisas de ficção científica. Acho um bocado disparatado os aliens que aparecem”.

Segue-se uma resposta em que os contornos se perdem totalmente face aos cinzentos do cartão “E acho que isto deve ser aguarela, uma coisa assim, uma aguarela”, e que no inquérito amplia a indistinção a todos os cartões precedentes, “todos eles têm para mim ideia de aguarela”, numa fórmula um pouco infantil que procura para se apaziguar, “e eu gosto de aguarelas”, mas que revela a dificuldade que tem vindo a sentir para delimitar os objectos e se posicionar de forma diferenciada.

O luto impossível arrasta o psiquismo para o domínio incestual, numa indistinção inultrapassável entre o interior e o exterior, entre os diversos objectos que invadem e fragilizam, pela ausência mediadora e securizante da Ideia do Eu. Neste cartão falham as escassas capacidades organizadoras de Daniel, expondo-se claramente o carácter desconhecido, desrealizado, desse mundo exterior que não pode descobrir nem criar, porque interiormente nada o sustém ou preenche. Aqui observamos a mais radical inoperância da fantasmática de engendramento e dos seus instrumentos, sendo impossível uma criação com a mancha, e igualmente impossível uma criação que a recuse em auto-engendramento absoluto.

.VII

Depois de um momento de silêncio é evocada uma imagem de boa qualidade formal, que destaca face ao fundo “duas velhas”, mas que não consegue inscrever qualquer diferenciação entre os dois elementos, e que comporta alguma desvitalização e desqualificação. Estas características são recusadas depois de um novo silêncio, começando a formar-se uma nova imagem, “duas senhoras, velhas não”, que depois de nova interrupção é completada, “num dueto”. Daniel volta a recorrer ao engrandecimento espectacular de uma imagem previamente frágil, como o vimos fazer no cartão V: “Esta é uma imagem completamente operática, eu gosto muito de ópera!”. No inquérito, depois de realçar esta espectacularidade que diminui o encontro relacional, “um dueto operático, duas sopranos”,

precisa que “é a silhueta, o contorno” que determina a formação da imagem, revelando mais uma vez a importância atribuída aos limites, dada a escassez de conteúdos internos.

É de assinalar que, apesar da presença, na segunda parte da resposta, de mecanismos mais onnipotentes e por isso mais incestuais, este é o primeiro cartão aberto em que Daniel consegue diferenciar claramente a figura do fundo. Para isso produz uma imagem em que G que não explora (como aliás na maioria do protocolo, como forma de salvaguardar a delimitação total conseguida), e não arrisca qualquer distinção ou relação mais elaborada entre as personagens. Neste cartão são portanto os processos de luto aqueles que se encontram mais operantes (a determinação de uma boa forma, os silêncios, a clivagem objectal), o que pode significar que, na relação com o materno/feminino que este cartão solicita, Daniel observa com particular cuidado a manutenção dos limites psíquicos. O risco de invasão e de desintegração, demasiado grande, é portanto eficazmente combatido pelos mecanismos de clivagem que, apesar de exporem a fragilidade narcísica e a dificuldade relacional, impedem a ruptura psíquica.

.VIII

A produção relativa a este cartão inicia-se com um choque face à introdução das cores pastel, num movimento onnipotente que recusa o impacto brutal do objecto, mas que resvala na impossibilidade de representar: “Ah, logo à primeira é cor, que é uma coisa que me faz bem à saúde, tem rosas que eu gosto”. O movimento seguinte, que produz uma resposta distanciada, “pode parecer”, revela a necessidade de retirada narcísica, com constituição de um objecto sólido, valorizado e valorizante, “uma coroa real”, insistentemente empolgado: “de um reino bastante importante... coroa grande, consistente”. A acentuação das características imponentes continua, procurando unificar e estabilizar o objecto, “uma coroa com as armas reais e as bandeiras”, e no inquérito “Coroa de Inglaterra, com as bandeiras e os leões”, mas que começa a escorregar face à esta aproximação ao detalhe, revelando o risco de perda de coesão tão fortemente combatido, “leões ou leoas, uma coisa assim” a que se segue um silêncio marcando a ruptura do processo associativo.

A produção termina com o regresso à cor, acentuando, através de um mecanismo já utilizado nos cartões II e III face à emergência pulsional, a vontade de recusar este objecto demasiado excitante: “mas vem-me *a priori* a cor”. A dificuldade em elaborar esta mudança objectal surge no comentário “não sei por os outros serem escuros”, que procura assegurar

uma continuidade entre os cartões. Termina no já típico comentário narcísico, que procura recusar o impacto desorganizador do objecto, “é o rosa, é bonito”, e no inquérito “e as cores que eu gosto”, mas que revela a invasão sensorial que bloqueia o trabalho representativo.

Neste cartão observamos um primeiro momento de aproximação incestual, de que Daniel se recompõe conseguindo constituir um objecto através de mecanismos de fixação narcísica, servindo-se de uma pele rígida, de um olhar que trabalha ao serviço do empolgamento narcísico, num ritmo viciado. A aproximação ao detalhe, indispensável para assegurar a coesão deste objecto pleno de lacunas intra-maculares e de diferenciações provocadas pela cor, acaba por comprometer este trabalho de luto constitutivo do objecto, lançando Daniel novamente no turbilhão incestual de desmoronamento das fronteiras (num claro movimento de desengendramento) face aos afectos regressivos provocados pelas cores pastel.

.IX

Depois de um silêncio inicial, Daniel destaca “um belíssimo candeeiro Art Deco”, a partir do eixo e branco centrais. A sensibilidade à lacuna intra-macular e às diferenciações provocadas pelas cores leva a esta fixação no eixo e nos contornos interiores, na procura de um objecto suficientemente sólido para fazer face à dispersão. Este objecto é retirado do fundo da mancha, trazido para primeiro plano e investido narcisicamente de forma a garantir a sua permanência. As cores são remetidas para o fundo, constituindo-se como cenário, “as cores por detrás, do dia, do fim do dia”, permitindo assim a construção de uma imagem em G que assegura a coesão e a estabilidade da imagem, mas não a sua definição precisa (CF). Este primeiro movimento parece não ser suficiente, e depois de um silêncio Daniel continua pouco seguro de ter conseguido fixar esta dispersão cromática, o que o leva ao comentário “tem cor também”, a que se segue uma repetição ligeiramente modificada da cena anterior procurando a estabilização da imagem: “parece um candeeiro Art Deco, com um arco-íris por detrás”. É, finalmente, o recurso aos artificios do exagero e da encenação, “uma imagem muito cinematográfica, produzida em estúdio”, que consegue enfim fixar esta imagem, assegurando a permanência do objecto. O inquérito acaba por revelar a ineficácia destes movimentos, dando lugar a uma “sensação de aguarela”, perdendo a capacidade de estabelecer quaisquer limites face à invasão sensorial. Utiliza, então, uma valorização narcísica, “as cores muito bonitas”, de forma a sustentar a perigosidade que sente face a estas cores esbatidas e que se

interpenetram. Daniel perde a capacidade de designar e de diferenciar revelada pela confusão geográfica que se segue: “muito mediterrânicas... Se estivéssemos nalguma cidade pensaria em Paris!” (cidade da luz e cidade mãe da Art Deco, revelando um movimento de retorno ao objecto já destituído de limites diferenciadores).

A construção da primeira série de imagens face a este cartão revela um esforço de separação, de delimitação, mais uma vez a partir de uma pele rígida e de um olhar excessivamente narcísico, mas que está condenado à partida porque a inversão operada entre figura e fundo é pouco conseguida. De facto, a construção de um objecto sólido, dotado de luz própria, acaba por se confundir com a luminosidade do cenário em que é inscrito (o dia, o fim do dia, o arco-íris), retirando-lhe a sustentação narcísica (do candeeiro belíssimo ao cenário cinematográfico e finalmente à beleza das cores) e conduzindo à invasão incestual, onnipotente, estacionária e englobante que desde o início impediu a constituição de continentes a partir da mancha.

.X

Um silêncio, uma tentativa de distanciamento, “Pode ser”, e um novo silêncio dão conta da dificuldade em se organizar face às solicitações deste novo cartão. Finalmente, uma imagem pouco definida é produzida, “o fundo do mar”, revelando que a solicitação regressiva dos pasteis e a estrutura dispersa da mancha não encontra possibilidades de ser elaborada numa representação verdadeiramente diferenciada, mas apenas sensorialmente apreendida. No inquérito Daniel revela isso mesmo, ao enumerar elementos dispersos, entre o pequeníssimo e o grande, entre o duro e o mole: “plâncton... camarões, cavalos marinhos, estrelas do mar”. Termina enunciando o seu desconforto e incapacidade, “sei lá”, a que se segue um silêncio que, procurando romper esta sensação, acaba por conduzir a uma ligação ao cartão anterior, como forma de recuperar referências, “E a tal história, isto tudo é um bocado mediterrânico”, a que se segue novo silêncio.

A resposta seguinte procura contrariar o movimento de dispersão anterior, pela construção de um objecto sólido e bem definido, “com uma torre em cima, uma torre”, mas que não consegue ser integrada e que, depois de um corte associativo, se perde na re-emergência da imagem anterior: “o fundo do mar...uma imagem muito aquática para mim”.

A última resposta procede a uma transformação da torre em “mulher deste mundo aquático”, que por sua vez se confunde com um continente mítico, “quem sabe a Atlântida!”.

No inquérito, Daniel investe a figura feminina transformada em “deusa mediterrânica”, e constitui, finalmente, um cenário repleto de elementos delimitadores e organizadores: “como se fosse um lago” (o mar foi reduzido a lago, delimitado, pacificado), “e isto fosse um portão” (distinguindo o espaços, dentro e fora), “a escadaria” (distinguindo os planos, alto e baixo), “a imagem da dona desse mundo aquático” (que fica assim submetido a esta mulher poderosa). Estes movimentos dão conta de uma procura desesperada por um objecto que dê sentido à dispersão e à regressão solicitada pelo cartão, a que Daniel consegue aceder a partir de um objecto feminino, dotado de um poder irreal, mas o único capaz de ordenar as coordenadas do seu espaço psíquico. Mas esta ordenação só é possível no inquérito, suportada pela presença mais activa e próxima da psicóloga; a resposta espontânea, ao contrário, termina pela desqualificação de si, “Não sei...”, a que se segue a repetição dessa sensorialidade primitiva e indefinida: “uma imagem muito aquática”.

O primeiro movimento realizado face a este cartão é claramente incestual, impedindo a constituição de uma imagem definida, que no inquérito se dispersa em elementos que dão conta da ausência de estabilidade interior, revelando a falência dos instrumentos antedipianos de contacto e contenção (peles antagónicas, olhares dispersos e cortes rítmicos que não operam qualquer desintoxicação). Daniel recompõe-se, e depois de um corte associativo é possível uma curta reorganização que possibilita a construção, no topo do eixo central da mancha, de um objecto distinto e bem definido mas desvitalizado, com exclusão do resto da mancha, traduzindo um trabalho de luto sustentado pela constituição de uma pele rígida mas sem vitalidade, remetendo para a fragilidade da Ideia do Eu. A impossibilidade de conferir sentido a partir desse objecto arrasta-o novamente para um universo incestual, estacionário e onnipotente. O inquérito revela, precisamente, que a procura dessa vivência onnipotente e narcísica responde à necessidade de organização interna que Daniel não possui.

9. DISCUSSÃO

Nas páginas que se seguem procuraremos sintetizar os dados fornecidos pela análise do protocolo de Daniel, de forma a explicitar a configuração antedipiana que deles emerge, a partir dos organizadores anteriormente constituídos: a geografia psíquica, a fantasmática e seus instrumentos interacionais e as dinâmicas daí decorrentes. Em seguida, recuperaremos os pressupostos teóricos expostos na primeira parte do trabalho, nomeadamente aqueles relativos ao desenvolvimento antedipiano nas organizações limite, que discutiremos agora, de forma sintética, relativamente ao caso particular estudado. Teremos, assim, sublinhado os aspectos fundamentais do antédipo que baptizámos de esvaziado, tal como se observaram no protocolo por nós analisado, prestando particular atenção à configuração singular dos mesmos. Dessa forma, teremos ilustrado como a aplicação dos organizadores antedipianos à técnica Rorschach permite ampliar e aprofundar o diagnóstico psicológico, no sentido da compreensão da estrutura psíquica de um dado sujeito.

SOBRE O PROTOCOLO DE DANIEL

a geografia antedipiana

No que diz respeito à constituição do Eu, as construções em G simples, que predominam de forma excessiva e rígida, não conseguem produzir, através dos determinantes e conteúdos, representações de si bem definidas e valorizadas. Ao contrário, nos cartões que se prestam especialmente a este organizador (I, IV, V e VI), abundam representações de si fragilizadas (insectos, animais pequenos e invertebrados, que requerem o engrandecimento ou a afirmação da sua unidade nos cartões I, V e VI, e pele de animal carente de suporte externo no cartão IV, todos perdendo a sua já escassa delimitação na sequência das respostas), negativamente investidas (viscosidade no cartão I, comentários relativos à invasão depressiva do cinzento no cartão IV, parasitação no cartão V), sem vitalidade (pele de animal no cartão IV, máscara e vampiro no V), de limites precários ou excessivamente investidos (insectos, indefinidos do ponto de vista formal, que passam a máscara no cartão V, ou a pele de animal cujo pelo tem de ser fortalecido e engrandecido no cartão IV), assinalando a carência de

coesão e de vitalização narcísica interna. Nos restantes cartões, a sensibilidade aos brancos dá igualmente conta dessa fragilidade interior, combatida pela construção através do branco de objectos rígidos, mas sempre frágeis e esvaziados internamente (máscara no cartão II, jarro no III, coroa no VIII e candeeiro no IX).

Esta fragilidade interna liga-se directamente à ineficácia da função mediadora da Ideia do Eu, que observamos na dificuldade em construir imagens cuja familiaridade possa apaziguar o contacto com o objecto mancha. Ao contrário, são produzidas representações inquietantes, estranhas e desconfortáveis (o insecto viscoso e inquietante do cartão I, a transformação do elefante simpático em rinoceronte perigoso do cartão II, similar às transformações da fogueira em laço e depois em fogo do cartão II, da pele de animal indefinido em pele de lobo ou búfalo do cartão IV, e da máscara de carnaval em vampiro no cartão V). A escassez de imagens humanas bem constituídas (apenas dois H, um dos quais mítico, no cartão X e o outro sem qualquer definição sexual, no cartão III), a ausência de K verdadeiramente relacionais, e a estranheza dos A, aponta igualmente para a inoperância da Ideia do Eu como imago primitiva que instaura a representação do humano e a possibilidade de comunicação com o objecto. Apesar de algumas tentativas, não se observam movimentos verdadeiramente contentores ao longo das respostas, pelo contrário, as sequências tendem a esbater as fronteiras entre o Eu e o objecto, sobretudo a partir da invasão sensorial, em que a cor acaba por dominar conduzindo à indefinição dos limites (nos cartões I, III, VI), à confusão (nos cartões IV e IX), ou à brancura representacional (nos cartões II, VIII), o que remete para a dificuldade em tolerar e transformar este objecto estranho que é o Rorschach, e portanto para a dificuldade de estabelecer um encontro comunicante com o objecto, que não esbata a diferenciação entre a interioridade e a exterioridade. Finalmente, verificamos que a produção de mais que uma resposta a um mesmo cartão é tornada possível por mecanismos de ruptura e não de ligação, e ainda que por vezes essa ruptura possa originar uma progressão diferenciadora (como nos cartões II, III, V e X), a sequência termina, como afirmámos, em invasão pelo objecto ou em afirmação onnipotente (no caso dos cartões V e X), dada a ausência dessa instância que permite uma comunicação verdadeiramente criativa.

Na ausência de um Eu investido narcisicamente e de uma imago comunicante com o objecto, Daniel consegue muito dificilmente sustentar a distinção face ao objecto, de maneira

a conservar as suas fronteiras psíquicas ao abrigo da excitação objectal, patente na predominância dos movimentos incestuais face aos movimentos de luto. Efectivamente, as tentativas de separação que Daniel opera, sobretudo através de precauções verbais (“parece”, “faz lembrar”, “pode ser”, “acho que”), e através de delimitações formais bem definidas e que respeitam a configuração perceptiva da mancha sem invasão projectiva (nos elefantes da segunda resposta ao cartão II, nas pessoas da segunda resposta ao cartão III, nas imagens femininas do cartão VII, na coroa do cartão VIII e na torre do cartão X), são contrariadas de seguida por movimentos incestuais que esbatem (através do recurso ao engrandecimento onipotente nos cartões VII e X), ou abatem realmente os limites entre a vivência interna e a realidade externa (a invasão da cor nos cartões II, III e VIII). Nas restantes respostas do protocolo, a invasão incestual transparece nas indiferenciações figura-fundo que levam a englobamentos mútuos próprios do regime de sedução narcísica (a máscara do cartão II, o jarro do cartão III, o candeeiro do cartão IX), nas invasões sensoriais que dão conta do desmoronamento das fronteiras psíquicas (do cinzento nos cartões I, IV e VI e da cor e dispersão no “fundo do mar” do cartão X), e nos movimentos onipotentes reveladores das fragilidades internas (nos cartões V e X). Esta tendência à solução incestual é também observada na produção de imagens contraditórias do ponto de vista simbólico e formal numa mesma localização (nos cartões II, III, V e VII), bem como na fixação aos mesmos objectos ao longo do protocolo (insectos nos cartões I, V, VI, máscaras nos cartões II e V, produção de objectos duros e inanimados nos brancos, a imagem “aguarela” produzida no cartão VI mas estendida a todos os cartões no inquérito).

Sintetizando, o protocolo de Daniel revela a precariedade da constituição da tópica ternária antedipiana, com falhas muito significativas na construção de um Eu narcisicamente valorizado, distinto do objecto mas em comunicação criativa com ele. Ao contrário, Daniel esforça-se por controlar o objecto, mas as aproximações incestuais que realiza esbatem as suas ténues fronteiras psíquicas. A impossibilidade de realizar um trabalho verdadeiramente incestual de recusa do objecto conduz à invasão pelo mesmo, expondo a sua profunda fragilidade interna.

a fantasmática antedipiana e seus instrumentos

O protocolo de Daniel indicia uma vivência fantasmática marcada pela impotência e pela desprotecção face ao objecto, revelada pela dificuldade em criar imagens enriquecedoras da mancha. Esta dificuldade traduz-se na notória incapacidade de Daniel em mobilizar de forma conjunta e equilibrada a percepção e a projecção. Assim, Daniel produz imagens imprecisas, que não conseguem engendrar percepções verdadeiramente consistentes (insectos nos cartões I, V e VI, pele de animal qualquer, no cartão IV, aguarela no cartão VI, fundo do mar no X), ou ao contrário empenha-se com um cuidado extremo, mas pouco eficaz, na delimitação e fixação dos objectos, que apesar de serem reforçados pela sua espectacularidade (as teatralizações dos cartões I, II e V), pela sua solidez (o jarro do cartão III, a máscara do V, o candeeiro do IX) ou poder (a coroa do IX, a torre do X), acabam por não ser verdadeiramente estabilizados perceptivamente. É frequente o esvaziamento das possibilidades de representação, marcando a falência dos processos projectivos de engendramento criativo devido à invasão sensorial, incestual, pelo objecto (a viscosidade no cartão I com referência à cor, os comentários cor no fim dos cartões II e VIII e no cinzento disruptor do inquerito ao cartão IV, a perda de contornos formais no fogo do cartão III, da aguarela estendida a todos os cartões do VI, a confusão geográfica do cartão IX).

São construídos três K, dois dos quais integram relações duais mas sem que um movimento verdadeiramente diferenciador e relacional seja conseguido (as duas pessoas sentadas no cartão III, e o dueto operático no VII). O último K enuncia uma figura de poder mítico (a mulher do cartão X), num movimento claramente onnipotente, que como indicámos procura estabilizar um espaço, revelando a procura dessa constituição da interioridade que a sedução narcísica poderia ter realizado.

Finalmente, é de notar a dificuldade de Daniel em comunicar de forma fluida com o material, estando o seu protocolo recheado de rupturas e descontinuidades que terminam, frequentemente, em momentos de maior desorganização, e sendo clara a dificuldade de manuseamento das solicitações latentes dos cartões, sentidas como perigosas. Nos cartões mais evidentemente relacionais Daniel começa por recusar esses elementos, necessitando de constituir objectos estanques e inanimados, numa busca pelo universo estacionário e protector da sedução narcísica (nos cartões II e III, com a máscara e o jarro); quando finalmente forma uma representação relacional ela contém elementos de perigosidade que acabam por danificar

os limites perceptivos. Apenas no cartão VII essa estratégia de evitamento relacional não é usada, mas é realizada uma desqualificação da vitalidade (velhas) que procura minimizar o impacto da imagem e, de qualquer forma, não surge uma verdadeira troca relacional. Os cartões que solicitam a representação de si evocam-na efectivamente, mas sempre de forma desnarcisante e perturbadora (I e V, insectos, viscosidade, vampiro). Os cartões regressivos são combatidos com movimentos onnipotentes e estacionários (a coroa, o candeeiro artístico transformado em cinema, a torre/mulher/continente), mas que não conseguem evitar a invasão sensorial. Finalmente, os cartões cujo conteúdo latente remete para as dimensões de masculinidade/ poder/ função paterna (IV e VI) são particularmente difíceis para Daniel, entre a perigosidade e a estranheza, terminando em perda dos limites perceptivos.

Quanto aos instrumentos interaccionais desta fantasmática, vemos Daniel recorrer frequentemente a construções a partir de uma pele dura e fria, que protege o interior através de uma rigidificação que impede a comunicação (máscaras, jarro, coroa, candeeiro), mas que paradoxalmente não consegue conter e diferenciar eficazmente os objectos do seu fundo; de um olhar demasiado projectivo que oscila entre a desqualificação de si (insectos nos cartões I, V e VI, viscosidade no cartão I, vampiro no cartão V), e o engrandecimento excessivo do objecto (as referências ao espectáculo e à dramatização), mais uma vez sem tal permitir uma verdadeira estabilização, e de descontinuidades rítmicas (silêncios, rupturas associativas, imagens contraditórias nos mesmos cartões, sobreposição das mesmas imagens em cartões diferentes) que falham, igualmente, no seu propósito de desintoxicação.

Todos estes movimentos revelam, de forma clara, a prevalência de processos incestuais sobre os processos de diferenciação e luto, sem no entanto existirem possibilidades auto-engendradoras autónomas: a projecção invade e desqualifica, mantendo-se Daniel como que preso entre a subordinação ao objecto e a impossibilidade de o recriar e com ele se relacionar. Este indicadores sugerem, portanto, uma falha nos processos embrionários de construção fantasmática que, a partir da sedução narcísica originária, possibilitariam a criação de si, do objecto e do mundo, numa dinâmica de encontro e diferenciação enriquecedores. Os instrumentos interaccionais esgotam-se na tentativa de estabilização de limites, sem que possam ser usados para um encontro real e fecundo. Daniel despende todos os seus esforços numa tentativa de se estabilizar e ao objecto, cujas origens são permanentemente atacadas

porque carecem ambos de um suporte de fundo (o mundo estacionário e narcisicamente vitalizante da sedução narcísica), que garanta a sua permanência e solidez. A impotência fantasmática face à sua origem gera um receio constante de desengendramento, face ao objecto perigoso porque invasor e desnarcisante, que embora combatido pela constituição precária de limites externos, sem espaço para uma interioridade criativa e comunicante, acaba sempre por se revelar ineficaz levando ao desabamento das fronteiras psíquicas. A única excepção é o cartão VII, em que o investimento dos contornos consegue segurar a representação de duas mulheres que cantam (o canto das sereias?!). A capacidade de se manter diferenciado face a este cartão, que remete para a relação precoce e portanto para a vivência da sedução narcísica original, parece ilustrar extraordinariamente a ambivalência de Daniel relativamente a esse momento, tão desejado quanto temido: depois de ter sido invadido em todos os outros cartões, é perante a solicitação mais directa da união primitiva, que Daniel melhor se consegue guardar dela, não permitindo a invasão, que poderia aniquilá-lo de forma inultrapassável.

as dinâmicas psíquicas antedipianas

O combate entre narcisismo e objectalidade é, como já ficou implícito, o organizador fundamental do protocolo de Daniel. Sem que Eu e objecto se tenham podido engendrar mutuamente de forma criativa e qualificadora, o encontro entre eles traz a marca da violência e do perigo. É observável em alguns dos indicadores que já aclarámos, e que aqui apenas enunciaremos para não nos repetirmos demasiado: a ameaça constante à integridade narcísica (observável na fragilidade da imagem de si e nas constantes invasões incestuais pelo objecto), e o comprometimento relacional (visível nas tentativas de evitamento dos cartões relacionais, e na ausência de K verdadeiramente relacionais). O combate entre narcisismo e objectalidade é igualmente indicado pela falência dos processos de intricação pulsional que permitiriam a emergência de afectos face ao objecto, de forma contida, sem perigo de invasão e perda de limites. Apesar de algumas respostas em que alguma contenção é relativamente conseguida (pele de animal, através de um FE no cartão IV; máscara de vampiro construída em FC', FClob no cartão V; coroa em FC no cartão VII), observamos uma profusão de respostas em que o afecto despoletado invade a representação ao invés de ser contido por ela,

(determinação primária da cor nos cartões II, III e IX em que a construção de objectos rígidos é realizada na indistinção figura fundo, e no cartão VI na imagem da aguarela que perde quaisquer contornos perceptivos; invasão do cinzento no cartão I com comentário relativo à viscosidade evocada pelo cinzento; invasão da cor conduzindo à brancura representacional no final dos cartões VII e IX; a transformação de um animal inofensivo num animal perigoso a que se segue a invasão pela cor no cartão II, e a transformação de um laço em fogueira e depois em fogo no cartão III), sendo particularmente significativo o surgimento dessas respostas nos cartões com presença do vermelho, mas sendo também importante a sensibilidade extrema aos cinzentos e brancos, bem como ao pastel.

Encontram-se igualmente, no protocolo de Daniel, falhas significativas relativamente à capacidade de criação, observáveis sobretudo, como já assinalámos, na dificuldade de aliar a percepção e a projecção (remetemos para todos os movimentos que já assinalámos de invasão sensorial, de empobrecimento da representação, de perda dos limites perceptivos e de onipotência, e sublinhamos a ausência de respostas organizadas, ou de K, kan ou kob verdadeiramente dinâmicos e/ ou construtivos e enriquecedores). Complementarmente, a capacidade de suportar a perda é deficitária, o que é indiciado pela ausência de reorganizações significativas na sequência de rupturas associativas, na contaminação das sequências das respostas (com utilização dos mesmos movimentos e conteúdos em respostas diferentes, como nos cartões abertos e relacionais com construções de objectos duros no branco, na contaminação da imagem do insecto em três cartões, na extensão da aguarela do cartão VI a todos os cartões e na reutilização da representação mediterrânica no IX e X), na dificuldade em operar distinções eficazes entre figura e fundo (cartões II, II e IX), e na excessiva sensibilidade às lacunas intra-maculares. A ausência destas capacidades remete forçosamente para a ausência de uma sedimentação psíquica vitalizante da relação de sedução narcísica precoce, lentamente transformada em diferenciação comunicante e enriquecedora.

Finalmente, temos um número elevado de dinâmicas defensivas que remetem para equivalentes incestuais: por um lado a clivagem objectal, que procura sustentar a perigosidade do objecto conservando a união às suas qualidades narcísicas (observável na transformação dos animais no cartão II, na simultaneidade da passividade e da força no animal/tapete do cartão IV, na idealização do vampiro anteriormente desqualificado como insecto no cartão V, na

transformação de duas velhas em personagens operáticas no cartão VII, na transformação do elemento masculino mas desvitalizado torré em mulher poderosa e mítica no cartão X, e no permanente enaltecimento das cores dos cartões a par da óbvia desqualificação que elas produzem no psiquismo de Daniel); por outro a identificação projectiva (o insecto grande do primeiro cartão, que se torna viscoso e leva a um comentário pessoal sobre a cor, o jarro sustido no cartão III que é identificado a objectos gerais conhecidos e valorizados, a invasão do cinzento do cartão IV “fico tão cinzento como os cinzentos”, a confusão entre a luz do candeeiro e a luz natural por detrás, no cartão IX, e a transformação/confusão entre o candeeiro, Paris e a Art Deco no cartão IX, e o mar, mediterrânico e Atlântida no cartão X) e a brancura representacional (as rupturas, os silêncios, os objectos ocultos, as representações impossíveis na sequência de invasões sensoriais), que marcam os movimentos incestuais determinados pela dependência narcísica.

Estas dinâmicas psíquicas marcam a instabilidade extrema de Daniel face à realidade objectal, determinadas pela extrema fragilidade dos seus limites psíquicos, da sua constituição narcísica e das suas possibilidades relacionais. Permanentemente confrontado com a necessidade de se socorrer do objecto para se definir, mas exposto à invasão sempre que dele se aproxima, Daniel vive este conflito de forma extremamente viva: não conseguindo operar separações eficazes devido à precariedade das suas capacidades internas, está permanentemente em risco de confusão e esvaziamento.

Concluindo, estamos claramente perante uma constituição antedipiana esvaziada das suas possibilidades organizadoras, contentoras e transformadoras, responsável pelas dificuldades de gestão da proximidade e da distância face ao objecto, originando uma alternância de momentos de maior diferenciação embora empobrecida, com momentos de invasão incestual, de englobamento mútuo em que as fronteiras perdem a sua capacidade delimitadora. Apesar da prevalência de processos incestuais, a recusa do objecto não é possível o que torna o encontro com o mesmo gerador de desequilíbrios narcísicos conducentes ao esvaziamento, já que esse encontro expõe em toda a sua extensão a precariedade das fronteiras psíquicas de Daniel e os afectos depressivos que a ausência de uma sedução narcísica vitalizante deixou como marca inultrapassável.

SOBRE O PERCURSO REALIZADO

Iniciámos a nossa viagem com a teoria proposta por Racamier sobre a construção psíquica precoce, observando como o conflito originário que opõe narcisismo e objectalidade pode ser ultrapassado a partir de uma sedução narcísica vitalizante que, diluindo-se lenta e progressivamente, abre espaço à construção de uma interioridade rica, em comunicação criativa com o objecto, permitindo ao Eu habitar o mundo humano e nele participar autónoma e construtivamente. Vimos, também, como uma sedução narcísica demasiado cristalizada, e fortalecida em seguida pelo domínio incestual, gera um universo onnipotente e indiferenciado que, pela via da recusa do pensamento sobre a origem, sobre a diferença dos seres e dos sexos, conduz a um combate desenfreado, onnipotente e alucinante com a realidade, de que o Eu sai sempre mais e mais esvaziado. Em seguida, explorámos o território das organizações limite, destacando como suas características estruturais a precariedade das fronteiras intra e extra psíquicas, o défice narcísico, a ausência de modulação pulsional, responsáveis por uma relação com o objecto marcada pela dependência e perigosidade, que este psiquismo procura equilibrar através de defesas primitivas e pouco eficazes, conducentes à confusão ou à planura psíquica. Procurámos, então, compreender de que forma podia a teoria racamierniana ajudar a explicar esta organização psíquica. Entendemos que uma falha no papel para-excitacional, e vitalizante, da sedução narcísica originária comprometia a constituição dos limites psíquicos. O Eu, demasiado cedo exposto a um luto não elaborável, carente de uma interioridade bem constituída, vê-se confrontado com um universo pulsional e objectal para o qual não tem recursos transformadores. O conflito entre narcisismo e objectalidade perpetua-se, e o Eu limite oscila entre a separação radical a que foi exposto e de que não pode escapar e movimentos incestuais que procuram recuperar o objecto narcisicamente indispensável, e neutralizar a sua perigosidade.

No caso de Daniel, que analisámos com recurso a uma transformação da técnica Rorschach, que nos permitiu observar as dinâmicas antedipianas na sua narrativa face às dez manchas de tinta, é absolutamente evidente a desprotecção que sente face ao encontro com o objecto, na ausência dessa imago mediadora que o torna familiar e próximo. O objecto não pode ser recusado, já que sem ele não há sustentação narcísica interna que mantenha os ténues limites; mas a aproximação só pode ser feita de forma incestual e não em regime de co-criatividade, o que dada a sua fragilidade, termina em invasão e desorganização. Em alguns

pacientes limite a conservação extrema e empobrecedora dos limites é utilizada como forma de evitar este tipo de invasão. Outros são desde logo invadidos e confundidos pelo objecto, que pela sua onnipotência conduz à desrealização, embora não à fragmentação. A maior parte do tempo Daniel não consegue servir-se (embora o procure fazer) dos limites psíquicos e perceptivos para se organizar, o que revela a sua enorme voracidade narcísica face ao objecto. Mas a medida da sua necessidade é também a medida da sua impossibilidade auto-engendradora, pelo que qualquer aproximação incestual conduz não a uma neo-realidade, não à recusa do objecto, mas à perda de si mesmo, dos seus limites, das suas possibilidades de (se) representar e se partilhar. A brancura, o esvaziamento, o desengendramento, são os maiores perigos para Daniel, e por isso, para contrariar esse risco utiliza o exagero, a espectacularidade, de forma a constituir qualquer coisa que o segure a um mundo povoado.

Do ponto de vista do diagnóstico psicológico, e referindo-nos aqui apenas ao universo antedipiano (e portanto deixando de fora uma área imensa desse diagnóstico), apesar das suas tentativas desesperadas (procura de limites perceptivos, constituição de objectos duros, protectores) Daniel apresenta uma profunda fragilidade na manutenção da diferenciação face ao objecto, com o qual o contacto é desnarcisante (viscoso), esvaziante, mas absolutamente imprescindível para a sua sobrevivência (vampiro). Mas é quando se aproxima mais da terra prometida, a relação narcísica original, que Daniel melhor se organiza, e mais consegue fixar limites e estabelecer diferenciações (ainda que ténues, veja-se a resposta VII em que os contornos, a silhueta das duas mulheres não se perde, e a resposta X, em que a organização de um espaço interno é possível a partir da figura feminina onnipotente).

Assim, do ponto de vista de uma intervenção terapêutica, cujo pedido motivou a avaliação, este dado permite-nos colocar a hipótese de que há alguma possibilidade de manutenção da integridade no seio de uma relação regressiva, bem como uma centelha de diferenciação interna; estas poderiam ser trabalhadas de forma a estabelecer, progressivamente, um pouco da vitalização narcísica de que carece, para que essas sementes de organização interna possam, muito lentamente, encontrar algum solo onde germinar. Esta intervenção teria de ser extraordinariamente cuidadosa, pois a necessidade do objecto/terapeuta impeliria Daniel às aproximações incestuais que conduzem ao seu esvaziamento, pelo que a contenção desses movimentos, de forma narcisante e securizante, teria de ser constantemente observada. A promoção de diferenciações sexuais e de identificações a funções masculinas, que desconhece quase radicalmente (cartões IV e VI),

seriam imprescindíveis, para que algumas separações e construções psíquicas se pudessem realizar, bem como para a valorização narcísica da sua identidade sexual (sem querer com isto significar, obviamente, que a orientação sexual de Daniel possa ou deva ser transformada). É claro que, dada a idade de Daniel, os objectivos a perseguir teriam de ser, necessariamente, bastante modestos, mas poderia ser possível uma reconstrução mínima desse tempo narcísico que ficou por viver, de forma a promover alguma solidificação das barreiras psíquicas, pelo menos de maneira a diminuir as aproximações incestuais, e a promover diferenciações mais eficazes e menos empobrecedoras.

10. CONCLUSÕES

O presente trabalho constituiu-se em torno do objectivo de revisão e transformação da teoria proposta por Racamier sobre a construção dos alicerces narcísicos e objectais, o antédipo, de forma a aplicá-la às organizações limite e a traduzi-la para a técnica Rorschach. Assim, começámos por apresentar a teoria racamierniana, descrevendo os dois destinos paradigmáticos a partir do uníssono narcísico original e originário, um em direcção ao luto, ao crescimento e à autonomia, e o outro em direcção à cristalização de um universo estático, indiferenciado e onnipotente.

Seguidamente, revimos as características estruturais das organizações limite, sublinhando o papel da precariedade das suas fronteiras psíquicas, do seu défice narcísico, e da persistência de movimentos pulsionais violentos não matizados pela corrente libidinal, no estabelecimento de relações objectais marcadas por angústias de separação-intrusão, e na utilização de defesas arcaicas baseadas na clivagem e na expulsão psíquica.

Comprendemos que um défice nesse momento primordial de construção narcísica a dois, conduzia a uma cisão não integrada com o objecto, comprometendo o desenvolvimento regular da tópica ternária antedipiana, nomeadamente no que se refere ao papel mediador da Ideia do Eu, o que despoletava dinâmicas incestuais como forma sempre falhada de regressar ao uníssono narcísico, de recuperar o domínio da sua criação, e de encontrar um limite protector face a um universo pulsional e objectal perante o qual este Eu fragilizado não dispõe de capacidades reguladoras e transformadoras.

Traduzimos, então, para a técnica Rorschach, os indicadores chave da lógica antedipiana: a geografia psíquica (nas suas vertentes de diferenciação e indiferenciação), a fantasmática primitiva (auto-engendramento/ desengendramento, co-criação e não lugar na origem própria) e seus instrumentos interaccionais (a pele, o olhar e a respiração), e as dinâmicas psíquicas antedipianas (capacidades de ligação e transformação, mecanismos de recusa, de indiferenciação e de expulsão psíquica).

Finalmente, com base nessa tradução, lemos a narrativa Rorschach de Daniel, onde pudemos encontrar, inscritos de forma singular, os traços antedipianos esperados numa organização limite: uma geografia psíquica em que a diferenciação entre o Eu e o objecto está mal conseguida, e onde a Ideia do Eu não opera o seu papel mediador e tranquilizador, um vazio fantasmático e uma utilização superficial e incapaz do seu papel qualificador dos

instrumentos interaccionais antedipianos, e uma dinâmica psíquica marcada pelo conflito entre narcisismo e objectalidade, pela desintração pulsional, pela ausência de capacidade de criação e desilusão e pela presença de mecanismos primitivos como a clivagem objectal, a identificação projectiva e o esvaziamento psíquico. Notámos, apesar da prevalência de movimentos incestuais no protocolo, a capacidade, ainda que ténue, de Daniel se situar de forma minimamente contida e distinta quando confrontado com solicitações fortemente regressivas, invocadoras do uníssono primitivo, revelando o seu desejo de autonomia e crescimento, apesar da forte necessidade de vitalização narcísica. Por fim, assinalámos o valor de tal posicionamento psíquico para uma eventual relação psicoterapêutica. Com este trajecto julgamos ter cumprido o propósito que estabelecemos, nomeadamente, permitir que a transformação da técnica Rorschach, operada a partir da teoria antedipiana, iluminasse esse momento fundador do narcisismo e da objectalidade, e permitisse destacar a constelação à vez geral e singular de um paciente que nos esforçamos por compreender e apoiar.

* * *

Um trabalho deste género é, a todos os títulos, muitíssimo insuficiente na clarificação da complexidade do psiquismo humano. Provavelmente, qualquer trabalho o é, mas este em particular, pela focalização necessária, mas redutora, num único, ainda que fundamental, momento do desenvolvimento psíquico, e numa organização patológica específica, deixa todo um universo por pensar. Ficou-nos o desejo, a aspiração, de noutros momentos de investigação alargar em três sentidos esta reflexão: primeiro, promover uma leitura unificada do complexo antedipiano e do seu sucessor, o complexo edipiano, seguindo as vias da construção da unidade, da dualidade relacional e da triangulação, observando as suas complementaridades, nomeadamente, nas organizações neuróticas, normativas e patológicas; segundo, e dentro da mesma lógica, pareceu-nos a dada altura interessante uma reflexão futura sobre o papel do conflito antedipiano na histeria (dada a importância da oralidade nesta organização e sobretudo na patologia), procurando perceber exactamente de que forma se estabeleceram ou se comprometeram os seus organizadores, a serem depois confrontados com as dificuldades e competências edipianas; finalmente, parece-nos igualmente promissor o desenvolvimento de possibilidades de leitura antedipiana das narrativas TAT, já que esta prova é complementar ao Rorschach em qualquer avaliação estrutural rigorosa, e está

extensamente estudada do ponto de vista edipiano, mas apenas desse. Enfim, a teoria de Racamier, pela condensação que faz de inúmeras pesquisas anteriores, pelo esforço de síntese, pela integração do modelo pulsional com os aspectos relacionais que indiscutivelmente são fundamentais na estruturação do psiquismo humano, mereceu-nos e continuará a merecer uma enorme atenção, que agora se poderá alargar e expandir a outros modelos e autores, nomeadamente, aqueles que se debruçam sobre os processos do pensamento e da simbolização, aspectos que ficaram por explorar relativamente a este momento inaugural de descoberta de si, do objecto e do mundo.

* * *

Com o presente trabalho pretendemos contribuir para um alargamento das possibilidades interpretativas desse instrumento fundamental da clínica psicológica que é o Rorschach, de forma a pensar sob um ângulo novo problemáticas já antigas. Julgamos tê-lo conseguido, dentro das limitações do nosso saber e experiência, ainda necessitados de longo amadurecimento, e assim prestado o nosso primeiro pequeno contributo a esta disciplina em que começamos a dar os primeiros passos, mas pela qual estamos já irremediavelmente apaixonados.

O desenvolvimento das nossas competências que esta investigação nos proporcionou, nos domínios da teoria psicanalítica e da técnica e prática da psicologia clínica, foi muito além das nossas expectativas iniciais. Por um lado, através da teoria de Racamier, e devido às pesquisas que tivemos de realizar para a compreender e ampliar, alcançámos uma visão muitíssimo mais aprofundada do que dispúnhamos anteriormente, quer da teoria pulsional freudiana, quer dos modelos relacionais, quer dos aspectos particulares das organizações limite, mas sobretudo desse vasto mar em que os mais ilustres psicanalistas têm navegado nas últimas décadas, o narcisismo e suas vicissitudes. Por outro lado, o objectivo de transformação da técnica Rorschach, exigiu de nós um domínio dos conhecimentos já firmados sobre a mesma, que nos permite hoje um manuseamento deste instrumento precioso e fascinante, muito além do que julgámos ser possível no fim deste ciclo de estudos. Finalmente, como qualquer boa viagem, esta deixou-nos o desejo de realizar muitas mais. Na companhia dos teóricos mas sempre também desse outro pelo qual o nosso esforço de compreensão ganha sentido e valor.

REFERÊNCIAS

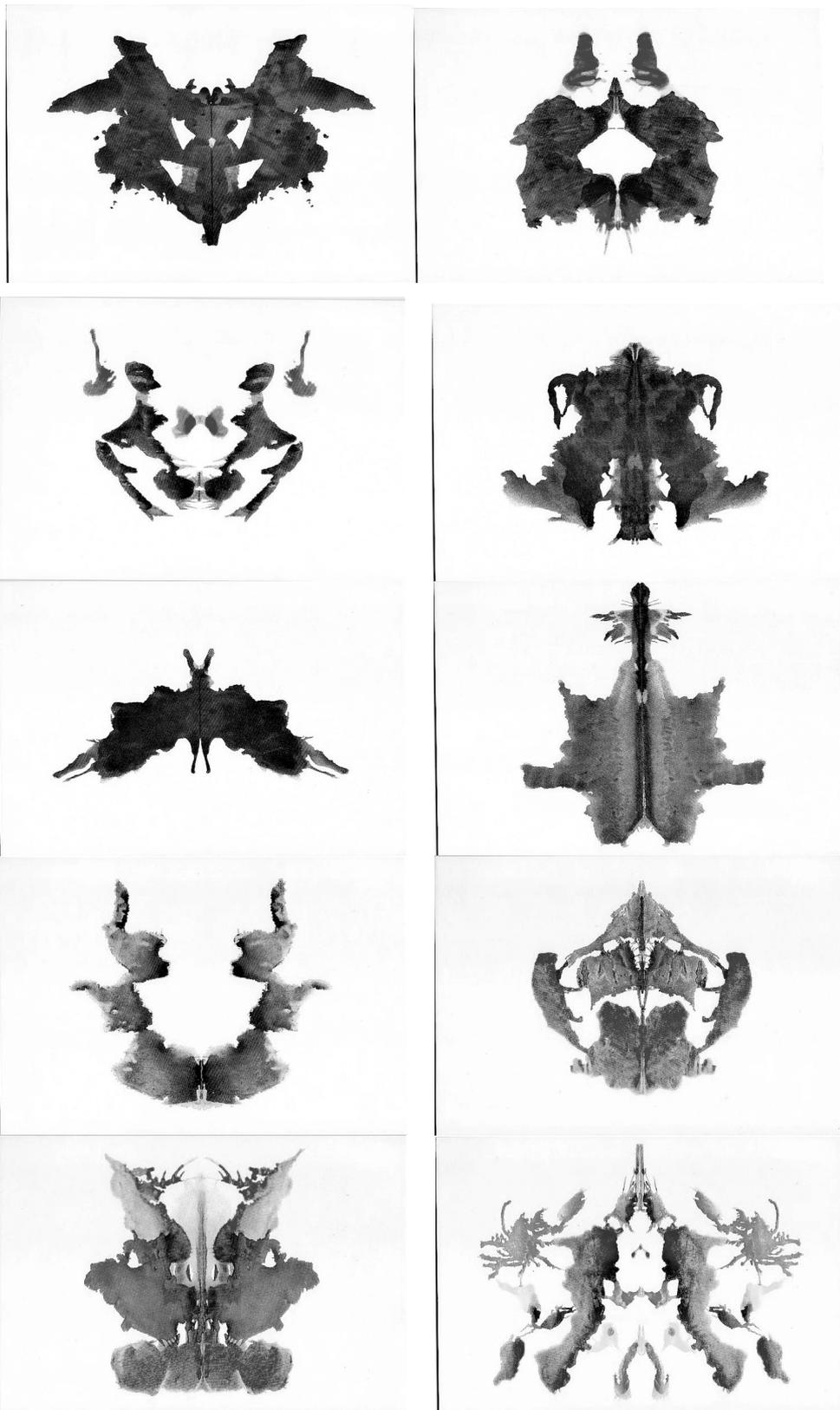
- Anzieu, D. (1967). La méthode projective: Ses différentes techniques. *Bulletin de Psychologie*, 21 (260), 1183-1185.
- Anzieu, D. & Chabert, C. (2004). *Les méthodes projectives*. Paris: Puf. (Obra original publicada em 1961)
- Bergeret, J. (1986). Faiblesse et violence dans le drame du dépressif contemporain. in *Narcisisme et états-limites* (pp. 162-233). Paris:Dunod/Presses Univ. Montreal.
- Bergeret, J. (1989). Oedipe avant Thèbes. *Revue Française de Psychanalyse*, 53 (3), 857-872.
- Bergeret, J. (2000). *A personalidade normal e patológica*. Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1996)
- Bergeret, J. (Org.). (2004). *Psicologia Patológica*. Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1972)
- Chabert, C. (1998). *Psychanalyse et méthodes projectives*. Paris: Dunod.
- Chabert, C. (2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1998)
- Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1997)
- Chabert, Brusset & Brelet-Foulard (1999). *Névroses et fonctionnements limites*. Paris: Dunod.
- De Traubenberg, N. R. (1970). *La pratique du Rorschach*. Paris: PUF.
- De Traubenberg, N. R. (1983a). Actividade perceptiva e actividade fantasmática no teste de Rorschach: O Rorschach espaço de interações. *Análise Psicológica*, 4 (1), 17-22.
- De Traubenberg, N. R. (1983b). Representação de si e relação do objecto. Grelha de representação de si: Análise comparada dos resultados de adolescentes doentes psíquicos e somáticos. *Análise Psicológica*, 4, 31-40.

- De Traubenberg, N. R. (1996). De quelques modalités d'interprétation du Rorschach. *Bulletin de Psychologie*, 49 (423), 219-224.
- Marques, M. E. (1994). Do desejo de saber ao saber do desejo: Contributos para a caracterização da situação projectiva. *Análise Psicológica*, 12 (4), 431-439.
- Marques, M. E. (2001). *A psicologia clínica e o Rorschach: Modelos de observação e teorias das transformações em Psicologia Clínica* (2^a ed.). Lisboa: Climepsi.
- Moita, V. (1983). A angústia como conceito operatório na técnica projectiva de Rorschach. *Análise Psicológica*, 4 (1), 5-16.
- Nacht, S. & Racamier P.-C. (1960). Symposium on 'Depressive Illness' – Depressive States. *International Journal of Psycho-Analysis*, 41, 480-497.
- Green, A. (1990) *La folie privée: Psychanalyse des cas-limites*. Éditions Gallimard.
- Green, A. (2004). *Le discours vivant: La conception psychanalytique de l'affect*. Paris: Puf. (Primeira edição em 1973)
- Kernberg, O. (1986). Borderline Personality Organization. in *Essential papers on borderline disorders: One hundred years at the border*. (pp. 279-319). New York: New York University.
- Racamier, P.-C. (1980). *Les schizophrènes*. Paris: Payot.
- Racamier, P.-C. (1992). *Le génie dès origines: Psychanalyse et psychoses*. Paris: Payot.
- Racamier, P.-C. (1993). *Cortège conceptuel*. Paris: Editions du Collège de Psychanalyse Groupale et Familiale.
- Racamier, P.C. (2003). *Antoedipe et ses destins*. Paris: Apsygée Editions.
- Rorschach, H. (2001). *Psychodiagnostic: Méthode et résultats d'une expérience diagnostique de perception. Interprétation libre de formes fortuites*. Paris: Puf. (Obra original publicada em 1947)

ANEXOS

Anexo 1

Cartões Rorschach



Anexo 2

Protocolo Rorschach de Daniel

<p style="text-align: center;">I</p> <p>1. Um insecto grande... Sim, parece um insecto grande... Voando, talvez (ri)... Eu não gosto muito de insectos..... Fazem-me uma certa impressão, a viscosidade deles...</p>	<p>O contorno todo, as asas. Parece estar a voar, o corpo central e as asas ligadas ao corpo... Tem uma imagem muito teatralizada.... E depois é a cor que é muito....Embora goste de cinzento e preto, mas aqui... faz parte dessa viscosidade dos insectos.... A cor tem sempre muita importância para mim.</p>	<p>G kan A Ban →C'</p>
<p style="text-align: center;">II</p> <p>2. Ah, assim <i>a priori</i> parece-me uma máscara chinesa!.....</p> <p>3. Depois podem-me parecer dois elefantes do circo Dois rinocerontes, uma coisa assim, do circo.... E gosto do ... do vermelho, gosto de vermelho.</p>	<p>Gosto de vermelho, tem o branco das máscaras chinesas da Ópera de Pequim. É como se estivesse a ver um autor da ópera em palco e estivesse a ver a cara, só a cara com um branco de fundo (em G). No detalhe do desenho, são mais elefantes, dois animais de grande porte.... No circo a fazerem alguma acrobacia, um gesto simpático como os elefantes são....</p>	<p>Gbl C'F Masc D kan A Ban Com. Cor</p>
<p style="text-align: center;">III</p> <p>4. ...Hum... <i>a priori</i> faz lembrar um jarro bonito, com duas imagens a suster... o vaso lá...</p>	<p>Este contorno todo (negro) que dá a imagem de serem duas imagens a suportar o vaso. Isto tem a ver</p>	<p>Eq. Choque D bl C'F Obj</p>

<p>5. Parecem duas pessoas sentadas a uma mesa ...</p> <p>6. É... à volta de uma fogueira, também parece aqui esta ideia, não sei...</p>	<p>com coisas que já vi, eu interessome muito por isso, Art Deco.</p> <p>Pessoas, a mesa central, com um laçarote ao meio (R.A. – D F+ Obj Ban)</p> <p>Fogueira, no tal laço, vem também remeter ao fogo</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D kob Fogo</p>
<p style="text-align: center;">IV</p> <p>7. ... Uma pele de um animal qualquer, estendida no chão a fazer de tapete, ou pendurado numa parede, mas mais no chão ... De um animal com pelo alto...</p>	<p>Com o pelo alto, tem um bocadinho deste cinzento que não me agrada muito, este contraste com o cinzento e o branco não gosto. Parece que quando olho fico tão cinzento como os cinzentos que estão reproduzidos!... Uma pele de um lobo ou uma coisa assim, um búfalo, um animal de pelo alto, grande, um urso, sei lá...</p>	<p>Eq. Choque</p> <p>G FE A Ban</p>
<p style="text-align: center;">V</p> <p>8. ... Pode ser um insecto...</p> <p>9. Pode ser uma máscara de carnaval, de um baile de máscaras ...</p> <p>10. Também há aqui um bocadinho a ideia de vampiro.</p>	<p>Toda a pessoa vestida, estas asas aqui fazem parte do fato</p> <p>Também me remete para a ideia mítica de vampiro transformada em cinema ... Parece mais um homem mascarado de vampiro, ligado ao factor teatral. O negro resulta aqui esteticamente.</p>	<p>Eq. Choque</p> <p>G F± A</p> <p>G FC' Masc</p> <p>G FClob (H)</p>

<p style="text-align: center;">VI</p> <p>11. Este é curioso! ... Faz-me lembrar um insecto que eu não conheço, que eu acho que não existe, mas é o aspecto ...</p> <p>12. E acho que isto deve ser uma aguarela, uma coisa assim, uma aguarela.</p>	<p>Acho que não existe um insecto assim, mas tem tudo a ver com insecto (G) ... Remete-me para coisas de ficção científica. Acho um bocado disparatado os aliens que aparecem...</p> <p>Uma aguarela, ... mas todos eles têm para mim ideia de aguarela, e eu gosto de aguarelas.</p>	<p>Eq. Choque G F- (A)</p> <p>G C'F Arte</p>
<p style="text-align: center;">VII</p> <p>13. ... Duas velhas! Duas senhoras, velhas não ... Num dueto Esta é uma imagem completamente operática, eu gosto muito de ópera!</p>	<p>Este também estive indeciso porque gosto muito dele (prova das escolhas), um dueto operático, suas sopranos A silhueta, o contorno.</p>	<p>Eq. Choque G K H</p>
<p style="text-align: center;">VIII</p> <p>Ah, logo à primeira é cor, que é uma coisa que me faz bem à saúde, tem rosas que eu gosto!</p> <p>14. Pode parecer uma coroa real, de um reino bastante importante .. coroa grande, consistente A mim parece-me uma coroa com armas reais e as bandeiras, acho mais isso ...</p> <p>Mas vem-me <i>a priori</i> a cor, não sei por os outros serem escuros... É o rosa, é bonito.</p>	<p>Coroa de Inglaterra, com as bandeiras e os leões (rosa lateral), leões ou leoas, uma coisa assim...</p> <p>E as cores que eu gosto.</p>	<p>Choque cor</p> <p>G FC Obj</p> <p>Com. Cor</p>

<p style="text-align: center;">IX</p> <p>15. ... Pode perfeitamente ser um contraste de um belíssimo candeeiro Art Deco, com as cores por detrás, do dia, do fim do dia ... Tem cor também, parece um candeeiro Art Deco, com um arco-íris por detrás, uma imagem muito cinematográfica, produzida em estúdio.</p>	<p>O candeeiro (eixo e Dbl), esta parte mais clara e o cenário por detrás... A sensação de aguarela, e as cores muito bonitas, muito mediterrânicas. ... Se estivéssemos nalguma cidade acho que pensaria em Paris!</p>	<p>Eq. Choque Dbl CF Obj</p>
<p style="text-align: center;">X</p> <p>16. ... Pode ser... o fundo do mar...</p> <p>17. mas com uma torre em cima, uma torre..... o fundo do mar Uma imagem muito aquática esta para mim ... E a torre ao mesmo tempo que</p> <p>18. poderá ser uma mulher deste mundo aquático, quem sabe a Atlântida! Não sei uma imagem muito aquática.</p>	<p>O mundo aquático (?) Todos estes animaizinhos que vejo aqui à volta, plâncton ... camarões, cavalos marinhos, estrelas do mar, sei lá ... E a tal história, isto tudo é um bocado mediterrânico...</p> <p>Depois tem aquela coisa lá em cima, por cima do mar, uma mulher, alguma deusa mediterrânica Como se fosse um lago e isto fosse um portão, a escadaria, a imagem da dona desse mundo aquático!</p>	<p>Eq. Choque G FC Paisag D F+ Arq D K (H)</p>

-

I e VI: são muito insectuais, muito viscosas.... são grandes, têm uma massa consistente, grande.

+

IX: Transmite-me um mundo muito cinematográfico e esteticamente tem muito a ver comigo... A Art Deco, as cores por detrás, estúdios de cinema, e tudo fabricado na altura. E as cores.

III: Faz lembrar um vaso bonito e uma mesa, gosto do contorno das silhuetas, tem umas silhuetas bonitas E tem o vermelho que eu gosto (indeciso com cartão II).

Psicograma

R= 18	G 13		F+ 1	A 4	F% 17
	G% 72	Σ F 3	F- 1	(A) 1	
	(2 Gbl)		F+- 1	H 2	A% 28
				(H) 2	H % 27
	D 5	K 3			
	D% 28%	Kan 2		Masc 2	Ban 4
	(1 D bl)	Kob 1		Arte 1	
				Fogo 1	
		CF 5		Obj 3	
		FC 2		Arq 1	
				Pais 1	
		FE 1			
		F Clob 1			

TRI 3: 6

F. Comp 3:0.5

FC/C+FE

RC% 28

Choques: VIII

Eq. Choque III, IV, V, VI,

VII, IX, X

Com. Cor : II, VIII

+ III, IX

- I, VI